

PREFÁCIO

Esta é uma homenagem a dois personagens que não são criação minha, mas que no decorrer dos oito anos de atuação nas histórias fictícias de Chris Carter no Seriado Arquivo-X, exibido pela TV no Brasil e no mundo, fizeram nascer no coração de seus apreciadores a melhor das emoções: o amor por eles.

Sendo assim, é que criei por minha imaginação, pequenos capítulos chamados DEVANEIOS, a fim de mostrar aos amigos e com eles poder compartilhar através da Internet, as emoções que nos causam esse par famoso, que aquece os nossos corações com o romantismo que é somente insinuado sutilmente no Seriado, mas que nós, denominados "shippers" fazemos questão de criar e curtir maravilhosas cenas de amor entre eles.

Devo acrescentar que as histórias aqui narradas, representam, na sua maioria, os momentos em que os Agentes dão por concluído o seu expediente de trabalho diário para o FBI, ou nos momentos de folga e finais de semana, já que, na realidade, não sei criar os casos fantásticos que possam ser investigados em suas missões e parto, assim, somente para as ocasiões românticas entre os dois.

Por essa razão peço-lhes que me perdoem se não for exatamente do seu agrado estas minhas histórias, mas é que, na verdade, eu gosto somente de escrever sobre a parte principal da vida... a sentimental.

A vida real, o trabalho, o ganha-pão, nos sustenta, realmente; é a sobrevivência do corpo, dos bens materiais.

Mas a vida sentimental é a sobrevivência da alma!

Pode ser que, em algum tempo, daqui pra frente, haja algum personagem na TV que nos dê tanta inspiração quanto esses dois. Pode ser...!

Só sei dizer-lhes que eu penso desta maneira: vai levar ainda algum tempo para aparecer ou jamais irão surgir tais inspirações para nós, escritores de fan fictions shippers. Esta geração de agora está privilegiada em poder participar e pôr em prática suas idéias literárias baseadas nos dois "lindinhos".

Mas... e o que virá à frente?

O mundo está cada vez mais frio, mais céptico, mais insensível, mais conturbado e assim todos os bons sentimentos vão-se tornando obsoletos.

O amor, aos poucos, vai dando lugar ao interesse, à necessidade, à desonestidade, à deslealdade, à infidelidade, à hipocrisia e vai por aí...

E o amor é, com toda a certeza, a base de tudo; o alicerce que sustenta a nossa vida; nada pode desmoronar para nós se temos a nossa existência amparada por esse sentimento.

E é, sem dúvida, como o Senhor Deus nos ensina.

Sem querer, o criador dessa dupla de personagens fez transparecer por dentro dos gelidos equipamentos para transmissão de um seriado de assuntos assombrosos, místicos ou paranormais, o calor gostoso da paixão saindo de dentro do coração dos seus próprios personagens para aquecer e dar mais sabor à vida de seus fãs.

E é por isso que ser shipper nos dá uma gostosa sensação de felicidade.

Significa, antes de tudo, que nos integramos tanto à personalidade de cada personagem, que ele passa a ser um pedaço de nós e torna-se fácil, portanto, criar à nossa maneira tudo o que desejamos para eles e que é sempre o melhor, claro!

À Fox William Mulder e Dana Katherine Scully, os dois Agentes Especiais do FBI do Governo dos Estados Unidos, a minha homenagem sincera e emocionada dentro dos capítulos que fazem o conteúdo deste livro e que faço perpetuar nas letras suas aventuras, assim como guardo com todo carinho os 187 episódios que estão gravados em fitas de vídeo, no meu acervo de Arquivo-X.

Aos atores que personificam as respectivas caracterizações, David Duchovny e Gillian Anderson, os meus agradecimentos por me darem essas inspirações e votos de que, mais tarde, quando não mais estiverem trabalhando nos episódios desse fabuloso Seriado, possam ser sempre queridos e que tornem-se uma lembrança linda e emocionante para aqueles que tenham assistido aos seus trabalhos nos episódios por eles vividos em todos esses anos, pois eles, na verdade, com seu carisma e beleza, fizeram com que esses personagens alcançassem tanto sucesso no mundo inteiro.

Aí estão, para seu deleite e para deixar correr a sua imaginação, os dois personagens principais deste livro, que fará a você leitor(a) feliz por estar usufruindo destas historinhas, escritas somente para incentivar as emoções dos seus pensamentos, os seus devaneios...

A esses consagrados atores eu agradeço a felicidade de ter aumentado em minha existência um grande número de bons amigos, ter recebido meus prêmios, os quais me deixaram com o coração repleto de alegria, como o conquistado com o meu poema Recado Para Mulder e Scully, também a reportagem do jornalista Sergio Rodrigo Reis para o Jornal do Estado de Minas, as palavras de elogios e incentivo da Silvia Penhalbel, assim como sua belíssima homenagem no site X-Fonte e a matéria publicada na Revista SCI-FI News, com a qual colaborei em minha pesquisa de momentos românticos dentro dos episódios de Arquivo-X.

Para mim causaram imensa satisfação e os posso exibir como verdadeiros troféus.

À Gillian e o David, embora saiba que jamais terão conhecimento da minha existência, dedico aqui o meu maior carinho e desejo de um futuro feliz e grandes alegrias na alma e no coração.

Wanilda Vale

INDICE

Prefácio		Pagina	Data
91	Um Medo Atroz	5	06.10.01
92	Amarga Ocasão	9	15.10.01
93	Ato de Bondade	12	16.10/01
94	Sempre o Temor	16	21.10.01
95	Inatingiveis Sonhos	19	29.10.01
96	Encanto do Pai	24	02.11.01
97	Certo Desprezo	28	06.11.01
98	E Impera a Vaidade	32	13.11.01
99	A Arte de Viver	35	01.01.02
100	A Trajetória de Um Amor	38	15.01.02
Extra 10	Tadinho...!	130	10.11.01
Extra 11	E Como Faz Falta...!	131	14.11.01
Extra 12	Beleza em Poesia	132	12.11.01
Extra 13	Uma Prosa Com Segundas Intenções	135	19.12.01
Extra 14	Sonhos de Uma Noite de Natal	137	06.01.02
Extra 15	Aniversário Feliz...??	145	20.02.02
Extra 16	Descrição	147	01.03.02
Epílogo		148	

UM MEDO ATROZ

"A imaginação é que produz o medo."

C. Diane

Capítulo 91

Empurrando o carrinho do bebê e de mãos dadas com Dana, Mulder caminha sobre a pequena praça de solo coberto por paralelepípedos.

- Está feliz?
 - Ah, Mulder, como não? Existem certos momentos na nossa vida que não acredito existirem. São tão fantásticos...!
 - Pra contrastar com os dramas pelos quais passamos tantas vezes.
- Um vendedor passa por eles apregoando sua mercadoria.

- O que você acha?
- De que?
- Ah, Scully, aquilo ali. Quer um?

Ela dá de ombros, indiferente.

Mulder chama o vendedor com sua mercadoria em pacotes de suave colorido presos numa grande haste, a qual ele segura em direção ao céu.

Mulder faz a compra. O homem agradece e sai.

- Que tal estou? Pareço um garoto?
- Sem sombra de dúvida, Mulder! Por vezes você é mesmo uma criança.
- Toma, dá uma mordida.

Ela arranca com os dentes uma pequena e diáfana parte do algodão doce.

- Você está só antecipando o que nosso filho vai fazer, daqui a mais algum tempo.
- É claro que sei disso!

O bebê começa um choro discreto.

- Que foi? - ela pergunta para ele, carinhosa.

Examina-o entre suas roupinhas.

- Imagine só!
- O que?
- Tenho que trocar a fralda.

A brisa que soprava transforma-se num vento mais forte, o que faz Dana desanimar de trocar a fralda da criança ali mesmo, naquele local.

- Vamos entrar naquela lojinha lá. - ele aponta.
- Vamos, sim.

Dirigem-se para o lugar escolhido naquele momento.

- Scully, enquanto você fica aqui, eu vou lá do outro lado da praça comprar minhas sementes que acabaram, já que esta loja aqui é um armarinho.
- Está bem, Mulder. - diz, enquanto prepara-se para trocar o bebê.

Mulder afasta-se. Põe-se a caminhar.

Meninos brincando de bola de gude no meio da praça, chamam sua atenção. Por um momento pára os passos, a fim de apreciar a garotada feliz em seus folgedos.

Recomeça a caminhar e aproxima-se da pequena mercearia. Compra as suas sementes preferidas.

Saindo da mercearia, passa por uma banca de jornal, muito sortida até, para uma cidadezinha tão pequena.

Pára por instantes. Distrai-se, lendo as manchetes dos jornais do dia.

Notícias variadas: política, assaltos, sequestros e mais as amostras sensuais de belas mulheres em poses eróticas.

Lembra de suas fitas pornográficas que ainda existem em seu apartamento.

Passa os olhos pelos cartazes dos filmes que estão publicados num dos jornais.

Erguendo a cabeça, sua vista alcança metros adiante. Vê um modesto cinema, que traz em cartaz um filme que não é atual.

Mulder esboça um leve sorriso, ao imaginar que ele e Dana, que vivem em perseguições ou são perseguidos, ali estão, nessa cidade quase desconhecida do mapa. Mas isso lhes faz bem. Sentem-se felizes. Leves. Precisam respirar um pouco num clima de paz e felicidade.

Balança um pouco a cabeça, concordando com seus próprios pensamentos.

Volta-se para retornar até onde Dana está com o bebê, do outro lado da praça.

Caminha em passos apressados e firmes até onde se encontra Dana, no armário em que a havia deixado.

Mas não a vê por ali, porém. Rápido olha para um lado e outro no lugar.

Aproxima-se da pessoa junto ao balcão:

- Por favor, a senhora que estava aqui... para onde foi? Sabe informar?
- Não sei, senhor. - responde a mocinha, com ar distraído.
- Como?! Ela estava aqui!
- Eu não a vi, senhor. - ela responde, sem sequer olhá-lo, preocupada em folhear uma revista.
- Como é possível?! Ela estava aqui! Com um bebê! - quase brada.

Mas a fisionomia tranquila da moça, que o olha com ar indagativo, quebra sua paciência.

- Ok. - ele fala e sai da loja, impetuosamente.

Em cada loja ou mercado, vai entrando, em busca de Dana e o bebê.

- Mas não é possível! - agora fala, enraivecida com um passante - Ninguém foi capaz de ver uma mulher, carregando um bebê num carrinho?!

As pessoas só o respondem negativamente.

Mulder sente-se enlouquecido de terror. O medo, um medo atroz, começa a tomar forma em sua consciência.

O que acontecera com Scully e o bebê?

Iniciara-se na mente de Mulder uma espécie de pânico.

- Scully!! - ele grita - Scully!!

Os transeuntes o olham, como se fosse um ser de outro planeta. Não entendem seu pânico.

- Scully!! - grita, enquanto caminha em passos largos, quase a correr.

Lembra-se de pegar o telefone celular no bolso.

Abre-o, rapidamente, e vai coloca-lo junto ao ouvido, quando lembra que Dana não está carregando o dela.

Com raiva, guarda o aparelho.

- Scully!! - continua a bradar - Scully!!

Sabe e sente que já não pode ficar acomodado. Tem que fazer algo. Tomar alguma providência.

Continua, quase em furor, a procurar, loja a loja, por Scully e seu filho. Tudo em vão.

- Louco! - fala consigo - Louco eu sou!

"Como pude deixá-la por momentos, sabendo que seria um risco?" - imagina nesse instante.

O ruído de cascos de cavalo a galopar sobre o solo de paralelepípedos chama-lhe a atenção e ele olha.

Uma charrete, sendo puxada por um vistoso e bem tratado animal, passa ali.

- Oh, meu Deus! - Mulder exclama, passando a mão pelos cabelos revoltos.

De repente um grupo de crianças aparece a correr distante, até aproximar-se da praça. Elas correm agitadas, a fim de alcançar um balão lindamente colorido que está caindo.

Mulder, por questão de segundos, põe-se a contemplar a brincadeira, fascinado pelo divertimento dos garotos.

Ele aproxima-se de um dos adolescentes que formam a minoria do grupo.

- Você viu uma moça com um carrinho de bebê? - pergunta.

O menino meneia a cabeça, negativamente.

Faz a mesma pergunta a outro, que, da mesma maneira que o anterior, o responde em negativa.

Mulder pragueja pela situação, enquanto que, no mesmo instante, as crianças voltam a correr desabaladas, tentando alcançar o balão, brandindo para o alto as varas que têm em mãos.

- Scully... - murmura Mulder.

Ele sai a correr pela rua. Sente que o suor já envolve-lhe o corpo. Gotas se lhe escorrem no rosto. Continua correndo.

Duas senhoras que por ali caminham, detém os passos para observá-lo. Olha uma para a outra, sem entender o que faz aquele homem bem apessoado, ali estar a correr como um louco.

Após ter alcançado o final da longa rua beirando a praça, Mulder retorna.

Sabe que é impossível, num espaço de tempo tão curto, ela ter desaparecido. Dana tem que estar ainda nas imediações.

Um homem apregoando com música sua mercadoria comestível, aparece na praça.

O ruído intenso da melodia provinda do carrinho envidraçado, toma todo o espaço, no ar.

Mulder faz um muxoxo, chateado. Mais a música, agora, para atormentar seu ânimo já revoltado com o acontecimento!

- Scully!! - grita ele - Scully!!

Grita, como se desejasse assim, sobrepor-se à melodia do homem que vende suas iguarias no carrinho musical.

A algazarra das crianças querendo tascar o balão, juntando-se à música do vendedor, deixa Mulder desnortado.

Ele passa, novamente, em frente à loja em que deixara Dana minutos atrás.

No balcão, a mesma mocinha, distraidamente continua a folhear a revista, enquanto masca um chiclete e balança o corpo, acompanhando uma melodia que sai do pequeno rádio sobre o balcão.

Mulder recomeça a caminhar, apressadamente, pelas calçadas ao redor da praça, olhando no interior de cada loja dali.

Nas lojinhas em que existem portas fechadas, ele as abre para entrar, examina o interior do ambiente e, após isso, sai do local batendo estrepitosamente cada porta.

Esse seu impulsivo gesto, além de assustar, deixa indignado o dono de uma dessas lojas que, vendo o ex-Agente sair, acompanha seus passos e fica na porta, de mãos à cintura, meneando negativamente a cabeça, em sinal de reprovação.

Mas Mulder não se preocupa com a opinião de quem quer que seja. Continua em sua busca.

- Scully!! - grita - Scully!!

Um homem idoso, com ar benevolente, aproxima-se:

- Está procurando alguém?

- Sim, a minha... uma moça com o bebê no carrinho.

- Ah... - o homem coça a cabeça.

- O senhor a viu?

- Infelizmente, não.

Mulder o olha, quase enfezado, pela frustração da resposta.

- O senhor não é desta cidade, não?

A resposta não fôra dada ao homem. O ex-Agente já se encontra a vários metros de distância dele, nos seus largos e apressados passos.

- Esquisito...! - resmunga o homem idoso, recomeçando a sua caminhada.

Mulder vai até o centro da praça. Há no local um banheiro público.

"Será que, no momento em que me encaminhei para o outro lado da praça, a Scully entrou nesse banheiro? É uma hipótese viável." - pensa, quase animado.

Ele dirige-se ao banheiro feminino.

Uma mulher, manuseando um rodo com um pano, faz a limpeza do chão.

- Por favor, senhora, aqui entrou uma moça com um carrinho de bebê?

- Não, senhor... o que houve? - pergunta, vendo o semblante ansioso dele.

Como ocorreu anteriormente, também esta ficou sem resposta.

Mulder já está se distanciando a vários metros do local, andando quase a correr.

- Será que foi sequestrada? - a mulher se pergunta, parada, observando Mulder caminhar apressadamente.

A turma de garotos, agora, já tendo derrubado o imenso balão colorido, diverte-se vendo a imensidão vazia e amassada do papel no chão.

Mulder tem seus passos atrapalhados pela entusiasmada criançada.

Mais uma vez pragueja qualquer coisa, chateado que está pela situação que agora enfrenta.

Um espalhafatoso ruído de sirene de vários carros de bombeiros passa junto à praça, perturbando-o nos seus pensamentos já tão massacrados pela angústia.

É demais para ele. Sente-se já um derrotado. E culpado pelo desaparecimento de Scully e a criança.

***"Coisa terrível é sentir
como sua a culpa alheia."***

Oscar Wilde

AMARGA OCASIÃO

"As ocasiões que nos tornam frágeis, apenas nos mostram quanto o somos."

Madame de Choisel

Capítulo 92

Mulder não sabe mais o que fazer. Acha, neste momento, que jamais sentira-se tão impotente, tão sem ação em toda sua vida, como nesta amarga ocasião.

"A minha Scully! O meu filho! Onde foram parar?" - sua mente cansa-se em pensar. Sente-se neste momento intensamente infeliz. Imagina o porquê de suas vidas estarem sempre tão agitadas, sempre tão embaladas pela angústia e o terror.

Mulder roda em seus calcanhares, querendo ter uma percepção de qual direção tomar.

- Não é possível!! - brada, enfurecido.

O desânimo domina seu corpo. A sensação de infelicidade toma por completo o espaço do seu coração.

Ele, parado no centro da praça arborizada, coloca as mãos sobre o rosto.

Levanta, a seguir, a face para o sol brilhante e, com os olhos fechados, deixa que a quentura afague-lhe a pele.

- Scully...! - murmura, enquanto seus olhos inundam-se de lágrimas.

O suor corre-lhe em torno do pescoço e nas fronteiras. Suas mandíbulas pulsam dentro da carne. Ele passa a mão com força pela testa, como que procurando dar um refrigério em sua mente cansada. Seu olhar gira em torno, procurando avistar ao redor da praça, nas calçadas, onde estão situadas as várias lojas.

Num dado momento põe-se a correr; o desespero e o terror cada vez mais tomam conta do seu ser.

Suas passadas largas e pesadas engolem os metros de chão, o qual percorre apressadamente.

Súbito, seus olhos não querem crer no que estão vendo.

- Scully!! - brada, aflito.

Parada, à porta da loja onde Mulder a deixara, Dana está encurvada sobre o carrinho do seu bebê, lhe ajeitando o pequenino corpo, que agita os bracinhos, com os olhos fixos na linda mamãe.

- Scully!! - ele grita, novamente, ao avista-la mais de perto.

- Mulder! - ela parece surpreender-se com a agitação dele.

Uma mulher ao lado de Dana, sorri, vendo-o aproximar-se.

- Scully!

Mais uma vez Mulder chama, aflito.

O bebê ao vê-lo agita as pernas e braços, sorri no semblante inocente, mostrando um olhar de alegria.

Num ímpeto, Mulder o retira do carrinho, segurando-o fortemente junto ao seu corpo.

Com o braço livre, envolve Dana.

Ficam ali, os três, aquele trio amoroso, num puro gesto de carinho. Ternura.

A mulher ao lado deles continua a sorrir, vendo a enternecedora cena.

Dana percebe que algo se está passando e ela deseja entender.

- Mulder, o que houve? - pergunta, ainda apertada pelo braço quente e dominador dele, falando grudada ao seu peito.

Ele não lhe responde. Tem a voz embargada pela emoção da grata surpresa. Deseja mesmo nem largar nunca mais aqueles dois seres que são sua paixão.

- Mulder... - ela insiste.

Ele parece despertar, então. Afrouxa o aperto do braço. Afasta Dana de si para olhá-la. Segura-a no queixo e beija-lhe a testa, com calor.

- Scully...!
- Mulder... o que está se passando?
- Eu é que pergunto, Scully. Onde estava você?
- Onde eu estava, Mulder?
- Sim, onde? Há quase duas horas a procuro Scully, como um louco...!
- Mulder, o que é isso? Acho que por apenas minutos eu fiquei lá dentro da loja... - consulta o relógio de pulso - ... exatamente! Só quinze minutos!
- O que?! - ele beija as mãozinhas do bebê - Scully você me deixou simplesmente louco!
- Mas Mulder...

A mulher, que somente assistia a cena, resolve interromper:

- Desculpe, senhor... o senhor não ficou aqui mesmo na loja esperando?
- Não, não! Eu fui... - franze o cenho - ... espere aí, eu perguntei e me avisaram que não a haviam visto aqui dentro da loja.
- Quem, senhor?
- A mocinha que está no balcão.
- Ah, sim! Claro! Já sei o que foi! - diz Dana - Eu fui lá para dentro com a senhora, que me ofereceu para trocar lá a fralda do bebê...
- ... e fomos lá pra dentro, quando nessa hora, meu filho que tinha visto sua esposa entrar comigo, saiu, deixando no lugar dele minha filha, que acabava de chegar da rua.
- Foi isso. - fala Dana.
- Só... quinze minutos?!
- Só, Mulder.
- Vamos, Scully. - fala, puxando-a pelo braço.

Dana agradece a mulher e afastam-se da frente da pequena loja.

A senhora permanece na calçada, apreciando o casal distanciando-se do lugar.

Acharam-os de uma intensa ternura e amor.

Ela suspira, talvez lembrando sua época de mocidade. Entra na loja.

* * *

- Mas por que você achou que eu demorei tanto lá dentro, Mulder?
- Porque eu simplesmente enlouqueci, Scully. Você não tem idéia do que eu passei naqueles quinze minutos.
- Mas não é possível! O que aconteceu?
- Ah, nada que você possa entender.
- Por que diz assim?
- Porque eu não posso te perder.
- Me perder?! Como?
- Só eu entendo.
- Entende o que, Mulder? Pode me dizer? Você é sempre uma incógnita!

Mulder pára de caminhar.

Novamente aperta Dana contra seu peito, enquanto que, com o outro braço sustenta o bebê. Ficam parados assim, por vários segundos.

Dana percebe que alguma coisa negativa havia passado na mente de Mulder naqueles embaraçosos minutos.

Deixa que ele a aperte contra seu corpo. Ele parece estar necessitado disso.

Mulder, da turbulência que estava em seu interior, surge a paz, o bem-estar. Sente tranquilidade, agora.

- Mulder...?

- Ahn?

- O que houve? Dá pra me contar?

Ele suspira.

- Scully... eu quase entrei em desespero. Achei que você havia sido levada...

- Ah, Mulder! - ela lhe dirige um sorriso - Não precisamos viver em sobressalto. Tudo vai dar certo, Viveremos em paz daqui pra frente.

Ele suspira profundamente.

Com o dedo indicador levantado para o alto, dá um sorriso.

- Graças a Deus, Scully, tudo não passou de um susto.

Mulder recoloca o bebê no carrinho.

- Vamos embora. - ele chama.

- Claro, Mulder.

Caminham entre as frondosas e floridas acácias que derramam seus cachos, parecendo oferecer aos passantes sua riqueza dourada, fornecida pela natureza.

De vez em quando um pássaro atravessa o espaço, na sua mudança de um arbusto para outro ali da praça.

Nesse momento os gostosos raios do sol cobrem abundantemente tudo por ali, com seu calor. Ao mesmo tempo que o sol tudo esquenta, uma brisa mais forte, insistente, quase um vento, se instala no lugar. Aquilo faz revolver os cabelos ruivos de Dana, que insiste em retirá-los da testa, sem conseguir, porém.

Mulder ri, divertido com o embaraço de Dana e seus cabelos.

Aperta-a de lado contra si, enquanto empurra o carrinho do seu filho.

- Vamos logo pro nosso hotelzinho! Por hoje chega de emoções.

- Ah, menino impressionado! - beija-o na ponta do nariz - Nada como a gente não se deixar levar pelos pensamentos, sabia?

- Mas o que posso fazer, Scully? São tantas situações terríveis que passamos, que torna-se uma constante nossa imaginação correr demais, solta, livre, buscando por aí meios pra nos encher de temores.

- Eu compreendo, Mulder. Entendo perfeitamente. Quem sabe eu é que poderia ficar assim tão apreensiva, em qualquer momento?

- É isso. - passa um braço sobre os ombros dela - O que você quer mesmo fazer? Ir para o hotel ou passear ainda por aqui?

- Já vimos tudo, não é? Vamos embora, descansar...

- ... o corpo e a mente, - ele conclui - ... ter enfim tranquilidade.

*"A tranquilidade é felicidade
quando é repouso."*

Ludwig Borne

ATO DE BONDADÉ

*"Melhor que a justiça, a bondade
é o humano que toca o divino."*

Campoamor

Capítulo 93

Dana verga o corpo em direção do carrinho. Toma seu filhinho nos braços. Ele está choramingando.

- O que o meu bebê quer? Hein? - pergunta, amorosa.
- Seja o que for que tiver que fazer, será aqui do meu lado. - fala Mulder, com ar matreiro.
- Puxa vida, meu papai! Você tem medo que eu saia pra longe com minha mamãe, é? - diz Dana, brincando.

Mulder olha para ela, com um vago sorriso.

Estão passando perto de uma jardineira extensa, que exhibe sua infinidade de plantas com flores coloridas.

O ganido de um filhote de cão faz-se ouvir.

Mulder aproxima-se para investigar. Agacha-se.

Um pequenino filhote de tenra idade, está no local. Apoiado nas patas traseiras, com uma das patinhas dianteiras levantadas, está ganindo, parecendo pedir auxílio.

- Meu Deus! Olha, Mulder!

O peludo filhote abana a cauda, satisfeito por ver ali alguém que o possa acudir.

- O que ele tem? - pergunta Dana.
- Tem a pata ferida, Scully!

Mulder toma o animalzinho, que não sabe de que forma pode agradecê-lo, a não ser com os lambidos e o abanar da pequena cauda.

- Aaah, parece um floquinho de algodão! - diz Dana.
- Pobre animal. Alguém o largou aqui! Como pode, Scully?
- É. Ele tem dono. Parece bem tratado. - faz uma pausa, olhando Mulder acariciando o animal - O que vai fazer, Mulder?
- Eu nem sei, Scully.
- Coitadinho do inocente! Vamos levá-lo conosco!
- Como?! - espanta-se.
- Até o hotel, Mulder! Alguém fica com ele lá.
- Pode ser que sim. Tomara.

Com o cãozinho seguro, encostado em seu corpo e empurrando o carrinho, Mulder caminha ao lado de Dana que carrega o bebê no colo.

- O que terá acontecido com ele, Scully?

Ela aproxima-se para ver o ferimento na patinha do filhote que Mulder segura, para mostrar-lhe.

- Foi atropelado, com certeza. O tecido dilacerado mostra isso.
- Mas como pode? Com esse trânsito daqui? Que é quase nenhum?
- Uma dessas bicicletas, Mulder! É o que tem demais por aqui.
- Tem razão. E largam o animalzinho desse jeito!
- Mulder... lembra do Queequag?

- Sim.
- Até hoje, às vezes me lembro da forma como morreu o bichinho.
- Mas, pelo menos, aqui não tem nenhum monstro naquele laguinho lá adiante. - ele aponta.

Dana sorri.

- É verdade. Lembra do nosso medo terrível naquela noite e afinal não era nada demais? - de repente muda o tom da voz - Mulder! Parece o caso que aconteceu há pouco! Você estava com um medo infundado, enquanto eu e o nosso filho estávamos bem, em lugar seguro!
- Eu sei, Scully. O medo é mesmo causado por nossa imaginação.

Ela aperta o braço dele, querendo confortá-lo.

Continuam andando em direção do hotel.

Uma manada de carneiros, com seus pêlos pouco limpos e balindo, atravessa seu caminho na estreita estrada que leva ao hotel.

O casal acha engraçado ver os tais animais.

O cachorrinho esperneia, inquieto, nos braços de Mulder.

O dia de sol forte faz com que os dois não consigam fitar com os olhos totalmente abertos a estrada à sua frente.

- Mulder, é melhor colocar o bebê no carrinho. O sol está forte demais. - aponta a face de seu filho - Olha só a carinha dele! - ela ri.

A criancinha, com os olhinhos apertados, os contrai mais, a fim de poder enxergar os rostos de seus pais à sua frente.

Mulder permanece observando o semblante do seu filho, enquanto Dana o ajeita comodamente no carrinho.

O bebê chora.

- O que ele quer, Scully?
- Colo, ora vejam só!
- Foi você que o acostumou!
- Eu? Foi você, que o pega no colo a toda hora!
- Ah, tá! Você não admite mesmo, hein? Scully, quando nosso filho crescer, vai querer ter um cãozinho pra brincar.
- Sem dúvida!
- Mas aí já estaremos morando numa confortável casa, não acha?

Uma mulher caminha, apressadamente, em direção contrária a que Mulder e Scully seguem. Segura um menino pela mão.

- **Mãe, olha lá!!**

A voz do garoto sobressai no espaço. Ambos param sua caminhada, aguardando Mulder e Scully aproximarem-se.

- Ei, senhor! - chama a mulher.

Mulder percebe que é com ele a chamada. Detém os passos, aguardando.

Dana também pára de caminhar.

- Eu não acredito que seja ele! - exclama a mulher.

Mulder observa que ela o está fitando, fixamente.

O menino inicia um choro manso.

- É ele, mãe! - exclama o menino, em lágrimas.
- Senhor, por favor!

Mulder pára seus passos, a fim de atender o chamado.

- Mulder, eles estão olhando para o cachorrinho. - diz Dana.
 - Eu sei, Scully.
 - Senhor, esse é o meu cachorrinho! - exclama o menino, com semblante ansioso e molhado pelo choro.
 - Ah, é seu?
 - Não temos dúvida, senhor, por causa dessa mancha marrom no olho esquerdo dele. - explica a mulher.
 - Está ferido! - nota o garoto.
 - Esse animalzinho estava lá perto da praça, num canteiro de flores. - diz Mulder - Pode pegá-lo.
 - Ah, meu Deus! - a mulher segura o animal e passa-o aos braços do menino.
- Os olhos vermelhos da criança inundam-se de mais lágrimas nesse instante.
- Está chorando?! - Dana admira-se.
 - Sim, desde cedo, quando o bichinho sumiu. Imagine se só tivesse este!
 - Por que? Tem outros?
 - Sim; mais cinco! - explica a mulher.
 - Mas este é o meu favorito! - choraminga o menino, apertando-o contra o corpo - Eu estava sentindo falta dele! - afaga o cãozinho - Ele é o mais bonito da ninhada! - faz uma pausa - Estavam levando ele pra onde?
 - Para que fosse ser companheirinho do seu bebê. - diz a mulher.

O casal ri.

Mulder agacha-se para chegar à altura do garoto.

- Nós não deixaríamos que você ficasse chorando, se soubéssemos a mais tempo que era seu, tenha certeza.

O menino continua soluçando agarrado ao animal.

- Eu sei que o senhor faria isso.
- Por que você sabe?
- Pelo seu rosto de bondade. - diz o pequeno.

Mulder o abraça, comovido.

Dana sente emoção, também.

- Realmente os senhores fizeram um ato de bondade trazendo esse cãozinho...! - diz a mãe do garoto.

A mulher achega-se para bem perto do carrinho.

- Seu filhinho é lindo!
- Obrigada. - fala Dana.
- Eu quero dar um dos meus cãesinhos de presente pra ele. - o menino fala, com alegria na voz.
- Não, obrigado. - Mulder responde.
- Não quer?! - surpreende-se o menino.

Mulder coloca a mão sobre a cabeça do garoto.

- Meu filho agradece o presente, mas é impossível, porque não moramos aqui.
- E onde o senhor mora? - o menino quer saber.
- Bem distante daqui, rapaz. - Mulder responde, em tom amigo.
- Que pena! - o menino demonstra tristeza.
- Mas pode deixar que daqui a mais alguns meses, viremos aqui buscar o presente. Pode ser? - Dana deseja agradecer o garoto.
- Pode ser, sim, não é mãe?

- Sim, filho. - a mãe o responde, sorrindo.

- Então tá. - o menino fala para Dana.

Despedem-se.

Mulder e Scully encaminham-se para o seu lugar de destino: o hotel da cidade.

- Praticamos uma boa ação hoje, hein Mulder?

- Sim, lindinha.

Os dois prosseguem com prazer no coração.

Haviam proporcionado àquele menino uma alegria sem igual, devolvendo-lhe o animalzinho.

***"O prazer mais delicado é aquele
que se proporciona aos outros."***

La Bruyère

SEMPRE O TEMOR

*"O temor é quem desperta
a memória adormecida."*

Juan Grajales

Capítulo 94

O céu de um azul escuro, com milhares de pontos cintilantes, serve de cobertura às duas criaturas que estão apreciando a noite, neste instante.

A lua crescente, além da montanha, do infinito, desenha-se no espaço escuro, como a boca do céu.

De mãos dadas os dois permanecem na sacada do quarto do hotel. Pensamentos dispersos. Corações tranqüilos.

- Scully...?
- O que?
- Acha que está tarde?
- Não.
- Tá. Fiquemos mais um pouco.
- Sim, Mulder.
- A nossa mente divaga, não?
- Sem parar.
- Pensamentos bons ou maus?
- Ambos. - ela sorri.
- Você teme alguma coisa?
- E você?
- Não respondeu.
- Eu... acho que sim.
- Nosso filho?
- Sim... ele.
- Perseguições?
- Tudo, Mulder.
- Essa preocupação também fica em mim, Scully.
- Não dá pra tirar da mente.
- É verdade. Nunca podemos esquecer de que eles sabem da existência do nosso bebê.
- Eles...?
- Você sabe de quem eu falo.
- Sei... - suspira - ... e tenho medo.
- Não iremos permitir.
- Se fosse tão fácil fazer quanto falar...!
- Pessimista, Scully? - aperta-lhe mais a mão.
- Não. Consciente.
- Scully, muitas outras coisas podem acontecer.
- Como o que, por exemplo?
- Eu sei lá! Só o tempo pode dizer.

- Mulder, eu vejo apreensão no seu olhar.
- Ah, lindinha... - tenta sorrir - ... procura relaxar...! Nada de negativismo! Olha, façamos um trato: qualquer coisa que acontecer a mim, você vive a sua vida. Você e nosso filho.
- E daí? Interessante a sua sugestão! - tem ar de ironia - Tem mais outra tão chocante quanto essa? Está pensando em que, Mulder?

Dana fita-o, com olhar quase desesperado.

- Scully... o que houve? O que eu falei?
- Mulder, você quer me deixar louca!
- Que é isso, Scully? - tenta agarrá-la.

Dana esquiva-se e sai em passos rápidos para dentro do quarto.

- Scully! - chama-a, saindo em seu encalço.

Dana corre para junto da cama de casal, onde está o bebê.

Mulder a alcança.

- O que foi, Scully?

Ela não responde. Nem o olha.

- Está agindo como uma pessoa imatura, Scully.

Ela suspira. Cruza os braços.

- É... talvez até minha fragilidade seja devido ao fato de ter-me tornado mãe.

Mulder a esquadrinha com o olhar, procurando o seu.

- Scully...
- O que?
- Olha pra mim.

Ela fecha os olhos.

- Inconscientemente você se condena a arranjar um sofrimento sem motivo...

Ela continua de olhos fechados. Sabe que se fita-lo, sucumbirá à força do olhar dele, desbravador de sua alma.

Mulder aproxima-se e toca com os lábios nas pálpebras fechadas dela.

Esse ato dele age como a erupção repentina de um vulcão no coração de Dana. Atira-se nos braços dele, num choro manso e silencioso.

- Scully... - acaricia-lhe os cabelos - ... esse temor sempre existirá, mas não sofra por antecipação!
- Sim. - consegue balbuciar.
- Olha aí... - mostra seu filho - ... está vendo? Ele capta de você tudo que for negativo.
- Desculpe, Mulder.

Ele embala-a em seus braços como a uma criança.

Os minutos passam-se, um nos braços do outro.

Mulder afasta-a de si. Beija-lhe a face com doçura. Afasta-se em seguida.

Deita-se na cama, ladeando seu filhinho, que acompanha com o olhar cada gesto seu.

Mulder brinca com os pézinhos da criança.

Dana deita-se também ao lado de seu filho. Enxuga os olhos, enquanto os mantém fixos nele.

Há um profundo silêncio entre o casal, somente quebrado pelos murmúrios do bebê, desejando expor aos pais sua forma de comunicação.

Calados, olhando a sua pequenina criança deitada entre eles, movimentando seus braços e pernas, os punhos fechados, o casal deleita-se de amor e prazer.

É imensa sua felicidade nesse instante em que podem contemplar aquele pedacinho do seu próprio ser, gerado pelo seu amor.

Ambos sentados encostados, na cabeceira da cama, pernas estiradas ladeando seu filhinho, o contemplam agitar os membros e levar, com sua ainda difícil coordenação motora a mãozinha à boca.

Mulder segura a mão de Scully. Em seguida retira da sua testa alguns fios de cabelo que teimam em cair-lhe à frente.

- Melhorou?
- Hum, hum. - ela confirma.
- Scully, nós viveremos sempre com o temor do que nos pode acontecer ou ao bebê. Muito mais a ele queremos proteger, do que às nossas próprias vidas.
- Eu sei, Mulder.

Muitos minutos permanecem calados, apenas acompanhando com o olhar os gestos imprecisos de sua criança, que os fita, demonstrando um semblante de paz e alegria. Mulder quebra o silêncio.

- Feliz?
- E como!
- Nunca pensaríamos ter um bebê nosso!
- Nunca, Mulder.
- Scully, eu posso ter uma enorme quantidade de defeitos... mas eu te amo... e ao nosso filho... muito! Lembre-se sempre disso.
- Por que me fala essas coisas, Mulder? - ela o fita com os olhos molhados.

Ele ri, apenas, e mansamente lhe aperta a mão.

Mulder acaricia a cabecinha de seu filho. Sorri mansamente.

Scully continua observando-o, apenas.

Ele ajeita-se, esticando-se mais ao longo da cama. Repousa um dos cotovelos, segurando a cabeça com a mão, continuando a contemplar o filho.

Dana suspira, profundamente.

Não quer pronunciar nenhuma palavra no momento. Prefere ficar olhando aquele quadro belo do pai contemplando, embevecido, o filho que ajudou a conceber.

- Scully, sabe, olhando nosso filho assim, o fruto do nosso amor, vem à minha mente as tantas e tantas vezes que você esquivava-se de mim; na verdade procurava não entender as minhas palavras de amor, porque tinha verdadeiro medo, conforme você mesmo confessou. Tinha medo de me amar... medo de que um dia tivesse a mente e o coração ocupados por um homem que não lhe era, talvez, totalmente confiável... - olha diretamente para ela, esperando um protesto.

Mas Dana continua calada. Ouve somente.

As palavras de Mulder que soam longínquas nos seus ouvidos. De seu interior brota só o silêncio, que comanda sua boca neste momento.

"O silêncio foi dado às mulheres para melhor exprimirem seu pensamento."

Desnoyers

INATINGÍVEIS SONHOS

*"O que realizamos nunca é tão
belo como o que sonhamos."*

Olavo Bilac

Capítulo 95

Dana abre os olhos, desperta.

Pela pequena janela o lindo dia resplandece no claro alvorecer.

Ela olha para o lado de sua cama.

O bebê, numa cama de solteiro, enorme para seu pequenino corpo, está cercado por travesseiros que o protegem, sendo assim um berço improvisado.

A mãe, prazerosa, sorri, levemente, feliz por ver seu filhinho a dormir tão placidamente.

Dana volta o olhar para o seu lado, na cama de casal.

Mulder, de bruços, jogado sobre o colchão, ressona sem muito ruído.

Dana não resiste a acariciar-lhe os cabelos. Levemente passa os dedos, alisando a cabeleira revolta. O tom castanho dos cabelos dele parece refletir o clarear do dia lá fora.

No arvoredado próximo a passarada a cantar faz despertar a calma cidade, na qual seus moradores ainda estão repousando para amanhecerem num novo dia cheio de lutas, mas também de esperança.

Dana levanta-se. Dirige-se ao banheiro. Faz sua toalete matinal. Prepara-se para a lida do dia. Olha o relógio. Quase madrugada ainda. Muito cedo da manhã. Mas sente-se agitada. Veste, calmamente, o roupão de banho. Vê a porta abrir-se.

- Oi? - Mulder diz, ao vê-la.

- Oi. - penteia-se - Mulder, sinto muita falta lá de casa. Tudo é diferente aqui neste banheiro. Aqui estou me sentindo desorientada. Perco a noção das horas! Quando voltamos?

- Combinamos para hoje à tarde. Tudo bem?

- Claro. Eu nem mais lembrava.

Ele a agarra pelas costas.

- Está cheirosinha!

- Estou? - prende os braços dele ao redor do seu corpo.

Ele beija-lhe a nuca, embriagado pelo perfume.

Num ímpeto, toma-a nos braços; leva-a para o tapete; deita-a, cuidadoso, como se estivesse manuseando uma peça de cristal.

Ela somente deixa-se levar, entregue às carícias dele.

- Scully... eu te quero...

- Mulder...!

E um sem fim de carinhos e murmúrios é o que pode-se ouvir no aposento simples e discreto do quarto de hotel.

Ele lhe beija os olhos, que ela fecha ao toque dos lábios dele.

Desce os lábios pelo seu alvo pescoço, acariciando-a.

Dana acarinha-o no peito, amorosa e ansiosa por amor dele.

- Mulder...

- O que?
- Depois que acabar minha licença... eu não sei...
- Não sabe o que?
- Vou voltar ao trabalho...
- ... sim...? - ele puxa-a para junto de seu corpo.
- ... eu tenho que deixar nosso filho com uma babá.
- É o que temos que fazer.
- Não sei se vou conseguir aguentar.
- Tem que aguentar, mulher do FBI!

Dana sorri tristemente.

- Deixar meu bebê tão pequenino por várias horas no dia...!
- É, Scully... essa é a vida da mãe que trabalha.
- Mulder... acho que sempre vivi minha vida em busca de sonhos inatingíveis...! - murmura, quase para si mesma, enquanto em seus olhos brilham lágrimas.
- *"Se as coisas são inatingíveis... ora!"*

Não é motivo para não querê-las...

Que triste os caminhos, se não fôra

A presença distante das estrelas!"

- Mulder, que lindo!! De quem é?
- É um escritor português... - tenta recordar - ... não, Scully, um escritor brasileiro... acho que não sei pronunciar o nome dele.
- Como se escreve?
- M-a-r-i-o, o primeiro nome.
- Mario? - ela pronuncia.
- Sim... Q-u-i-n-t-a-n-a
- Quin... tana? - fala com dificuldade.
- Acho que é isso, Scully.
- Você tem boa memória, Mulder, para gravar citações tão bonitas.

O bebê chora na cama.

Dana senta-se.

O bebê insiste no choro.

- Ah, já sei. - Dana olha novamente o relógio na mesinha de cabeceira - Hora do café da manhã!
- Ah, garoto esperto! - Mulder exclama e levanta-se rápido - Vou buscar ele pra cá. Dirige-se à cama ao lado onde está o bebê. Carinhosa e cuidadosamente toma-o nos braços. Entrega-o à mãe.

Ela o recebe ternamente. Prepara-se para amamentá-lo.

- Scully... nosso filho será uma criança feliz.

Ela afaga os tenros cabelos de seu filho, enquanto o amamenta. Em seu olhar de carinho paira a dúvida.

- Scully...? - Mulder abaixa a cabeça para olhar fundo nos olhos dela - Você... está pensando em algo?
- Estou sim... eu gostaria muito que pudéssemos ser pessoas livres para fazer qualquer coisa que quiséssemos e não expostas ao perigo de sermos manipulados por...

Mulder cobre-lhe os lábios com a palma da mão.

- Não fale mais nada, Scully. Não vale a pena.

Ela cala-se, fitando-o ardorosamente. Após, volta o olhar para o filho, que lhe suga o seio. Aperta-o contra seu peito.

- Meu filhinho! - murmura.
 - Scully, hoje vamos andar um pouco aí fora e depois nos prepararemos para ir embora pra casa. Portanto, vamos sair cedo, logo após o café da manhã, para voltar cedo. Certo?
 - O senhor é quem manda! - brinca, sorrindo para ele.
- Mulder, em passos rápidos, afasta-se.

* * *

- Olha, Mulder, ele está fechando os olhinhos por causa do vento!
- Fecha a janela toda, Scully! Não faz bem pra ele! E você devia estar no banco traseiro com ele.
- Você continuando a dirigir desse modo, em velocidade de segurança, tenho certeza de que não há problema algum!
- Tudo bem, Scully. - olha com atenção o vidro da janela lateral do carro - Quero chegar em nossa cidade antes do completo anoitecer.
- Eu também.
- Acho que não vou guardar boas lembranças desse passeio, Scully.
- Ora, não?! Por que?
- Por causa do incidente daquele dia.
- Do medo infundado que você teve?
- Isso mesmo.
- Pára de pensar nisso, Mulder. Temos a vida toda pela frente. Estou agora é preocupada naquilo que temos que resolver quando chegarmos em casa.
- Sem dúvida, muito importante.

* * *

Dana olha para trás, às suas costas.

O visual diáfano do véu que se derrama pelo brilhante piso, tem a aparência de uma nuvem, com suas dobras e nuances, a qual despenca da tiara de pequeninas flores brancas, presa à nuca, por sobre os cabelos ruivos de Dana.

Ela volta o olhar para a frente de si mesma. O vestido que lhe delinea as formas até a cintura, num decote pronunciado que lhe mostra o colo alvo, parece rebrilhar em seu aspecto sedoso.

O farfalhar do tecido espesso pode-se ouvir, ao menor movimento que ela faz.

"Mulder estará me esperando na hora certa, como todo noivo?" - indaga-se, em pensamento.

Ela olha para Maggie, feliz e deslumbrada, segurando o netinho, enchendo-o de mimos e carinhos.

Dana sabe que deve caminhar até perto do altar de Deus, onde deverá estar Mulder à sua espera.

Divisa-o de longe, junto a outras pessoas.

Lá encontra-se o seu Mulder. Ela o observa vestido num terno elegante e fino. Seu porte altaneiro destaca-se entre as figuras que estão à sua volta. Ele lhe parece ter um semblante feliz.

"Também, pudera! É claro que ele está feliz! Vai se unir a quem ama!"

Dana acha engraçado pensar desse jeito.

Mas essa é a realidade. Amam-se. Precisam um do outro. E este dia é significativo para ambos.

Dana percebe que o olhar de Mulder já vislumbrara sua imagem entrando na Igreja.

Ele vê nos olhos dela o brilho de felicidade.

Dana olha para a pessoa que oferece seu braço para encaminha-la até o altar. Sente-se radiante.

- Está feliz? - pergunta o seu acompanhante.

- Claro, Bill! - sorri, contente - Estou maravilhada!

Dana percorre, vagarosamente, o caminho até o altar, junto a seu irmão.

O solene toque do órgão ressoa dentro da Igreja, dando à cerimônia um ar quase irreal.

Dana olha, discretamente, para os lados, onde os poucos convidados à cerimônia dirigem para ela seu melhor e emocionado sorriso. A garganta se lhe embarga, tentando conter o choro.

"Mulder, - ela pensa - o meu Mulder, o pai do meu filho, agora tornar-se-á meu marido. É um sonho, o qual pensava ser inatingível que posso, neste momento, realizar. Posso vê-lo lá, altaneiro, belo, seu porte másculo, sua índole sensível naquele rosto que me cativa: a boca sensual, o queixo que forma uma bolotinha gostosa para eu morder, os olhos pequenos mas perscrutantes, que parecem querer desvendar o mais íntimo dos meus pensamentos, os cabelos castanhos que eu posso afagar, a pele do rosto que, quando a barba está a aparecer, é o meu prazer ao senti-la roçar na minha pele... as mãos de finos e longos dedos, que vasculham o meu corpo com avidez... o meu Mulder!"

O noivo acompanha com o olhar atento os passos lentos e estudados de Dana, sendo levada em sua direção.

"Ali está, - ele pensa - a minha Scully, a minha Dana, sendo trazida pra mim por aquele que sempre me detestou... mas a vida é assim... nunca se pode dizer **"desta água não beberei."** A minha Scully... vejo o brilho no seu olhar esplendidamente azul me fixando... seu rosto quase angelical na tez clara... esses cabelos dela onde gosto de enfiar os dedos e sentir sua maciez em contato com a minha pele... a boca rosada e apetitosa parecendo sempre esperar pelo meu beijo... minha Scully... a mãe do meu filho... a minha mulher, que, com seu corpo pequeno cabe todinha dentro dos meus braços... Scully...!"

Dana está chegando, agora, junto ao altar.

Mulder lhe estende a mão.

Ali permanece o casal a ouvir as citações vindas da Palavra do Senhor Deus.

Eles as ouvem e com elas são tocados até o âmago de seus corações.

Seus olhares permanecem fixos um no outro, procurando, cada um, entregar a Deus seu caminho, sua própria vida, neste momento.

Algo atrai a atenção de Dana. Já não ouve o som suave e majestoso do órgão a tocar.

O coração pulsa mais forte. O choro, até então contido, aflora-lhe facilmente aos olhos, agora. Porém fecha os olhos e deixa que as palavras vindas do ministro de Deus

embale a sua mente, os seus pensamentos, o seu espírito. As palavras lhe penetram os ouvidos, solenemente:

"Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea..."

E as palavras continuam a soar no átrio, penetrando até o subconsciente de Dana.

"... por isso deixa o homem pai e mãe, e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne."

Dana abre os olhos úmidos. Nada vê, no entanto.

- Ahn? - assusta-se.

No ambiente totalmente escuro só consegue divisar que está em sua própria cama.

Mulder ao lado, pressente-a mexer-se.

Dana ergue o corpo e senta-se. Respira fundo.

- Que foi, Scully? - é Mulder perguntando, ao vê-la sentar-se no meio da noite.

Dana sorri, vagamente.

- Mulder, como é mesmo aquele versinho das coisas inatingíveis?

- O que? Ahn... - espreguiça-se longamente e fala sonolento:

"Se as coisas são inatingíveis... ora!

Não é motivo para não querê-las...

Que triste os caminhos, se não fôra..."

- ... ***a presença distante das estrelas!*** - ela completa junto com ele.

- Por que pergunta? Estava acordada só pra decorar o versinho?

Ela deita-se, aninhando-se sobre o peito dele:

- Vamos dormir, Mulder. Quero ver se continuo meu sonho... quase inatingível.

"O sonho é a coisa mais bela que há na vida e também a mais falsa."

Vargas Vila

Nota - Agradeço à minha amiga Rosa Orofino o versinho inspirador que há tempos me enviou e que serviu de tema para esta história.

ENCANTO DO PAI

"O mais generoso de todos os afetos que fazem palpitar o coração humano é o de pai."

Paolo Mantegazza

Capítulo 96

Scully está atarefada.

Havia mandado fazer uma grande faxina em seu apartamento. Mas a parte que lhe compete, arrumar coisas pessoais, dava-lhe imenso trabalho.

Muita coisa retirara de seu armário, para, novamente ser recolocada. Trabalheira.

Em dado momento suas mãos tocam em um objeto que a faz, imediatamente, relembrar algo.

A desengonçada figura surge, segura pelos dedos de Dana.

"Eu já nem lembrava mais dela!" - pensa.

Ganhara-a na véspera de um dia grandemente atribulado.

"Não gosto de pensar na ocasião, mas este presente me tocou fundo, no coração."

Ela está distraída, segurando o objeto em suas mãos, de pé, junto às portas escancaradas do armário.

- Aaah!?? - ela quase dá um grito; volta-se para trás.
- Assustou-se?
- Oh, Mulder, você me pegou de surpresa. Eu não esperava!
- Sei disso. Eu vim sorrateiramente, de propósito, pra assustar você!
- Por que fez isso?
- Scully, o que houve? Não posso brincar?
- Mulder... desculpe... acho que nós... que eu estou sempre de sobreaviso. Vivo alerta em todos os momentos da minha vida.
- Relaxa, Scully... relaxa! - fala, embalando-a docemente, como a uma criança.

Dana sente-se mais descontraída.

- Mas o que é isso que você está segurando... ah! a...
- ... a boneca que você me deu, Mulder! Naqueles dias atribulados larguei-a aqui dentro do armário e quase a esqueci.
- Obrigado pela atenção dada ao meu presente.

Ele afasta-se, cruzando os braços diante dela.

- Deixa de ser bobo, Mulder! - aproxima-se e aperta-o muito forte contra seu corpo.

Mulder corresponde.

Dana afasta-se.

- O que está fazendo? - ele pergunta.
- Não está vendo? Faxina no armário.

Ela tira uma caixa com um par de bonecos.

Mulder senta-se na cama para olhar.

- Você comprou essas?
- Não. Estas eu ganhei no chá de bebê.
- Chá de bebê?!

- É. Que eu fiz naquele dia, aqui em casa.
- Sei. E serve-se chá numa ocasião dessas?
- Ah, Mulder... na verdade bebe-se tudo, menos chá!
- Vocês, mulheres...!

Dana continua retirando objetos do armário e os vai jogando ao lado de Mulder, na cama.

- Meias suas jogadas aqui... barbeador... camiseta... olha Mulder, a loção de barba que você estava procurando...! Pudera! Não ia achar mesmo!
- Você é que deve tê-la colocado aí.
- Ah, sim? Pra que eu ia pegar na sua loção de barba?
- Pra sentir o meu odor característico quando estou ausente.

Ela pára o que está fazendo e olha-o, amorosa.

- Você tem toda a razão, Mulder! - suspira, profundamente.

Ele ergue-se, alcança-a e a puxa pela cintura, derrubando-a sobre a cama.

Grudam-se, gostosamente, um ao outro, prazerosos.

O bebê chora no berço.

- Scully, deve ser hora da refeição! - fala, sorrindo.
- Não. Ele já almoçou. É porque está nos vendo aqui e quer colinho.
- Aaaah...! - ele levanta-se e vai em direção do berço.

Retira, jeitosamente, o bebê do berço, carrega-o no colo e deita-o sobre a espaçosa cama.

Enquanto Dana arruma os objetos de volta ao armário, Mulder brinca com os pezinhos do filho, debruçado sobre ele.

- Scully...
- O que?
- Quando se é dessa idade só vive para comer e dormir... não é engraçado?
- Muito, Mulder! - Dana responde, ironicamente.
- E mais engraçado sou eu.

Ela volta-se para olha-lo.

- Que é engraçado em você?
- Atualmente eu só como e durmo. Nada mais. Estou desempregado!

Dana olha-o, pesarosa. Em segundos, porém, seu semblante modifica-se, demonstrando alegria, para descontraí-lo.

- Mulder, fica aí com o Will. Vou preparar nosso almoço.
- Ok.

O bebê agarra a primeira peça de roupa que está próxima e vai levando-a à boca.

Mulder a puxa, cuidadoso, de suas mãos. Olha para trás, a fim de falar alto, de modo que Dana o possa ouvir de onde está.

- Scully, precisa que vá comprar alguma coisa para o almoço?
- Não, Mulder! Está tudo bem! Não precisa! - ela responde da cozinha.

Mulder segura, novamente seu filho para coloca-lo no colo. Caminha com ele para onde Dana está.

O bebê, agitando as mãozinhas, olha, firmemente para o pai.

- Que foi? Hein, filhote? - Mulder pergunta, brincando com o filho.

Dana, às voltas com pratos e talheres que tira do armário, pára de repente, para apreciar a bela cena à sua frente.

Mulder continua a brincar com o filho no colo. Senta-se Em sua mão o objeto dado à criança para distrai-lo, cai ao chão. Ele o apanha do chão e continua a agitá-lo frente aos olhos do bebê.

Em um dado momento em que havia parado por segundos, seu trabalho, Dana, vê, horrorizada, o que Mulder tanto agita diante dos olhos da criança, para chamar-lhe a atenção.

- **Mulder!!**

Ele assusta-se:

- O que?!

- Mulder, você está usando a **minha** boneca como brinquedo pro Will?! Eu não acredito!

Mulder fixa, estático, os estupendos olhos azuis de Dana a lhe censurarem.

- Pois pode acreditar!

E sacode a descongonçada boneca diante dos seus apaixonantes olhos cor do céu.

Dana vai rápida na direção de Mulder.

- Me dá isso aqui! - e toma a boneca das mãos dele.

Após toma-la, sai em direção do quarto com a boneca nas mãos.

Mulder dá de ombros, indiferente.

Dana retorna à cozinha.

Novamente seus olhos deparam com uma cena que não lhe é nem um pouco agradável.

Mulder havia deixado que a criancinha agarrasse com sua pequena força a ponta da toalha da mesa, incitando-o com palavras ternas e incentivando-o a puxa-la.

Dana pára à porta, com o olhar fixo na cena. Percebe que poderia causar estragos a toalha arrancada da mesa, pois sobre ela se encontram utensílios de vidro e porcelana, copos, potes com alimentos em conserva e demais vasilhames preparados para uma refeição. Ela chega a abrir a boca para protestar, quando um pensamento aflora à sua mente:

"Tenho que parar de chamar a atenção dele a todo instante. Afinal, os pais são tão crianças quanto seus filhos... eu tenho que ser menos ranzinza e se eu ficar menos em cima de tudo o que ele faz, com esforço, ele se conscientizará de que deve agir com sabedoria e cautela ao lidar com uma criança. E ele está, agora, experimentando o encanto de ser pai."

Tenta distrair o bebê e o pai, mostrando uma travessa repleta de apetitosas e vermelhas ameixas.

- Experimenta, Mulder! Vê se são doces!

Ele toma uma das frutas e leva-a à boca.

O bebê solta a ponta da toalha que tinha agarrado e fixa o olhar no vermelho escuro chamativo da fruta na mão do seu pai.

- Posso dar uma pra ele, Scully?

- O quê?! Que absurdo, Mulder! Nem um pouco racional a sua idéia! Sem lógica!

- Nossa, meu filho! Que bronca nós levamos! - queixa-se ele ao filho.

Dana ri, divertida.

- Não é bronca, não. É que criancinhas de idade tão tenra quanto ele só se alimentam com leite e papinhas, coisas assim, Mulder!

- Desculpe, Scully. Falta de hábito. Eu só ia deixar ele lamber!

- Claro, Mulder. Eu compreendo.

- Quando tivermos o segundo, já estarei mais acostumado.
- Mais... o segundo? - dá uma risada.
- Eu disse alguma piada?

Ela aproxima-se com um prato que havia retirado do micro ondas. Dá um beijo rápido e suave nos seus dois amores; olha-os por segundos e continua sua tarefa.

- Vamos almoçar, Mulder.

Ele senta-se, com o bebê no colo.

Começam a servir-se para o almoço.

- Quer me dar ele, Mulder? Eu o coloco no berço.
- Não. Deixa ele comigo.
- Tá... Mulder, no dia em que voltar ao trabalho, vou sentir uma falta horrível do Will!
- E de mim, Scully?

Ela ri e continua a comer, tranquila, sua refeição.

Prosseguem no seu almoço.

Mulder, jeitosa e ordenadamente, vai usando seu garfo, enquanto apoia o bebê sobre a perna, sustentando-o com um braço.

Em dado momento as mãozinhas do pequeno tocam no copo que está muito à beira da mesa. Mulder interrompe, rapidamente, a queda do mesmo, que esbaforçar-se-ia no chão, caso não fosse impedido.

Dana contém-se para não chamar novamente a atenção de Mulder. Controla-se. Com esforço.

Mulder, com seu sorriso de menino, ri da travessura de Will com suas agarradoras mãozinhas. Enche o copo com água, toma-o na mão, e o leva, cuidadosamente, à boquinha diminuta de seu filho, fazendo com que a água esorra-lhe da boca, esparramando-se na camisinha macia e delicada do bebê.

Dana, por sua vez, enche de água o seu próprio copo que está ao lado do prato. Sorve a água, enchendo a boca, sem engolir o líquido. Assim permanece por minutos. É um sacrifício. Continua olhando a cena do pai e filho. E com a boca cheia d'água. O que, certamente, a impede, então, de falar. Reclamar. Xingar. É, portanto, contida em seu propósito.

Por segundos passa-lhe na mente a idéia: "Se Mulder falar qualquer gracinha, eu não vou poder me conter e, se eu tiver que rir, será um desastre. Soprarei água pra todos os lados. Não quero nem pensar! "

Mulder, em sua ocupação de dar a água ao bebê, nem repara que Dana mantém-se, há vários minutos olhando-os, com a boca cheia d'água, para impedir-se a si mesma de protestar.

"Para dizer a palavra certa no momento oportuno, fale o menos possível."

John W. Raper

UM CERTO DESPREZO

*"Não existe nenhum homem que tenha
o direito de desprezar os demais."
Alfred de Vigny*

Capítulo 97

Mulder está de pé. Os polegares presos ao cinto. Olhos fixos no horizonte. Pode divisar à distância as grandes montanhas escuras, cobertas de vegetação. O verde abundante do lugar se lhe reflete nos olhos e se mistura ao verde transparente do seu olhar.

Aos poucos, o olhar fixo dele vai ficando umedecido. Sua mente vaga. Pelo espaço. Pelos pensamentos que lhe fazem, neste instante, machucar o coração. E ele, o homem forte, intrépido, que não conhece o medo, repentinamente sente-se pequeno. Frágil. Quase nada diante da imensidão da natureza.

"E o Senhor criou isso tudo! Essa grandiosidade infinita que está diante dos meus olhos. Esse horizonte sem fim, esse céu azul. Imensidão...!"

Mas um outro pensamento lhe vêm à mente. Mulder passa a mão na testa, como que desejando afastá-lo.

O vento que sopra fustiga-lhe o rosto, incessantemente.

Num relance, as cenas de sua abdução e tortura toldam-lhe a imaginação que havia sido estimulada pela cena da magnífica natureza descortinada diante de seus olhos. O sofrimento. A dor. A humilhação.

Ele abre a camisa e, com as pontas dos dedos, sente a quase imperceptível, porém enorme cicatriz em seu peito. Depois de toda aquela tortura, a morte. O nada.

Mulder deixa-se ficar ali, parado, permitindo o sol banhar-lhe em cheio o rosto. Fecha os olhos. E sente o calor gostoso do sol brando sobre sua pele morena.

Nota que as lágrimas lhe toldam o olhar. Está vendo a paisagem embaciada à sua frente. Neste momento, porém, ele reage.

"Como vou deixar-me levar pela tristeza? Eu estou aqui! Com vida! E saúde! E paz, também! E tenho Scully! Tenho meu filho!"

Mulder, num segundo, dá uma volta e retorna ao lugar onde tinha deixado o carro. Abre a porta. Entra. Liga a ignição do veículo. Inspira, longamente, enchendo de ar os pulmões. Tenta colocar o cinto de segurança, que não se prende com facilidade. Mulder tenta, novamente. Não consegue. Num solavanco, solta, com força o cinto que retorna ao seu lugar, encaixando-se na lateral do carro.

Mulder parte com o carro.

* * *

Mulder entra no apartamento.

No coração o embala a alegria de rever a sua amada Scully. Sempre discreta, séria, compenetrada, cônica de seus deveres. Mas nos momentos em que se entregam um ao outro, ela é de uma sensualidade à flor da pele.

E ele gosta disso.

Olha em torno do ambiente. Escuta vozes no interior do apartamento. Uma risada discreta de Dana. Um chorinho do bebê... e uma voz masculina.

"Quem está aqui?" - pergunta-se Mulder.

Aproxima-se da porta de onde vem as vozes.

Decepçiona-se. Ali, à sua frente, encontra-se seu involuntário inimigo.

- Oi Mulder! - Dana, sorri discretamente, para saudá-lo.
- Como vai? - fala Bill diante dele, em tom severo e discreto, porém o olhar indica certo desprezo.
- Tudo bem. - Mulder responde, sem olhá-lo - Com licença. - fala e sai em seguida, dirigindo-se ao interior do apartamento.
- Ele, como sempre de um temperamento irascível, não?
- Nem tanto, Bill. Não exagera!
- Nem um pouco! - ironiza ele.

Dana ajeita seu bebê nos braços.

Mulder retorna. Toma a criancinha dos braços de sua mulher.

Bill o observa. Calado. Vê o jeito e carinho com que Mulder segura o seu filho.

Mulder nota que Dana pede algo com o olhar.

- Pode deixar, Scully. Já lavei as mãos porque vim da rua. Sem problemas.

Ela lhe dirige um sorriso agradecido.

- E aí, Mulder? Como é que você está? - pergunta o irmão de Dana.
- Como vê, ótimo!
- Muito bom de sua parte dizer que está tudo bem quando...
- ... o que quer dizer? - corta-lhe a frase.

Bill fala ostensivamente com o outro. No seu jeito autoritário, vai jogando as palavras ao ar para que o outro as apare e tenta livrar-se daquela agressividade verbal.

- Me parece que você não está muito bem, já que perdeu o emprego...

Mulder o encara.

- ... e nesse mesmo ideal desconexo incita a minha irmã a continuar, dando tudo de si, até quase sua própria vida.

Mulder dá uma volta, e, rapidamente, dirige-se à Dana.

- Scully, eu pensei de chegar em casa e encontrar paz... eu coloco o Will no berço. Tchau.

Dana faz um ar de desagradável surpresa.

Mulder está saindo, por ter sido desrespeitado por seu próprio irmão.

Ela pára o que está fazendo. Cruza os braços. Olha para o irmão à sua frente.

- Por favor, Bill.
- Está pedindo que eu saia?

Dana não responde. Limita-se apenas a olhá-lo.

Bill continua a fitá-la, esperando uma resposta agradável.

- Dana, desde há tempos atrás e mesmo antes que demonstrasse, eu já sabia que você morria de amores por esse... por esse...
- **Por favor**, Bill! - fala mais alto e suspira - Até logo! - diz, num sopro de voz.

O irmão retira-se sem voltar-se para trás.

Ela segue-o para trancar a porta.

Enquanto gira a chave na fechadura, pára por instantes, pensativa. Sente pesado o ambiente. Isto é ruim para o seu Mulder. Para ela, também.

* * *

Scully dá uma rápida olhada no relógio na parede. Dá por concluída a sua tarefa na cozinha. Dirige-se ao quarto, para olhar seu filho.

Sente uma tristeza no coração por Mulder ter saído. Aliás, reconhece, o ambiente havia ficado bem desagradável com as palavras ferinas de Bill.

O quarto está somente iluminado pela penumbra que vem da janela.

O bebê não está no berço.

Dana toma um susto repentino.

Olha à volta. Logo seu coração se entenece.

No tapete Mulder está deitado. Ao seu lado o bebê está com os pezinhos levantados para cima. Olhinhos espertos.

Dana ajoelha-se junto dos dois.

Acha interessante. Por vezes Mulder é deveras cuidadoso com o seu filho. Havia colocado um lençol sobre o tapete, para assim proteger a criança de impurezas. E havia se deitado ali, num canto do quarto, para ficar o mais discretamente resguardado de olhares curiosos, como os de Bill, por exemplo, caso vasculhasse aquela parte da casa.

- Mulder? - chama ela, mansamente.

Ele vira o rosto pra olhá-la.

- Peço desculpas pelo meu irmão.

- Não faça isso, Scully! Acho que seu irmão não merece nem as **suas** desculpas! - segura-lhe a mão, puxando-a para si - Vem cá.

Dana deixa-se jogar sobre ele.

- É, Scully, hoje o dia não me foi muito favorável. Lembrei-me em certas horas da manhã, daquela coisa terrívelque passei e, pra completar, encontro seu irmão aqui.

Dana suspira. Apenas ouve.

- Mas não pense que estou zangado, não, Scully.

- Não, mesmo?

- Claro que não. Acho que o seu irmão não conhece a grandeza de bons sentimentos, entre eles o amor. Ele é uma pessoa amarga, Scully.

Dana o beija nos olhos. Morde-lhe o queixo.

- Você está sendo indiscreta. - ele comenta, já sentindo a carne tremer de desejo.,

- Por que? - admira-se ela.

- Tem alguém aqui nos observando.

Ela sorri e olha seu pequenino filho levantando braços e pernas, agitado, porém sem chorar.

Dana passa por cima de Mulder para atravessar para onde está o bebê. Brinca com ele.

- Tão lindinho o meu nenê...! - fala, ternamente.

- Scully, de repente lembrei-me... sabe do que? Você, lá em Bellefleur, segurando o filho de Tereza, tinha no semblante um desejo incontido de poder segurar o seu próprio filho nos braços.

- Você percebeu isso?

- Sim, lindinha, percebi.

- Obrigado, Mulder.

- De que?

- Por me dar esse filho.

Ele, em seguida levanta-se, toma o filhinho nos braços e carrega-o
Coloca-o no berço e o faz entreter-se com as estrelinhas do móbile que está pendurado
diante de seus olhos.

O bebezinho entretém-se por vários minutos, olhando as estrelas brilhantes a balançar.
Seus olhinhos começam a fechar-se. O sono vem. Tranquilo.

Mulder o contempla, ternamente.

Olha para onde está Dana. A sua frágil e encantadora mulher.

Dirige-se rápido para o tapete.

- Agora vamos **conversar!** - fala para ela, puxando-a contra seu corpo, com
determinação.

*"A força das mulheres
está na sua fraqueza."
Fontenelle*

E IMPERA A VAIDADE

"Por vaidade, as pessoas mais insuportáveis são os homens que se acreditam geniais e as mulheres que se consideram irresistíveis."

H. Asselin

Capítulo 98

O casal, sentado à mesa do restaurante e ouvindo o burburinho das vozes das pessoas que frequentam o lugar, come sua refeição. Lentamente. Aproveitando o máximo a oportunidade de poderem estar a sós, usufruindo da recíproca companhia um do outro. Mulder, levando um garfo à boca, olha Scully, que beberica o conteúdo da taça alta em sua mão.

- Está gostando daqui, Scully?
- Hum, hum. - faz sinal positivo com a cabeça.
- Nem sempre estamos em um ambiente tão refinado como este.
- Só quando investigamos casos de algum magnata.

Mulder sorri, fitando-a, ardorosamente.

- Depois deste almoço o que você quer fazer?
- Não sei, Mulder.
- Como não sabe?! Temos que aproveitar, enquanto você não volta às garras do FBI!
- Do meu novo e implicante Diretor...
- ... e do seu... parceiro. - cita, pausadamente a última palavra.
- Mulder... por que...? - olha-o nos olhos atentamente, sorrindo.
- Por que o quê?
- Você sabe.
- Scully... - ele coloca o talher na beira do prato, limpa os lábios, prova da bebida na taça - ... Scully... eu continuo criticando o seu colega por ser tão céptico e por demais cuidadoso com você.
- Que é isso, Mulder? - surpreende-se.
- Você sabe a minha opinião.
- Não quero explicar novamente a você toda a atenção que o Agente Doggett teve para comigo quando da sua ausência, Mulder. É melhor não.
- Você deve se dar muito bem com ele, hein, Scully?
- É com ele que vou ter que trabalhar, Mulder!

Mulder cala-se e observa-a, mastigando vagarosamente uma das iguarias servidas na sobremesa.

- E você sabe que grande parte do problema dessa complicada situação está com você, por ter causado uma coisa que não deveria... - ela recomeça.
- O que quer dizer?
- Ter deixado o FBI.

Mulder morde o lábio inferior. Passa o dedo sob o nariz, contrafeito. Encosta-se jogado no espaldar da cadeira, ombros arriados, fitando-a, apertando os olhos miúdos.

- Você sabe que eu estava sendo pressionado pelo Kersh, Scully. Você sabe disso.
- fala sem entonação na voz.
- Você teria como dar a volta por cima daquilo tudo, Mulder, tenho certeza!
- Não quero falar mais sobre essa minha decisão.
- É conveniente. -ela replica, fechando os olhos e suspirando.

Mulder esquadrinha-a com o seu olhar verde transparente; um vago sorriso desenha-se em seus lábios.

- Você não gosta que eu critique o seu coleguinha...
- Mulder! Outra vez sobre o Doggett? - reclama, irritada.

Ele passa, rapidamente, o guardanapo sobre os lábios.

- Por favor, quero ir embora. - ela diz.

Mulder não se faz de rogado.

Num segundo chama o garçom para que este se aproxime; mete a mão no bolso, tira as cédulas para pagar a refeição. E como é de seu hábito, sem nenhum cavalheirismo, levanta-se, afasta-se da mesa, deixando Dana caminhando atrás dele.

Logo chegam ao estacionamento.

Mulder abre a porta do carro e entra, jogando-se no assento.

Dana faz o mesmo no lado do carona.

Colocam os cintos de segurança. As mãos se tocam, mas os olhares mantêm-se distantes um do outro.

Mulder liga a ignição do carro. Coloca os cotovelos sobre o volante e prende a cabeça entre as mãos.

Dana nota esse seu gesto, porém nada fala. Apenas o olha de soslaio, sem voltar-se em sua direção.

Por alguns minutos ele permanece nessa posição. Logo após ergue para trás a cabeça, e, com os lábios entreabertos, parece aguardar uma palavra de Dana, enquanto tenta relaxar da tensão em que se encontra.

Dana percebe esse gesto dele, mas olha para fora, através da janela do carro.

Por momentos seus pensamentos voltam-se para seu bebê.

O ruído repentino do telefone celular na sua bolsa a faz ter um rápido estremecimento. Retira-o

- Dana Scully. - atende, com um suspiro de enfado.
- Dana! É sua mãe! - ouve na linha - Estou ligando pra que me diga onde estão os outros pacotes de fraldas do nenê! Onde você os guarda?

Dana sorri. Imagina quanto gasto tem com fraldas descartáveis por mês.

Mulder a olha, quase a contemplando, enquanto ela dá explicações à Maggie onde encontrar os pacotes de fraldas.

Ele fita-a com doçura. E contempla-a como se adorasse uma deusa, entregando todo o seu amor para ela. Repara no seu perfil perfeito. Feições finas. Nariz afilado, ligeiramente curvo. Em perfeita harmonia com os lábios carnudos e bem desenhados. Os grandes olhos amendoados. Brilhando no azul transparente. Enfim, há muita sensualidade sobre o semblante ingênuo de Dana.

Ele desce o olhar para o corpo esbelto dela. Pequeno. Frágil. A sua Scully. Mas tão forte! Tão determinada! O seu encanto!

Dana termina a conversa com sua mãe.

Mulder imediatamente volta o olhar para outro lugar. Distantemente. Não quer admitir estar a contemplá-la, apaixonado.

Dana guarda o telefone.

Mulder dá a partida no motor do carro.

Não se falam, ainda.

O veículo roda, silencioso, entre os outros carros estacionados no local.

Mulder mantém-se olhando à frente. Presta atenção à pista.

Dana olha-o de soslaio, novamente.

Seu coração pulsa mais forte ao fitá-lo.

As mãos dele que agarram com força o volante. Os dedos grandes e longos como os de um pianista, que deliciam-na com seu toque mágico e sensual às áreas mais recatadas do seu corpo.

O olhar de Dana vai deslizando, acariciador, das mãos dele em direção aos braços. Fortes. Envolventes. Que a sabem segurar com paixão e arrebatamento. O olhar dela observa-o no peito amplo e perfumado, onde ela gosta de se aninhar. O rosto de perfil imponente. O nariz pronunciado. A boca bem desenhada. Os lábios desejosos que lhe sorvem até quase a alma num beijo.

Dana estremece de prazer ao pensar nos momentos em que se amam.

- Para onde quer ir?

Dana o ouve fazer a pergunta que lhe atrapalha os pensamentos em coisas boas. Sensuais. Com ele. O seu amor.

- Você é que sabe. - ela responde, simplesmente, voltando a olhar em outra direção.

Mulder não quer encará-la. Deseja é mostrar um semblante indiferente. E não a de um apaixonado que morre de ciúmes.

Dana prefere voltar a vista para as laterais; a rua. Por sua vez não quer que o homem por quem está verdadeiramente apaixonada, descubra que, neste momento, o que ela deseja mesmo é estar entre seus braços quentes, aconchegantes.

Ambos não se permitem admitir que estão loucos para cair nos braços um do outro. Impera em cada um a soberba. O orgulho. A vaidade.

O veículo carrega em seu interior dois seres humanos dos mais cultos, inteligentes, honestos, simples e decentes deste mundo, porém também dos mais altamente propensos ao sofrimento.

E somente por usarem uma terrível estratégia em más ocasiões: o silêncio.

"Há silêncios que são mentiras."

De Vougue

A ARTE DE VIVER

*"Aprender a viver é a mais longa e
a mais difícil de todas as artes."*

E. de Goncourt

Capítulo 99

Mulder sai do banho. Agita, com os dedos, os cabelos ainda molhados, deixando-os bem despenteados e erigados.

Contempla-se no espelho do banheiro e vê-se a si próprio uma figura engraçada.

"Scully vai rir do meu visual." - pensa.

Ele borrija sobre o peito a colônia masculina perfumada.

A tarde está de temperatura gostosamente amena. O brando sol, mesmo banhando todas as coisas lá fora não encontra no ambiente do apartamento meios para transmitir calor que possa incomodar.

Mulder continua sem camisa. Está vestido em cuecas, apenas.

Dana, após haver tomando também o seu banho, vestira algo bem leve e informal, e que faz Mulder achá-la encantadora.

Ela, diante da janela aberta, vagueia o olhar pelo pedaço de céu que sua vista alcança.

Mulder aproxima-se dela, vagorosamente.

- Você já terminou seus afazeres de mãe? - ele pergunta-lhe aos ouvidos.

Ela sente arrepios de prazer com os tênues sopros da voz dele. Responde, porém, apenas com um meneio de cabeça.

Logo em seguida cruza os braços fitando-o, num modo austero.

- Já banhei o Will, amamenteei-o e o coloquei para dormir. O passeio com minha mãe o deixou cansado... mas... por que pergunta?

- Porque agora **eu** é que quero explorar a sua atenção.

- Humpf! - ela dá uma volta - Até parece que lhe sirvo de alguma coisa!

- Scully... Scully! - diz, com um tom de recriminação.

Ela ri.

- Estou apenas testando a sua paciência, Mulder.

- Como é isso?

- Ah, eu acho que tenho o direito de, às vezes, tratá-lo como você me trata!

- E como é que eu a trato, Scully?

- Às vezes como muita desconfiança e rudeza!

- Ah, vá...! - ele a segura pelos ombros - Só porque falei aquilo?

- É sim. Não gosto de insinuações.

Ele aperta-a contra si, num gesto amoroso, porém decidido.

- Eu a respeito e sempre a respeitarei, Scully! Se hoje eu falei sobre o seu colega de trabalho...

Ela se desprende dos braços dele.

- Se continuar a falar sobre isso, vou me aborrecer deveras, Mulder! Eu estou de licença! Dá pra entender?

- Mas você ficou zangada comigo, Scully! Nem sequer curtiu um pouco no nosso passeio hoje! - queixa-se mirando-a com o seu olhar penetrante, e, ao mesmo tempo, carente.

Para Dana, realmente esse olhar de Mulder, tão necessitado de afeto e de amor a desencoraja a continuar bancando a durona. E isso tudo somente porque àquela hora no restaurante ele havia tocado na aversão que tem pelos modos do Agente Doggett.

No íntimo Dana se regozija.

"É ciúme! - pensa - Unicamente ciúme! E isso é muito bom! Faz manter viva a chama do amor. E a vida é como a arte. Precisamos saber burilar bem as situações, para a arte de viver."

Dana contempla o semblante chateado de Mulder.

Vagarosamente o abraça pelo pescoço, unindo-se ao peito dele, ardorosa. Respira profundamente. Sente junto ao seu peito o coração de Mulder pulsando, desordenado. Ainda mansamente, toma o rosto dele entre as mãos e procura-lhe a boca. Une seus lábios aos dele, que, a princípio, não atende aos seus apelos, mas logo acende-se o fogo da paixão e ele a envolve com os braços trêmulos de prazer. Beija-a, quase com furor. Ergue-a nos braços e carrega-a para a cama, ofegante de desejo em desbravar aquele corpo pequeno que lhe atrai e fascina.

* * *

- Mulder...? - ela murmura, junto aos ouvidos dele.
- Ahn? - abre os braços e espreguiça-se - Eu até dormi um pouco e você?
- Não...

Mulder avista sobre a mesinha algo que o desagrada. Estica o braço para pegá-lo.

- Scully... não dá pra livrar-se uns dias disto? - balança o crachá do FBI diante de seus olhos.
- Aaaah, não! Onde estava isso, Mulder?
- Aqui em cima. - aponta com o olhar a mesinha de cabeceira.
- Eu pensei tê-lo guardado na gavetinha, ora!

Mulder enfia, bruscamente, o cartão plastificado na gaveta.

- Não quero ouvir falar de FBI por uns dias. Tenho dito!
- Concordo, Mulder.

Dana levanta-se e dirige-se ao armário, a fim de apanhar objetos de toucador. Minutos depois está refeita e arrumada.

O toque da campainha os assusta.

- Nossa! Que susto! Espera alguém, Mulder?
- Não! - levanta-se e vai em direção da porta - Vou ver quem é.

Antes que Dana o impeça por estar ele somente de cuecas, Mulder já está à porta, olhando através do olho mágico.

Retorna até ela, com um sorriso maroto no olhar. Inclina-se até sua altura.

- Você não vai livrar-se tão facilmente do **F-B-I!** - exclama aos ouvidos dela enfático, e afasta-se para o quarto.

Dana vai até a porta. Olha pelo olho mágico. Surpreende-se. Abre a porta, em seguida.

- Oi, Agente Scully! - cumprimenta a visitante.
- Oi...! - continua surpresa.
- Desculpe... eu vir assim... sem avisar...
- Não tem problema, Agente Harrison.
- Por favor, por favor! Trate-me apenas por... Leyla.

Dana acena com um leve meneio de cabeça, concordando.

- Eu... vim porque queria conhecer o seu bebê.
- Ah... sim, claro!

Dana convida Leyla a sentar-se.

- Ah, Agente Scully, eu fiquei, verdadeiramente emocionada quando fui designada para trabalhar naquele caso com o Agente Doggett! Apesar do que passei, eu gostei muito, muito mesmo!

A outra sorri, atenciosa.

- Acho que me senti realizada! - recomeça Leyla, usando sinceridade no olhar - Como já sabe Agente Scully, eu acompanhei passo a passo a sua carreira e a do Agente Mulder, e me senti extremamente feliz em investigar um caso dentro dos Arquivos-X, já que conhecia a fundo o seu trabalho.
- Obrigada, Leyla.
- Não, não tem o que agradecer. Eu falo com toda a sinceridade... acho que sou como uma sua fã...!

Ambas dão risadas, divertidas com a idéia.

Dana prontifica-se:

- Vou buscar o meu filho pra que o conheça.

Neste mesmo instante Mulder aparece na sala. Cumprimenta a jovem.

- Oi, Agente Mulder! - põe a mão no peito - Ah, que felicidade vê-los assim...!

Mulder levanta as sobrancelhas para perguntar:

- Assim, como?
- Juntos. - dela diz, um tanto embaraçada, mas com convicção.
- O meu relacionamento com a Agente Scully é motivo de maledicência no Bureau, não é verdade?
- Eu não posso afirmar isso, Agente Mulder.
- Como não? Eu sei que é!

Leyla contém-se. Não confirma. Nem nega. Acha por bem ficar neutra na estória. É uma forma de bem viver.

Dana entra com o filho nos braços.

Leyla aproxima-se:

- Aaaaah! Que lindo que ele é! Posso segurá-lo?

Dana coloca-o nos braços de Leyla. Que o cobre de mimos e carinhos.

Mulder, de pé, olha a gratificante cena. Sente-se feliz. Tem sua mulher. E seu filho. Sua vida. Só falta mesmo a sobrevivência. E a sobrevivência é uma luta sem tréguas. Mas por essa luta ele terá que correr atrás. Ou na frente, é melhor. Apesar de que Dana é totalmente independente, financeiramente falando, ela depende dele para um efeito moral.

E para Mulder a moral significa o viver com a decência, a nobreza de caráter, o desapego às coisas impuras da vida, para sobreviver com dignidade.

"Devemos ser de tal modo dignos, que nunca tenhamos de corar de nós próprios."
Baltasar Gracian

Capítulo 100

Amáveis e estimados leitores dos DEVANEIOS

Comemorando o 100.º capítulo deste Folhetim, entrego à sua leitura e para a sua apreciação deste meu trabalho, literalmente falando, como diz o título *A Trajetória de Um Amor*.

Faço aqui uma pausa para agradecer a sugestão do tema à minha amiga Ana Lucia Correia Ferreira, que, com sua amizade, sempre me incentiva a escrever mais, me traz alegria, satisfação com seus feedbacks, e, mais ainda, temas para esta série de desprezenciosas historinhas românticas sobre os lindinhos do nosso Seriado do coração.

Então, como eu lhes dizia, esta é, numa visão shipper, a trajetória de um romance que, aos poucos, foi se mostrando na vida de Mulder e Scully.

Os olhares... os cuidados... os ciúmes... o amor escondido, enfim tudo o que, naturalmente, ocasionou o nascimento de um sentimento tão profundo como o verdadeiro amor.

Esta história está dividida em partes, para não tornar cansativa a sua leitura e, cada uma delas independente, sempre baseadas em algo do qual Mulder e Scully participaram nos episódios originais do Arquivo-X, fantástica criação do nosso bem-amado Chris Carter. Inseri nos textos, trechos de alguns capítulos já publicados no site, mas que fazem parte das histórias aqui narradas, já que não poderia mudar meu pensamento no enredo do Folhetim.

Usei a minha imaginação e as fotos de cada uma das cenas narradas, para a continuação dos seguintes episódios:

Pilot - Duanne Barry - Ascension - Red Museum - Irresistible - Pusher - Blessing Way - War of Copophrages - Sizigy - Small Potatoes - Home - Never Again - Tunguska - Memento Mori - Chinga - Detour - Post Modern Prometheus - The End - Fight The Future - Triangle - Rain's King - Arcadia - Milagro - The Unnatural - Millenium - All Things - Requiem - Existence.

E assim feito, espero de vocês que a lêem, a sua satisfação por agradar-se de uma bem shipper narrativa, assim como espero, também, para minha própria satisfação, um feed-back com sua opinião.

Um beijo da

Wan

A TRAJETORIA DE UM AMOR

"O amor nasce pelos olhos"

1-ª Parte

"O laço mais perigoso que a paixão arma é o véu de
respeito com que se envolve."

Madame Staff



Dana levanta-se da cama, onde estivera refestelada, comodamente, embora somente à luz de uma vela, conversando com o seu parceiro, durante algum tempo.

- Boa noite, Mulder. - diz ela, saindo do quarto.

- Tchau. - responde ele.

Mulder aguarda-a afastar-se completamente. Tranca a porta e mantém-se pensativo por alguns instantes.

"Afinal, - pensa com seus botões - essa garota veio aqui, mostrou-se quase toda pra mim, embora meio apavorada, e depois agiu como se nada de anormal tivesse feito. Eu a respeitei, é claro, e nada faria sem a vontade dela. Eu sou um homem e uma atitude impensada como essa me poderia tirar do sério, caso eu não controlasse meus impulsos... - passa a mão nos cabelos - ... e que a garota é bonita, isso nem se fala!"

Com esses pensamentos dirige-se ao banheiro. Passa a mão pelo queixo; sente a aspereza de sua pele. Resolve, porém, que não faria a barba, mesmo estando presente a certeza de que deveria barbear-se. Encaminha-se para o leito e, tirando a camisa e a calça, deita-se, relaxadamente.

Dobra os braços sob a cabeça, mantendo o olhar na densa escuridão. Resolvera não acender outra vela. A anterior havia entregue à Dana para que ela pudesse ir para o seu quarto naquela falta de luz.

Na parede escura do quarto simples do hotel, Mulder vislumbra algo como se fosse um quadro. Liga a lanterna para matar a curiosidade de saber do que se trata. Logo percebe que é um calendário que exhibe a chamativa foto de uma garota em trajes ínfimos, em pose sensual e num sorriso para quem a olha.

Mulder abre os lábios num vago sorriso também, como se a mulher da foto estivesse a mostrar-se para ele.

Consulta o mostrador luminoso do relógio de pulso. Confere a data: 10 de setembro de 1993

* * *

Dana fecha a porta atrás de si.

Põe a mão sobre o peito.

"Nossa! Esse meu parceiro, mesmo nesse seu jeitão displicente, é um homem fino, respeitador e educado! Apavorada do jeito que cheguei lá, nem sequer dei-me conta de que estava seminua diante dele. E ele me fez sentir relaxada e sem temores. E conversamos tão descontraidamente por longas horas...!" - suspira.

Coloca a vela num castiçal que está sobre uma mesa.

Senta-se à beira da cama. Abre a maleta que ali está, retira dela um pijama de cetim. Fica de pé e veste-o lentamente, retirando as peças íntimas.

Deita-se, então, e, com o olhar fixo na trêmula chama da vela acesa, deixa que o sono chegue naturalmente.

Mas, enquanto este não chega, os pensamentos vão para o namorado que deixara para trás, bem longe, em outra cidade, tão entusiasmada está agora com o serviço de Agente Especial dentro do FBI.

Suspira fundo. Fecha os olhos. Procura lembrar-se dos carinhos do namorado distante. Mas esse pensamento parece-lhe algo inatingível. Como se tivesse sido apenas um sonho. Cenas passageiras em seus vinte e quatro anos de vida.

Em sua retina continua, teimosamente, refletido o verde transparente dos olhos do seu parceiro Mulder. Seu companheiro de trabalho daqui em diante.

"Interessante. Por que isso? - pergunta-se.

Será porque naqueles últimos dias a sua vida estava tão ligada àquele homem que passara a tornar-se sua companhia constante?

Dana aperta os olhos fechados. Abre-os para fitar a chama da vela tremulando na escuridão do quarto. Vira-se para o outro lado, onde não pode ver a vela e sua pequena e persistente chama de luz.

Seus pensamentos voltam a dias atrás.

Apresentara-se à Fox William Mulder, o Agente Especial de quem fôra designada parceira, daquele dia em diante.

Ele a havia recebido em sua sala, no porão do quartel general do FBI, de um modo cordial, porém secamente.

Agora, nesta noite, porém, havia demonstrado a ela muita gentileza e havia permitido acontecer, sem receios, a forma de um bom coleguismo entre ambos.

E, a partir deste momento Dana sente-se, tem certeza, muito à vontade com Mulder.

Levanta-se, sopra a vela.

Deita-se novamente e prepara-se para dormir ou esperar, calmamente, até que o sono venha.

2-ª Parte
"Nosso maior prazer neste mundo
são os *pensamentos* agradáveis."
Michel de Montaigne



Dana entra em seu apartamento quieto e na obscuridade. Sente-se cansada. Tivera um dia cheio de lances. Movimentado demais. O trabalho estafante que havia escolhido para sua sobrevivência a torna cada vez mais arraigada em suas convicções científicas e materiais, contrariando o seu parceiro, que torna-se, com o passar do tempo, mais e mais crédulo na paranormalidade, nas coisas espirituais que envolvem os seres humanos.

Vêm-lhe ao pensamento o momento em que o olhar avassalador do seu colega a havia devassado quase, ultrapassando os limites dos seus pensamentos. Sentira-se despida em suas mais íntimas pretensões.

Dana joga as chaves sobre a mesa; retira o casaco, entrando no quarto. Retira dos pés os sapatos, jogando-os para o lado.

"Que dia! - reclama em pensamento - Lidar com aberrações deste mundo tenebroso faz parte da minha profissão. E que profissão escolhi...!"

Retira toda a roupa e dirige-se ao banheiro. Entra no box e deixa que a água do chuveiro lhe molhe os cabelos e o corpo. Precisa disso. É necessário até, para retirar certos pensamentos que teimam em aflorar à sua mente.

"Que olhar...! Desnuda até a minha alma! E ele... ele tem uns lábios... a boca é..."

- Tsc... - faz um muxoxo, reclinando-se e intrigada com essas divagações.

A água vai deslizando por seu corpo. Dana distrai-se dos perturbadores pensamentos pondo-se a prestar atenção na água que vai descendo pelo ralo do banheiro, fazendo um ruído de como se estivesse sendo engolida por um gigante invisível.

Nem sabe o porquê, vem à mente novamente, como num filme, o diálogo que mantivera com seu parceiro dentro do carro.

"- Mulder, eu não arriscaria a minha vida por ninguém, a não ser por você."

Ele sustentara seu olhar por alguns segundos.

E Dana havia sentido como se ele estivesse despindo-a inteiramente, lendo seus mais ínfimos desejos.

"- Se tiver chá gelado aí, pode ser amor." - ele lhe falara, fitando-a firmemente, sem sorrir.

E Dana entregara-lhe o lanche que trouxera:

"- Cerveja sem álcool. Pode ser destino." - respondera.

"Realmente o olhar dele havia sido arrasador!" - continua em suas divagações.

- Ahn?! - estremece com o toque do telefone; toma-o nas mãos e atende - Dana Scully.

- Oi, Scully! Sou eu!

- Mulder! O que houve?

- Nada demais! É só um favor!

- Diga, então.

- Scully, sobre aquele relatório para amanhã, por favor, inclua aqueles dados necessários que entreguei em suas mãos.

- Tá. Pode deixar que eu não esqueceria de jeito nenhum.

- Scully... ahn... - ela o ouve prosseguir - ... até amanhã.

Dana ouve o "click" do telefone ao ser desligado.

Coloca o aparelho sobre sua base, pensativamente.

Instantaneamente seus pensamentos retornam ao jeito do seu parceiro. Mulder. Parece-lhe que ele tinha ligado só para ouvi-la do outro lado do fio.
Mulder. Que a cobre de cuidados e lhe fala coisas ternas e carinhosas.

3-ª Parte
"É talvez necessário ter sentido o amor
para conhecer bem a *amizade*."
Champfort



Os largos e apressados passos de Mulder não permitem que Dana o acompanhe lado a lado.

Ele pára por alguns segundos, aguardando-a chegar bem perto dele. Segura-a por um braço, atencioso, agora diminuindo a intensidade do seu caminhar. Permanecem à frente da porta do elevador.

- Scully, está cansada?
- Como não havia de estar, Mulder? Que dia, hein? A nossa sobrevivência é quase irreal!

Mulder sorri, discretamente.

- Quase uma ficção, Scully.

Ela faz um meneio, concordando.

- O que pretende fazer logo mais?
- O quê, Mulder?! Apenas dormir!
- Pouca criatividade...!

Dana o olha de soslaio. A amizade entre eles é muito grande e sincera, porém ele é sempre irônico. E ela sabe bem o que ele quer dizer com essas palavras. Significam que ela não tem ninguém com quem compartilhar a noite gelada. Insinuações.

Tomam o elevador. Saem dele.

Já estão quase chegando à garagem do FBI.

- Tchau, Mulder. Estou indo.
- Mas e... o carro? Não vai pegá-lo?
- Estou sem carro hoje.
- O que houve?
- Problemas. - responde secamente, afastando-se.

Mulder não chega logo próximo até o seu próprio carro. Decide voltar os passos e observar sua parceira.

"De repente ela até vai de carona com alguém." - imagina, com interesse em descobrir, como se fosse um fato assim altamente importante para ele. Segue os passos dela discretamente até a saída do prédio. Põe-se a vigiá-la, por detrás de uma coluna.

Vê que a parceira faz sinal para um taxi, que logo pára, a fim de que ela entre.

Mulder nem sabe o porquê, respira aliviado.

4-ª Parte

"*Crença* é a convicção firme do que se ignora "
George Wulft



Nesses meses consecutivos de muito trabalho por parte dos dois Agentes Especiais do FBI, muitas coisas haviam sido solucionadas, para seu contentamento e satisfação, porém, agora, no entanto, Mulder, sozinho em sua busca desesperada por Scully, sofre, abatido e preocupado com o que possa acontecer com sua parceira.

Mulder não tem nem idéia de como sustentar-se, tentando livrar-se dos piores pensamentos com relação à sua colega de trabalho. Só sente o coração estraçalhado pelo sentimento de que, justamente por sua causa, aconteceu o pior: Dana fôra abduzida. E o bandido que a entregara nas mãos dos alienígenas já pagara seu preço com a própria morte.

"Eu o sustentaria até o último suspiro pra fazer-me levar até onde carregaram Scully! Maldito! Entregou-a na mão daqueles...!"

Grossas lágrimas rolam em sua face pálida, as quais não consegue conter.

- Scully... eu tenho que encontrar você...! - murmura.

Sai, puxando o sobretudo da cadeira onde estava jogado. Bate a porta, fechando-a atrás de si.

* * *

Maggie, visivelmente abatida, coloca na mão de Mulder o cordão de ouro pertencente à sua filha.

Ele nada fala. Somente acredita na esperança, na confiança que a mãe de Dana carrega dentro do seu coração.

- Fox, eu sei que, dentro de você, existe também uma grande confiança.

Ele balança a cabeça, positivamente. Sente-se comovido.

- Senhora Scully, tudo farei para encontrar sua filha, pode acreditar.

- Eu sei disso, Fox. A certeza é tão plena dentro de mim, que o meu coração pulsa de ansiedade pelo momento de rever a minha filha. Fox...?

- Sim?

- Como você imagina que ela esteja? - pergunta, com angústia no olhar.

- Senhora Scully, por favor, não tente imaginar; não sofra levando à frente esses pensamentos. Vamos aguardar confiantes.

- Sim, Fox. - concorda, baixando a cabeça, em atitude triste.

- Eu tenho que ir agora. Logo darei notícias.

- Obrigada, Fox. Eu assim espero.

Mulder guarda no bolso do paletó o cordão de Dana e afasta-se do local.

* * *

Mulder dirige-se para casa, cansado, desanimado quase.

Havia recebido a notícia da equipe que havia encontrado Dana com vida e Mulder, logo em seguida fôra ao hospital para revê-la.

Através do vidro havia visto aquele corpo frágil e sofrido, que havia sido o alvo da maldita raça alienígena.

Melissa, a irmã de Dana, em seguida, o havia avisado de que Dana não teria muito tempo de vida.

Está, agora, ao lado de Dana, na cama do hospital. Seu coração sangra e seu peito parece querer rebentar-se de dor.

"Scully aqui jogada sobre esse leito... serviu de alvo aos malditos que a levaram para teste como devem ter feito com minha irmã... e Samantha... onde estará? Por que nunca pude encontra-la, assim como conseguimos achar Scully?"

Mas o Criador de todas as coisas havia tido misericórdia de Dana e trouxera-lhe à vida de volta.

Mulder voltara ao hospital, a pedido de Melissa, que o havia avisado de que sua irmã tinha chances de viver, agora.

Neste momento Mulder dirige seus olhos intensamente claros e esverdeados para os azuis e tristes de Dana.

Sabe que poderia considerar como certo o seu próprio fim, se ela sucumbisse à morte.

O cordão de ouro com a cruz está na mão de Dana.

- Quer que eu o coloque? - ele pergunta.
- Não... - responde fracamente - ... depois.
- Coloque-o sim, Fox. - fala Melissa, ternamente.

Mulder aproxima-se de Dana, que ergue um pouco a cabeça do travesseiro para que ele lhe coloque o cordão no pescoço.

Dana sente que os dedos dele são gentis e quentes. Em seguida ajeita o crucifixo sobre a pele.

- Obrigada, Mulder.
- Eu agora vou embora, Scully. Coisas me esperam.
- Coisas...?
- Sim... para resolver.
- Mulder...?
- Diga.
- Eu falo novamente pra você... senti a força da sua crença. Deus é poderoso e você crê no seu poder.
- Muito, Scully, muito!

Ele afasta-se, com um cumprimento num leve movimento de cabeça para Dana e sua irmã. Sai do quarto.

Melissa aproxima-se. Fica junto de Dana.

- Dana, vou falar uma coisa.
- O que?
- O Fox é muito atencioso com você. Talvez mais que o normal. Parece que ele...
- Nós somos parceiros, minha irmã! Esqueceu? - corta, rápida, a palavra da outra, não a permitindo fazer conjecturas.

5-ª Parte

"Uma pessoa não faz *amigo*s. Reconhece-os."

Isabel Paterson



Dana caminha ao lado de Mulder e, como sempre, procura acompanhá-lo em seus passos largos e apressados.

- Mulder?
- Sim, Scully.
- Preciso que você me diga quando pretende tirar alguns dias de folga.
- Não sei, ainda. Você tem idéia das suas?
- Com certeza não, Mulder.

Ele toma-lhe a mão, atencioso.

- Sabe, Scully, quando você resolver fazer isso, acho que não vai ser fácil suportar.
- Suportar o que, Mulder?
- Você longe de mim.

Dana esboça um sorriso enigmático.

Ele, encurvado sobre a baixa estatura de sua amiga, com o sorriso de menino, continua fitando-a firmemente.

Recomeçam a caminhar juntos, novamente.

- Por que nunca acredita em mim, Scully?
- Ah, Mulder, pára com isso! E por que não me faz perguntas mais sensatas?
- Você considera insensatez dizer-lhe que vou sentir sua falta, Scully?

Ela agora o encara, firmemente.

- Mulder...
- Não diga nada. - interrompe - Sei que você só gosta de falar mesmo sobre nosso trabalho.
- E não é tão empolgante?

Mulder não responde.

Dana deixa, nesta pausa de alguns minutos, que os pensamentos sigam até uma hora atrás, quando Mulder lhe havia limpado, gentilmente, os lábios lá no restaurante. A cena vem-lhe à memória como um acontecimento gratificante.

"Ele é cuidadoso, carinhoso mesmo comigo! Eu o adoro! Acho até que posso considerá-lo mais que um simples amigo. Mulder, às vezes me faz sentir como a Bela Adormecida. Um simples toque seu parece despertar dentro de mim a mulher carente que não desejo ser ou não deixar demonstrar. Nunca! Porém ele é bastante persuasivo e me faz despertar esses absurdos sentimentos porque ele transpira... exala sexualidade...!"

A esse pensamento, Dana recrimina-se a si própria por permitir fluírem essas idéias em sua mente.

6-ª Parte

"Não é *valente* quem não sente medo,
mas aquele que com nobreza vence o medo
na alma e encara o perigo."

Shakespeare



Dana desliza os dedos sobre a face machucada. Os olhos estão cheios d'água. Sente-se infeliz. Olha para o seu lado no carro.

Mulder, no volante, mantém-se calado, embora fitando-a, condoído.

Ele a vê deslizando os dedos sobre a pele arroxeadada em parte de seu rosto. Sente dó.

"Scully é valente, destemida e soube enfrentar com garra o sujeito assassino! É tão pequena, mas tão decidida! Deseja, por vezes, demonstrar muito mais do que sua força pode permitir, mas sucumbe no momento em que vê que não é de ferro... e sim uma simples mulher, sujeita a dores e sofrimentos. E ela... coube inteirinha nos meus braços...!"

Dana continua na sua mudez, aguardando que Mulder fale algo.

- Desculpe Scully, eu não queria perguntar isso. Quer que eu lhe faça companhia hoje?
- Não, Mulder, tudo bem. Eu já estou bem.
- Não acha que deve se medicar?
- Não, não! Não tive ferimento grave, não. Está tudo... sob controle.
- **Está tudo sob controle...!** - ele repete irônicamente - Scully, acho que você não deve continuar a fazer-me companhia nesse trabalho insano.
- Mas foi uma escolha minha!
- Não. Foi da Diretoria.
- Mas eu, simplesmente, poderia ter recusado, Mulder! - faz uma pausa - Eu estou bem. Aquele assassino já está na cadeia.
- Certo, certo, Scully.
- Não falemos mais nisso, ok?
- Claro, Scully.

Já chegam em frente ao prédio do apartamento de Dana. Saem do carro e dirigem-se às escadas.

Mulder a ampara, segurando-a pelo braço.

Dana não quer demonstrar a fragilidade em que se encontra neste momento.

Mulder abre a porta do apartamento com sua própria chave. Faz Dana entrar primeiro.

- Espere um minuto, por favor. - ela pede.

Entra, dirigindo-se ao banheiro.

* * *

Mulder, jogado na poltrona com as pernas estiradas para a frente, mantém os braços apoiados nas laterais do móvel, enquanto os dedos cruzam-se sob o nariz, pensativo.

Não consegue tirar da mente a visão de Dana sofrendo horrores em poder de Donnie Pfaster. Felizmente chegara na hora exata de arrancá-la das mãos do assassino. Neste ano de mil novecentos e noventa e quatro, as coisas não têm sido fáceis para os dois. Além dos mais terríveis casos que tiveram que passar em seu trabalho, a abdução de Dana, a sua quase morte o haviam deixado deveras preocupado se deveria mesmo mantê-la como sua parceira nessa luta incessante.

- Mulder?

Ele é distraído de seus pensamentos pela voz de Dana. Olha-a, discretamente, notando que ela está sem o casaco; veste somente uma simples blusa de malha, que mostra suas formas bem proporcionadas.

- Vou fazer alguma coisa pra você
- Negativo, Scully. Pra nós. E eu é que vou fazer isso.
- Você?!
- Sim. - toma o telefone - Vou pedir dois lanches pra nós.
- Não, Mulder...!
- Fique quietinha aí! Nem se mova, porque eu providencio tudo. Agora mesmo.

Ele aproxima-se e a faz deitar-se, esticada no sofá.

- Pra que é isso, Mulder? - ela tenta sorrir.

Ele não dá resposta e pega logo o fone e disca um número. Após pedir as refeições, volta e senta-se na poltrona junto ao sofá.

- Scully, você tem certeza de que está bem?
- Estou, Mulder. Eu estou ótima.
- Ok. Assim que acabarmos de lanchar, vou embora.
- Vai pra casa, não é? Ou...
- Claro. - responde sem olhá-la.
- Mulder, responda-me direito.
- O que eu fiz?
- Preciso ter certeza de que não vai ainda buscar problemas, pelo menos esta noite.
- Problemas?! Como assim?
- Você é bem capaz de sair daqui e ir para o escritório em busca de novos Arquivos-X.
- Ah, não se impressione, Scully. - olha-a, insistentemente - Só vou tratar de descansar hoje e... pensar em você.

Ela não responde. Leva a mão à cintura tentando movimentá-la e sente dores.

- O que foi? - ele percebe.
- Acho que o bandido me deixou quase inválida.

Mulder ri.

- Não acredito em suas palavras de exagero, Scully, mas no fundo, no fundo, você está pedindo socorro.
- Eu?! - ela sorri, timidamente.
- Não tente ser forte, Scully.

A campainha toca neste momento.

A pessoa que traz os lanches entrega o pacote a Mulder e sai em seguida.

Mulder fecha a porta e retorna até Dana.

- Viu? Tudo certo, agora. - entrega a ela o lanche.

Dana apenas o pega e fica com o olhar perdido para o copo e o prato fechados em suas mãos.

- Abra, Scully! E coma!

Ela não responde. Queda-se pensativa. Absorta em suas divagações.

- Scully? Ei! - ele chama olhando-a bem de perto, esperando que ela saia do seu mutismo.
- Ahn?
- Vou ajudá-la. - ele toma das mãos dela o copo e abre-o, arrancando-lhe a tampa.
- Obrigada, Mulder. - toma um gole.

Aos poucos readquire ânimo e abre o pacote com o sanduíche.

- Vamos Scully, coma!

Ela começa a provar, aos poucos, o sanduíche. E enquanto ela está apenas começando, Mulder já está quase no final de sua refeição.

Conversam ainda, sem nenhuma animação. Algo faz o ambiente ficar tenso.

- Scully, eu já vou. - ele anuncia.

- Já?! - ela consulta o relógio de pulso.

Mulder levanta-se e dirige-se rápido para a porta.

- Scully, se não sentir-se bem, não precisa ir ao Bureau amanhã.

Ela olha-o, franzindo a testa.

- Deixe de tolice, Mulder. Eu estou bem!

Mulder, num ímpeto, abre a porta, sai e bate-a para fechá-la, com determinação.

"Mulder é sempre assim, impetuoso demais! Não espera nem que eu diga algo mais.

Mas... o que? Que eu estou amedrontada, fragilizada... que me sinto sozinha demais?

Que me faz falta ter alguém com quem eu possa compartilhar essas minhas horas de angústia e medo?"

As lágrimas afloram aos seus grandes olhos azuis. Sua tristeza nem é, na verdade, pela agressão que havia sofrido de um bandido. Disso somente lhe restam pequenos hematomas e tudo bem. O pior é essa dor da solidão que a maltrata.

"Numa noite como esta em que fui tão maltratada, sinto falta de uma palavra de carinho... de mais palavras de carinho... dele... de Mulder... - ela rechaça estes pensamentos - Mas o que estou eu pensando? Mulder? Ele é muito amigo, carinhoso, atencioso, mas é só...! Ele não me ama... nem a mim... nem a ninguém...!"

7-ª Parte

"O *tempo* é a soberana medicina de nossas paixões."

Michel de Montaigne



Mulder sente o calor e o doce afeto da mão de Dana segurando a sua, num gesto, para ele, puramente fraternal, diante do seu quase algoz estirado no leito.

Dirigem-se à saída do hospital.

Dana traz o coração absurdamente atormentado ainda, pelo desespero que havia sofrido, percebendo toda a maldade com que Robert Modell instigara pensamentos suicidas em Mulder.

Ela observa o parceiro. Nesses três anos de trabalho haviam aprendido a se compreender, a se fazer entender um ao outro. Era como se partilhassem juntos de somente uma mesma vida. Intensa. Cansativa. Sofrida.

Ele lhe parece estar movido, pelo menos neste instante, por desgastantes pensamentos negativos. Caminha de olhos presos ao chão. Seu andar balançante denota um ar de cansaço nos movimentos.

Dana continua observando-o de soslaio, enquanto lhe dá forças segurando a sua mão.

- Scully...?

Ela surpreende-se em ouvi-lo falar.

- Sim, Mulder?

- Você disse naquela hora *que tal não deixar que ele não nos roube mais nenhum minuto?* Lembra?

- Na realidade, cada vez mais é confirmada sua memória fotográfica, Mulder.

- Bom, mas voltando ao assunto, por que você me disse aquilo?

- Por que?

- Sim, Scully. Quero saber se estamos perdendo tempo em alguma coisa.

- Eu acho que não.

Mulder abre os lábios no seu sorriso espontâneo e simples de menino.

- Pois eu acho que sim.

- Em que sentido, Mulder?

- Bem, acho que, após certas situações tão marcantes em nossa vida, devemos sempre fazer um reparo nos nossos momentos...

- ... e...?

- ... e preenchermos o tempo com aquilo que precisamos; bons momentos de lazer, tranquilidade.

- Sei...

- E então... o que sugere?

- Sobre o que, Mulder? - ela não entende.

- O que vamos fazer agora para amenizar as horas de tensão?

- Eu vou pedir que vá pra casa e procure descansar.

- E você? - ele a olha, parecendo nem acreditar em suas palavras.

- Tenho que ir ver a minha família.

- Aaah! - é como se descesse um véu de amargura e decepção no semblante de Mulder.

- Bem Mulder, preciso ir agora. Você está bem?

Mulder a fita, esquadrinhando-lhe os pensamentos. Desprende a mão que ela ainda permanecia segurando. Nada fala. Apenas a olha.

- Tchau, Scully. - fala e, imediatamente, afasta-se dela.

Dana engole em seco. Respira fundo. Sente no coração um peso. O peso de não poder ajudar o seu parceiro mais intimamente. Sabe e sente que ele, talvez esteja necessitado de um momento maior de carinho, de ternura, de apoio. Ela sente-se arrasada. Como

se fosse um verdugo. E sabe que ele depende dela. Assim como ela, da mesma forma, depende dele. Estão unidos no trabalho. Sempre. E talvez até na sua vida pessoal.

* * *

Dana olha, sem prazer, sentindo-se até incomodada com o sobrinho e o afilhado brincando a correr em volta da mesa, arrumada para o jantar.

Maggie aproxima-se com uma travessa às mãos:

- Filha, você está tão quieta aí...! Está preocupada com alguma coisa?

Dana ri, fingindo descontração.

- Não, mãe. Eu estou bem! - toma a travessa em suas mãos - Deixe-me ajudá-la.

Seu irmão aproxima-se, puxando-a por um braço.

- E então, Dana? Como tem estado naquele seu desgastante trabalho?

- Nem tanto assim, Bill! - retruca sorridente.

Ele dá uma risada irônica, enquanto a vê colocar a travessa sobre a mesa.

- É um absurdo! - ele reclama, em voz alta.

- O que é um absurdo? - pergunta, ao notar que o irmão a examina detidamente.

- Você continuar naquela profissão e ao lado de um...

- Quer parar, por favor, Bill? Não vai querer recomeçar... bater na mesma tecla como sempre, não é? Isso foi uma escolha **minha**... por favor, meu irmão...!

- Maggie, que ouvira a conversa dos dois, aproxima-se.

- Por que vocês não procuram se entender, gente?

- É o que sempre procuro fazer, mãe, porém a Dana não quer nunca que se mencione que aquele sujeito com quem trabalha é o causador de muita coisa ruim que está acontecendo, até a morte de nossa irmã...

- Deixe a memória de Melissa em paz! - pede Dana, irritada, e a ponto de chorar.

- Bem, meus filhos, olhem... vocês ao invés de se unirem... pra mim chega essas história de acusações! Por favor, Bill, contenha-se! Olhe para o nosso sofrimento!

Dana afasta-se do irmão. Dirige-se à cozinha. Prefere ficar distante dele e de suas insinuações contra o seu colega de trabalho, o seu parceiro... por quem ela sente tanto carinho: Mulder.

8-ª Parte

"É incrível a força que a *alma* pode infundir ao corpo."
W. Von Humboldt



Mulder insiste na chamada telefônica.

Do outro lado da linha Dana o atende.

- Dana Scully.
- Scully, sou eu! Eu preciso vê-la!
- Mulder, mas...
- Por favor, Scully! Preciso de sua companhia. Não diga não! Por favor!
- O que eu ia dizer Mulder, é que devido a tanta coisa que aconteceu, você deveria relaxar um pouco... esquecer as tormentas... afinal você passou por momentos tão difíceis esses dias...!
- E você não? - a pergunta dele é clara.

Dana percebe que Mulder sabe exatamente qual será sua resposta. O sofrimento pela espera de notícias, sem saber do paradeiro de seu parceiro, a sua suposta morte, a havia atormentado ao extremo. Sentira-se naqueles dias completa e infinitamente infeliz. Mas não pode deixar que ele saiba o quanto ela havia sentido.

- Mulder... eu o estou esperando... aqui em casa. - foi, simplesmente, o que achou melhor falar nessa hora.

* * *

Dana, diante do espelho, mira-se. Acha que sua pele não está tão pálida, agora quanto esteve nos dias em que sofrera por causa do sumiço de Mulder. Os cabelos também estão bem arrumados. Sente-se bem. Passa um batom rosado sobre os lábios. Vestira algo bem informal, achando que o seu parceiro a deve ver, de vez em quando, vestida menos cerimoniosamente. Descontraída. Simples. Amiga.

Ouve as pancadas familiares na porta de entrada do apartamento.

Dirige-se para abri-la.

- Oi? - ele sustenta-se nos umbrais da porta, a olhá-la, firmemente.
- Entra, Mulder.

Ele acomoda-se no sofá da sala pequena e acolhedora. Olha à volta do recinto.

- Me faz bem este ambiente.

Dana sorri.

- Então você **sentia** que eu estava bem, Scully? - pergunta, de chofre.
- Como eu já lhe disse...
- Você ... sentiu isso?
- Sim.
- Você acha que há uma completa interação entre nós?
- Sem dúvida! - responde convicta; senta-se ao lado dele.

Mulder leva para trás os braços, colocando-os à nuca e encosta-se no espaldar do sofá.

- Eu pensei que havia chegado o meu fim.
- Sabe Mulder, em sonhos eu o vi falando comigo.
- É? - ele sorri - E o que eu dizia?
- Algo assim como... já não lembro bem as palavras, mas era mais ou menos assim: ***Eu voltei dos mortos para continuar com você, mas temo que este perigo agora esteja próximo... que seja tarde demais.***
- Verdade?
- Sim, Mulder. - responde, fitando-o
- Você acha que existe uma sincronia entre nossas almas?

Dana mantém-se calada, agora. Não gosta, jamais de expor os sentimentos racionais, seu sistema filosófico que só admite como critério da verdade a demonstração racional pela inteligência.

Mulder, porém, sempre acreditando no espírito, na alma, na parte imortal do ser humano.

- Scully... eu lhe fiz uma pergunta.
- Que me acho com o direito de não responder, Mulder.
- Ok. - endireita-se no sofá; retira os braços de sob a nuca - Scully e se... eu realmente tivesse chegado ao fim?

A pergunta dele fôra rápida. E a deixa em situação delicada. Não sabe o que responder. Pelo menos não deseja fazer isso.

Mulder não insiste. Levanta-se.

Dana nota a palidez na face dele. Sente pena. Quisera poder mais fazer para ajudá-lo. Mas enquanto o coração ordena, a língua não obedece. Então ela cala-se. Silencia nos seus sentimentos antagônicos de atração e repulsão.

9-ª Parte

"O *instinto* é um guia muito mais seguro que a razão.
Göldsmith



Dana fica absorta, por alguns segundos, com o telefone junto ao ouvido.

Em seguida desliga, irritada, o telefone. Joga-se na cama. Divaga sobre as coisas que Mulder lhe havia falado nesse dia. E que lhe fizera ficar deveras intrigada.

Nessa sua última chamada no telefone para ele, este havia desligado o aparelho, na sua cara! Que audácia! E ainda dissera, simplesmente, um seco:

"Agora não!"

O que estará acontecendo? No seu instinto perspicaz, na sua intuição feminina, parecera-lhe algo assim, como se o seu parceiro estivesse ao lado de alguém mais que importante... talvez uma mulher.

Notara algo assim transparecendo na entonação da voz dele.

"Não sei porque, mas algo me diz que Mulder está com alguém ao seu lado que atrai sua atenção. Dá pra sentir que ele não está apenas manifestando um desejo de arrancar dessa investigação algo concreto. Há um interesse incomum nele. Noto, por seu modo de falar. Ou será que estou imaginando coisas?"

Seus pensamentos são interrompidos pelo toque do telefone, que ela pega imediatamente para atender. Já o havia colocado ali ao seu lado na cama, para não perder um segundo sequer de qualquer chamada de Mulder.

- Scully, sou eu.

É a voz inconfundível de seu parceiro no outro lado da linha. Dando mil explicações sobre a sua estada naquela cidade. E que a investigação está frutificando.

- Mas quem está te ajudando, Mulder?

Ela ouvira-o pronunciar o incomum nome, mas não quis acreditar.

- O nome dela é ... Bambi? - pergunta.

Porém Mulder não se detém dando explicações. Está por demais entusiasmado para entrar em um detalhe tão sem importância.

Ele desliga e Dana sente-se frustrada.

- Bambi! O nome dela é Bambi! - fala, num murmúrio.

"Provavelmente deve ser jovem e bonita. E atraiu a atenção dele! - continua em pensamentos - Eu devo ir para essa cidade onde ele está, claro! Não posso deixá-lo à mercê desse tipo de mulher...!"

Dana senta-se na cama, de supetão.

"Mas o que é isso que estou dizendo? Que me importa ele ter uma, duas, três ou quantas mulheres quiser? Que me importa? Não é nada meu...!"

Seus olhos azuis enchem-se d'água. Sente-se infeliz. Solitária. Abandonada.

Num rápido movimento, levanta-se e dirige-se ao armário, dele retirando uma maleta. Retira também roupas, as quais vai atirando sobre a cama. Está decidida. Irá até onde Mulder se encontra. Com a doutora Bambi.

Só está perfeitamente ciente de uma coisa: Mulder é suficientemente capaz de resolver os mais intrincados casos, mesmo sem seu auxílio, mas agora está decidida: vai partir em seu encalço. Satisfaz-lhe a idéia de que deve "atrapalhar" esse caso de seu parceiro com aquela desconhecida e talvez perigosa doutora Bambi.

10-ª Parte

"*Ira* é a multiplicação de querer e não querer."
Raimundo Lúlio



No carro, amuada, Dana dirige com o olhar preso à estrada que o veículo vai engolindo sob suas rodas.

Mulder, ao seu lado, nada fala. Olha apenas a lua, no alto do céu escuro, que parece um olho curioso a fitá-los.

Os grilos, no seu cri cri incessante, fazem ressoar mais alto ainda o seu ruído vindo das árvores à beira da estrada. Pequenas estrelas brilham na escuridão da noite. O vento deslocado pela velocidade do veículo tange os cabelos ruivos de Dana, jogando-os por vezes sobre seus olhos. Ela, com denotado desagrado e impaciência, os afasta do rosto a todo momento.

Mulder recosta a cabeça voltada para o lado da janela e fecha os olhos. Nem tenta dirigir uma palavra sequer à sua enraivecida parceira. Nem vai mais chamar a sua atenção pelas barbeiragens que ela está fazendo no volante esta noite.

Um sinal amarelo que Dana enxerga ao longe como alerta, não serve para que ela amenize a força do pé no acelerador. Prossegue na sua louca velocidade, em direção ao semáforo.

Mulder, de olhos fechados, só os reabre quando o ruído cantante dos pneus invade seus ouvidos. Absurdamente estupefato, nota que Dana havia parado no sinal vermelho, junto a traseira de outro veículo, já quase beirando às desastrosas proporções de uma batida.

Ele suspira, aliviado, por nada ter acontecido.

Dana, por sua vez, nervosamente, tamborila os dedos sobre o volante, ansiosa para que o verde do semáforo seja aberto, dando-lhe liberdade para prosseguir na sua desenfreada corrida em velocidade sobre rodas. Quer fugir daquela cidade onde haviam estado.

"Detetive White! - reclama em sua mente - E Mulder todo empolgado com aquela mulher! Aquela infeliz que só estava ali para agarrá-lo! É... o propósito dela era só ficar na cama com ele! E o burro caiu na rede dela! Eu o detesto! Eu o detesto!"

E ela sente que as lágrimas inundam-lhe os olhos transparentemente azuis, contrastantes com o sinal vermelho lá fora.

O sinal reabre e Dana recomeça a sua corrida veloz para casa.

"Para casa! - pensa - Quero chegar em minha casa e esquecer a tormenta que estou vivendo. Ele está aqui do meu lado e nada fala. Com toda certeza está pensando naquela mulher.. . Detetive White! **I-di-o-ta!** Pensa que ia tomá-lo para si, é? - ao mesmo tempo seu pensamento a repreende - Dana, Dana! Que é que estás pensando, criatura? Tens alguma ligação com esse teu colega? Nenhuma, a não ser o trabalho! Então qual é a tua? Por que ficar xingando, esbravejando mentalmente, se o teu parceiro é dono de sua própria vida... pode ter a mulher que bem entender, hein?"

Mulder endireita-se no banco do carro. Está nervoso. Está ciente de que ele também, quando está ansioso, dirige em alta velocidade. Porém sente que Dana está quase fora de si.

"Ela está com muita raiva de mim! - pensa ele - Está realmente irada! Mas eu não lhe devo nada! Ela não está somente com raiva... ela tem... ciúmes?! Será possível? Quantas vezes já lhe demonstrei a minha admiração por ela e ela faz-se de desentendida! Afinal o que é mesmo que ela tem? Aconteceu que nós brigamos, discutimos, mas é devido a essa conjunção astral acontecida nesta época e neste ano de mil novecentos e noventa e cinco, como me explicou aquela astróloga. Mas a raiva de Scully aconteceu por causa da Detetive White, que me assediou na verdade, mas eu só

a beijei... e só! Mas Scully não acredita! Ela pensa que... ah, deixa pra lá! Não quero mais pensar nisso!"

E Dana continua no seu propósito de correr e correr cada vez mais.

Enquanto prossegue no seu intento, os pensamentos volteiam sobre sua mente.

"Ele agarrou-a, jogou-a sobre aquela cama, despiu-a por inteiro e... não!! Não quero pensar no que eles fizeram! Mas... por que eu tenho que pensar nisso? Se ele a quer, que volte até lá e a beije novamente, que a leve pra cama e..."

- Droga!! - dá um soco no volante.

Mulder a olha, querendo entender porque ela está falando impropérios e com um gesto tão nervoso. Não é por causa da estrada, porque agora está tudo livre e ela pode continuar na sua velocidade.

Já estão próximos de suas respectivas cidades.

- Pare aqui, Scully!

- O que?

- Eu disse pare aqui!

- Está me dando uma ordem, Mulder?

Ele amansa a voz, propositadamente.

- Por favor, Scully...!

No primeiro sinal, Mulder desce do carro.

- Boa noite, Scully. - diz, batendo com força a porta ao sair.

- Humpf! - ela faz, e dá partida no motor.

11-ª Parte

"No amor o *engano* vai Quase mais longe do que a
desconfiança."

La Bruyère



- **Nossa!!** - Dana exclama, ofegante.

Ela havia sido pega em flagrante por Mulder, quase sendo beijada por... Mulder!

Dana, agora, à frente do espelho do banheiro não sabe se ri ou chora. Está confusa demais para conseguir chegar a uma conclusão daquele terrível engano.

Aperta os olhos. Morde os lábios.

Num repente volta tudo à sua mente.

"E aquele homem quase me beijou...! Nossa! E se tivesse acontecido? E se Mulder não tivesse chegado a tempo?"

Vê em sua mente, perfeitamente, a cena: a porta escancarada...Mulder, entrando tempestivamente na sala... e o homem ao seu lado, tomado de surpresa, olha para trás e ela recua, estonteada pelo absurdo imprevisto.

Dana abre os olhos, arregalando-os, mirando-se no espelho. Chega o rosto bem perto da superfície de cristal.

Inconscientemente abre a torneira e, com a concha da mão, leva água à boca. Sente nojo.

"Se Mulder não tivesse chegado a tempo, eu aceitaria o beijo daquele homem, como me entregaria a... Mulder ! Meu Deus! Mas não era ele! Mas... tinha o seu corpo, a sua voz... o seu rosto... seus olhos... sua boca... aquela boca que eu... - cobre os lábios, como se quisesse evitar as palavras - ... eu tenho desejos, morro de desejos de beijar, de me entregar toda..."

Ela coloca as duas mãos apoiadas no mármore da pia.

"E qual teria sido ali, na hora, a reação de Mulder, ao vê que eu aceitaria ser beijada por um homem idêntico a ele? Acharia mesmo que é, exatamente, o que eu sempre espero... ser beijada por ele! Ai... eu estou tão confusa!"

Pousa, novamente, os dedos trêmulos nos lábios, infinitamente embaraçada. Sente isso.

* * *

Mulder, sentado no banco da praça, encurvado sobre si mesmo, os braços apoiados nas pernas, põe-se a distrair-se, lembrando a cena que vira sua parceira prestes a entregar a boca num beijo dado por ... ele mesmo!

Sente um calafrio ao surpreender-se com os pensamentos na cena entre Eddie Van Blundth e Dana. Engole em seco. Endireita-se no banco, perturbado.

"E se eu não tivesse chegado a tempo de impedir aquele beijo? Ela se entregaria a ele! Adeus racionalidade! Adeus formalidade! A carnealaria mais alto, afinal! Mas... e se o cara a tivesse beijado... e ela pensasse que era eu? Aí então ela deixar-se-ia beijar sim... pensando que era... eu!? Ela me beijaria, então? Entregaria sua boca a um desejo meu? Um desejo tão antigo, o qual mal posso conter? Já estamos trabalhando juntos há quatro anos e já tenho a completa certeza de que a amo. Mas... e ela? É um sentimento que não posso perceber em Scully devido ao seu modo um tanto formal de ver as coisas mais simples. Mas a verdade é esta: eu a amo! Não tenho a devida impetuosidade para, num relance, dar-lhe a entender que a amo demais! Mas a oportunidade para isso tenho que achá-la. Nem sei como... mas vai acontecer."

12-ª Parte

"Vemos o universo através de nossas *emoções*."
Maurice Barrés



Mulder balança os braços, ritmicamente. Sente uma certa timidez pelas palavras que chegara a pronunciar para Dana.

Ela pára de caminhar. Observa o jeito dele.

- O que foi, Mulder?
- Deixa pra lá, Scully.
- Pode me dizer. Alguma coisa está te incomodando.
- Por que pensa assim?
- Ahn... se você estivesse em seu estado normal, já estaria com esses seus passos apressados, a um quilômetro de distância de mim.
- Ah...! - sente-se sem graça.
- Ah, vai! Conta pra mim!

Mulder não entende porque ela está tão interessada em saber. Seus pensamentos embarçam-se-lhe na mente. É certo. Ele havia jogado mesmo sobre ela insinuações sobre casar-se e ter filhos.

"Por que não? Ela é jovem, linda... deve formar uma família, um lar... e bem... pode e deve ter alguém que a queira assim como... eu!"

Mulder prende-se a essas divagações, enquanto vê a dona dos seus sonhos ali, diante dele.

- Quero convidá-la para alguma distração, Scully.
- Ah, é isso?
- Isso o que?
- Que causa o motivo desse seu nervosismo?
- Nervosismo?!

Ele permanece quieto por alguns segundos. Seus pensamentos retornam ao que havia sugerido à sua linda parceira.

Vem-lhe à mente a cena onde estavam sentados naquele banco, horas antes.

"Então ache um homem que tenha uma história genética perfeitamente normal... e comece a produzir um Scullyzinho..."

Lembra-se de que Dana, ao ouvir essas palavras enrubescera.

- Mulder...?
- O que...? - desperta de suas divagações.
- Embora na hora eu tenha detestado, adorei você me dizer aquele boa noite.
- Algum boa noite especial, Scully?
- Não lembra mais?
- Nem um pouco.
- Ahn... esquecido propositadamente! - ela murmura.
- O que? - não entendera.
- Nada.

Mas Mulder, na sua perspicácia e no seu entendimento psicológico, logo havia lembrado do que dissera a Dana, quando esta saía do quarto, naquele hotel onde haviam estado hospedados.

"Boa noite, mãe!"

- E qual é o convite, Mulder?
- O que? - está com a cabeça vagando no espaço, só relembrando a cena.
- Onde você queria ir.
- Vamos jogar boliche?
- Está a fim mesmo?

- Sim. E você?
- Posso satisfazer o seu desejo.
- Ah, mas assim não. Quero apenas que você vá de completa vontade. Não pra me satisfazer.
- Está ok, Mulder. Eu aceito. Vamos.

Os dois entram no carro. Colocam o cinto. Neste momento, num esbarro, suas mãos se encontram. A enxurrada de emoções é quase incontrolável para ambos. Os olhares se fundem. Como sempre.

- Ahn... Mulder...? - ela desvia o olhar.
- O que?
- Não vamos ficar até de madrugada, não é?
- Tem medo?
- Claro que não! Estou com você!

Ele sorri no seu sorriso ingênuo de menino.

Dana fita-o com seus olhos infinitamente azuis. Os dois entreabrem os lábios. Sentem desejo de falar algo que lhes sai de seus corações. Mas não o fazem. Contém-se. Como sempre.

13.ª Parte

"Doce é a *vingança*, especialmente para as mulheres."

Lord Byron



Dana, ali sentada diante de Mulder, sente-se pesada, como se uma carga de chumbo estivesse sobre suas costas. Sente-se absurdamente indiferente à tempestade sentimental que está enfrentando o seu colega de trabalho. No entanto, não consegue encará-lo.

- Mulder... eu já vou. - faz menção de levantar-se.
- Fique. - ele fala em tom seco.
- O quê? - ela retruca.

Percebe que o seu parceiro denota uma grande e contida raiva por seu procedimento.

- Por que isso, Scully?

Ela não responde à esta pergunta, na qual indica haver total desagrado de Mulder até em dirigir-lhe a palavra. Ele tenta parecer firme, indiferente, porém, na verdade, está enraivecido.

- Eu vou embora. - diz mais uma vez.
- Não respondeu à minha pergunta.
- Já disse que é a minha vida, Mulder! Nela mando eu!

Dana pronunciara essas palavras para não mencionar o verdadeiro propósito que está em seu coração, que está a dizer:

"Se Mulder não me dá a devida atenção como eu realmente aspiro, então parto em busca da minha felicidade sentimental com outro... mas que nunca mais aconteça o que aconteceu com esse cara com o qual me envolvi. Nem Eddie, nem ninguém mesmo, poderia ser o meu grande amor, já que o meu coração é inteiramente de... Mulder! E eu acho... acho que pretendia vingar-me um pouquinho por sua indiferença."

- Vai viver agora em busca de aventuras, Scully?

A pergunta soa como uma bomba detonando dentro dos ouvidos de Dana. Sem sequer olhá-lo, levanta-se. Aspira muito fundo um pouco de ar que possa encher seus pulmões e lhe aliviar o coração.

- Fique, Scully. - pede ele, sem, também, dirigir-lhe o olhar.
- Não tenho que lhe prestar obediência. Não sou sua subordinada. Já lhe falei isso. Além do mais não tenho obrigação de ficar aqui, ouvindo suas palavras grosseiras.

Ele levanta-se, também. Fitando-a. Quase friamente.

- Grosseiras? Só porque expressam a verdade?
- O que tem você com a minha vida, Mulder?
- O que tem...?
- Sim. Algo sobre a minha vida lhe interessa?

"Para que respondê-la? - pensa ele - Perda de tempo! Primeiro, que ela pouco liga pra quem eu sou ou penso; segundo, porque na verdade, ela está com toda a razão... a vida é dela."

Dana toma a decisão final.

Subitamente volta-se em direção à porta e sai da sala, deixando Mulder entregue aos seus pensamentos.

Mulder senta-se lentamente, coloca os pés sobre a mesa, absorto, meditando sobre os acontecimentos do dia com sua parceira.

Cruza os braços, olhando para o nada.

14.^a Parte

"Na plenitude da *felicidade*, cada dia é uma vida inteira."

Goethe



O som dos murmúrios discretos dentro da sala de audiências do FBI, pouco significa para Fox Mulder e Dana Scully.

Dezenas de indiscretos pares de olhos severos sobre eles dois o poderiam deixa-los até envergonhados, porém o que pode interessar o pensamento dos outros a dois seres que se entendem, que compartilham das mesmas idéias, que se estimam, que... se amam?

Neste momento em que seus corpos estão juntos, unidos num abraço quente, acolhedor, dentro de seus corações surge um fantástico sentimento de felicidade por se reverem, se reencontrarem assim tão intensamente.

- Mulder! - ela murmura, numa doce ternura.

- Scully! - ele sussurra, com sua voz que soa como bolinhas de gude escorregando pela garganta.

"Que doce momento este em que aqui estou todinha dentro dos braços dele... eu sinto seu coração pulsar forte dentro do peito. Meu Deus, como é bom!" -

são os pensamentos que vem à mente de Dana.

Mulder, por sua vez, reflete em sua mente, sobre a felicidade que tivera em conseguir voltar são e salvo de tão terrível empreitada em Tunguska.

"A minha Scully no meu abraço. Eu queria poder daqui mesmo levá-la em meus braços, por sorte os meus dois braços, para um lugar só pra nós dois." - ele pensa.

Separaram-se do abraço. Sentem-se felizes.

Skinner fala com eles e retira-se.

Mulder e Dana retiram-se também do local, em seguida.

Caminham, vagarosamente, pelo imenso corredor do Bureau.

Mulder pára.

- Scully, deixe-me olhar pra você.

Ela sorri, discretamente.

- Que bom te ver de novo!

- Eu é que digo isso, Mulder.

- Verdade?

- Como não?

- Eu poderia repetir aquilo de novo?

- Aquilo o que, Mulder?

- O abraço?

Ela sorri, novamente, meio sem jeito.

- Sim, naturalmente que poderia, mas num lugar mais discreto, claro!

Repentinamente seu cérebro a repreende: "**Tonta! Que estás dizendo a ele? Que queres um abraço num lugar só pra vocês dois? É isso? Tonta que és...!**"

- Feito. - ele sorri e fita-a, profundamente.

Vão caminhando em direção às escadas, a fim de descê-las.

- Scully, eu morri de preocupação. Você sendo pressionada aqui e eu lá, sem nada poder fazer por você, naquele maldito lugar e sem saber o que fazer para livrar-me!

- Eu entendo, Mulder.

As pessoas que estão passando pelo local, olham-nos.

Sequer vem à sua mente e coração a idéia de que chamaram a atenção de todos que estavam na audiência e àqueles que estão transitando por ali. Pouco lhes importa esse detalhe.

- Quisera eu poder abraça-la mais, Scully! - ele fala, com calor.

- Bem, Mulder... não é proibido.
- Acredito, Scully. - ele aproxima-se, tentando a senti-la em seus braços, novamente. Ela esquiva-se, gentilmente.
- Que é isso, Mulder? - olha em volta - O que podem pensar?

Ele move os braços, deixando-os caírem ao longo do corpo. Suspira longamente. Estão descendo os degraus, agora.

Scully abre a porta, para entrarem em seu escritório.

Mulder passa por último, fechando a porta.

- Eis-me aqui, de volta! - fala em alto som, como se os objetos ali presentes pudessem comemorar seu retorno.
- Te pressionaram muito para saber do meu paradeiro, Scully?
- Tem dúvida disso?
- Nem um pouco.
- Mas saiba que enfrentei a todos...
- ... com muita garra e decisão. - ele conclui.

Dana assente, num movimento positivo com a cabeça.

Mulder senta-se, com agrado, em sua cadeira à frente da mesa.

Scully, de pé, cruza os braços e o olha, feliz, embora demonstre apenas, muito discretamente essa felicidade.

15-ª Parte

"Os infelizes têm *confiança* facilmente naquilo que anseiam."
Sêneca



Enquanto Dana vai se afastando, caminhando pelo extenso corredor do hospital, Mulder permanece parado, olhando a sua frágil figura vestida no roupão branco, desaparecendo do alcance de seu olhar.

O corpo pequeno de Dana, que estivera entre seus braços minutos atrás, parecera-lhe estar desejando que ele lhe transmitisse forças, novas energias, procurar manter viva a chama da vida que está por se extinguir.

E aquelas linhas escritas no seu diário o fizera pressentir o desejo dela de tê-lo a todo momento, até... que a chama de vida se apagasse.

Repentinamente Mulder sente-se impelido a segui-la e, com largos passos apressados, segue-a de longe.

Dana já havia alcançado a porta do quarto e entrara.

Mulder aproxima-se dali.

- Scully! - chama, sem aumentar o tom da voz.

Ela volta-se para olhar.

- Scully... eu... preciso ficar...

- Sim...?

- É... conversar mais um pouco, concorda?

Ela faz um meneio, concordando. Sorri.

- Vem, senta aqui. - convida, apontando uma cadeira.

Mulder senta-se, ao contrário do convite dela; prefere ficar numa beirada da cama.

Dana senta-se junto dele.

Olham-se, como sempre, num mútuo sentimento de pura sinceridade. Confiança. Amizade.

Mulder segura a mão de Dana, aconchegando-a entre as suas.

- Scully, eu queria poder te dizer uma palavra de maior certeza, mas olha... aqui dentro de mim, existe um sentimento que me impulsiona a te dizer que esta fase ruim logo deverá passar.

Ela o fita, com ternura.

- Obrigada, Mulder. Suas palavras me animam, pode crer.

- E eu quero crer.

Ela olha para o chão, pensativa.

- Eu quero, eu mesmo, levá-la de volta pra casa, quando sair daqui.

- Mas não é preciso, Mulder! - protesta.

- Claro que é! Scully... eu não estou sempre te ajudando?

Dana retira, suavemente, sua mão de entre as de Mulder.

- Nós precisamos...

- ... do que, Scully?

- Começar a nos acostumar com a distância.

- Distância?!

- A separação, Mulder, que, infalivelmente, chegará.

Ele levanta-se.

- Não precisa ser céptica a esse ponto, Scully!

Ela dá um pequeno riso forçado.

Mulder agarra-a pelos ombros, fazendo-a erguer-se. Segura-a pelo queixo.

- Olhe, Scully.

Seus olhares novamente se encontram, cheios de recíproca ternura.

- Você **nunca** estará separada de mim. Estes momentos jamais serão nossas lembranças finais. Nossas almas são uma só. Elas se uniram, para sempre, Scully. Eu acompanho você e você acompanha a mim. Sempre. Não acredita nisso?

Novamente Dana, com um meneio, afirma que concorda.

Ele passa um braço sobre seus ombros.

Aproximam-se da janela. Olham lá para fora.

O que vêem seus olhos discorda seu coração. Na paisagem lá em baixo fria e dura de arranha-céus, não pode ser comparada à emoção e quente ternura que flui dentro dos seus corações.

16-ª Parte

"Para os tímidos e hesitantes tudo é

impossível, porque tudo
impossível lhes parece."

Sir Walter Scott



Dana repõe o aparelho telefônico na base, após alguns segundos. Seu olhar está parado, abismado.

Havia trocado muitas palavras com o seu parceiro ao telefone, mas ao terminar a conversa, sente que está ofegante. O pouco ar está lhe entrando nas vias respiratórias com dificuldade.

Considera que qualquer outra mulher acharia engraçado o fato de ouvir a frase que Mulder lhe falara. Na certa levaria na brincadeira. Mas não ela!

"Meu Deus, Mulder falou, brincando, naturalmente, porém essa brincadeira dele fez acelerar as minhas batidas cardíacas. Estou cheia de ansiedade... de excitação... sei lá!" Fecha os olhos, perturbada. Por segundos fica assim. Abre os olhos e nota que o xerife da cidade onde se encontra, e que a deixara usar o telefone, observa-a, intrigado. Parece até querer saber o motivo de sua perturbação.

- Agente Scully, precisa de mais alguma coisa?

Dana volta o olhar para ele. Vê que em sua mesa um calendário de metal mostra uma data: 8 de fevereiro de 1998. Faltam apenas treze dias para seu aniversário. Deseja estar junto a Mulder nessa data. Após essa rápida reflexão, apressa-se em responder:

- Ahn... não... obrigada.

Responde e sai.

Deverá voltar ao hotel ou pegar o carro e voltar para sua casa? Ou perambular um pouco pelas ruas? Necessita tomar uma urgente decisão. Precisa parar um pouco. Não ver pessoas ao seu redor. Ficar só, enfim.

Caminha, vagarosamente, na rua com pouco movimento de transeuntes.

O diálogo havido entre ela e seu parceiro ainda está dentro de seus ouvidos.

"- *Scully*...?"

"- *Hein*?"

"- *Casa comigo*? "

As palavras soam-lhe aos ouvidos, como sons benfazejos.

Os pensamentos retornam:

"Mulder gosta de brincar com os meus sentimentos. Ele nem pressente que eu queria... que eu quero... o que eu quero? - sente-se nervosa - O que é isso que estou dizendo? Eu não o quero e nem ele me quer! Ele é um amigo brincalhão...! Mas como eu... eu... o que? Que está se passando dentro de mim... por que essa reação fisiológica... esse... quase como um org... não! Como posso deixar penetrar em minha mente tais pensamentos, só de imaginar-me nos braços dele?! É impossível! Não posso amar esse homem! Não devo!"

A buzina estridente de um carro soa através do longo da rua, interrompendo-lhe os pensamentos.

"Ele apenas me disse: *"casa comigo"*?"

E por que eu não poderia realizar esse meu desejo? Porque eu não posso me deixar levar pelo romantismo! Tenho que demonstrar cepticismo, sangue frio em tudo que vejo e ouço! Assim tem que ser a minha vida! Sempre! O destino me fez ser uma mulher determinada... uma mulher que não vive de ilusões, nem fantasias. Sou uma cientista! E nem tenho porque estar com esses pensamentos um tanto fantasiosos ou até... eróticos! Absurdo! Mulder disse aquilo irônica e eu o respondi muito bem, até! Da mesma forma com que ele me usou:

"- *Eu pensei que você poderia ser mais útil!*"

É... eu falei isso, sim, mas... eu sinto por ele algo mais profundo... mais..."

Caminha com rapidez e em passos decididos para interromper tais audaciosos pensamentos.

17-ª Parte

"O destino sempre ri das possibilidades."

Bulwer Lytonn



Dana percebe o leve ressonar daquele que é seu companheiro na árdua labuta do trabalho incessante e perigoso.

O subir e descer do peito dele sob a proteção de seus braços, deitado sobre seus joelhos, a faz sentir imensa ternura.

Coloca a mão na testa dele e percebe a pele quente, acima da temperatura normal que deveria estar.

"O destino nos engana e nos faz de tolos à hora que lhe convém. - pensa ela - Eu, aqui, nesta sombria e quase inextinguível floresta, junto a este homem com quem convivo durante as quase vinte e quatro horas do dia. É como se fôssemos... por que não dizer... marido e mulher? Nós compartilhamos nossos momentos, nos compreendemos e nos aturamos reciprocamente... temos tanto em comum..."

Dana desvia o olhar do escuro da mata à sua volta e detém-se a fitar as feições de Mulder, aconchegado em seu colo.

"Ah... esse rosto belo e perfeito... esses olhos que agora não podem vasculhar os meus pensamentos porque estão fechados... - ela sorri, imperceptivelmente, vendo-o tão sereno em seu sono e ouve que ele dá um gemido - ... a perna deve estar doendo. Oh, meu Deus! Nos acode! Precisamos sair daqui!"

Ela observa de mais perto o rosto de Mulder, examinando-lhe os lábios ressecados pela febre.

"Essa boca... ela me excita...! Eu bem que podia umedecê-la com a minha... - sacode levemente a cabeça - Não! Que é isso? Que pensamento tolo é este? Acorda, Dana! Acorda, criatura de Deus!"

Mulder movimenta-se.

- Scully...?
- Já acordou?
- Não dormi.
- Dormiu, sim... um pouquinho... poucos minutos.
- Não dormi, Scully!
- Está bem, Mulder! Calma! Não vou teimar com você!
- Eu estava apenas pensando...
- ... em como achar um tapete mágico que nos leve deste lugar horrível?
- Não...
- Aaah... você, hein? Pra você é uma aventura estar neste lugar lúgubre!
- É fantástico outra coisa, Scully.
- O que?
- Eu estar aqui, assim, encolhido em seu colo...!
- Mulder! Daqui a pouco deixo-o jogado aí no chão frio a noite toda! Escolha!

Ele sorri.

- Tenho absoluta certeza de que não teria coragem!
- Muito convencido, você é!
- Scully... apesar da situação, pra mim isto é sensacional! - levanta a cabeça para fitá-la - Juntinhos aqui assim... sozinhos...
- Mulder, pára! - dá um tapinha em seu braço.
- Scully...
- Deita, Mulder! Você tem que descansar!
- Me aperta mais!

- Ah, pára com isso! Eu só estou cumprindo minha obrigação de médica. Preciso protegê-lo! Está muito frio e estamos ao relento!
- Muito consciencioso de sua parte. Obrigado, **dou-to-ra!**
- Você não faria isso por mim?
- Faria muito mais! - ele encolhe-se mais ainda sobre o colo dela, com um gemido.
- Ahn... Mulder... eu acho que é necessário fazer algo.
- Como assim?
- Eu tento arranjar um meio de fazer um sinal para alguém... qualquer coisa...!
- De jeito nenhum, Scully! Eu estou me sentindo muito mal! Não posso sair daqui... do... seu colo.

Enquanto Mulder tenta aconchegar-se mais, Dana o mantém afastado de seu peito, evitando assim, que ele possa sentir o calor e a maciez de seus seios.

Ela sente que a proximidade dele a está provocando em reações que não quer nem pensar em aceitar como realidade.

Um ruído longe de cães a latir os fazem animar-se.

Mulder ergue-se do colo dela.

Dana levanta-se ao ver-se livre do peso de Mulder.

- **Aqui!! Estamos aqui!!** - grita.

- **Ei!!** - grita Mulder, por sua vez.

"É uma pena que tivemos só breve chance de nos aninhar... estava bom... gostoso mesmo sentir o corpo de Scully junto do meu...!" - ele pensa.

Os latidos dos cães estão mais próximos, dando a entender que seu faro acusa a localização do casal perdido na floresta.

- Scully...

- Que é, Mulder?

Ele segura-lhe a mão para que ela sente junto dele, que não pode ficar de pé.

- Preciso ainda de auxílio... e calor! - pede carente - Canta outra vez o "**sapo-boi Jeremias...**"?

Dana faz um movimento negativo com o dedo.

18-ª Parte

"A *música* começa onde acaba a fala."

Hoffman



A música soa dentro dos ouvidos de Mulder, tornando-o mais e mais consciente de que está num lugar e ocasião dignos de um sonho.

Olha acima dos ombros de seu par na dança, e vê o deformado homem, que acompanha alegremente o ritmo da música que toca no salão.

"Até esse pobre ser desprezado pelos benefícios da natureza, sente-se contente. - pensa ele - apertando com mais calor as costas de sua dama nos passos da dança - Eu queria que isso não terminasse nunca! Scully, assim nos meus braços... e ela está me demonstrando afeto... talvez mais um pouco que o normal... e eu a quero tanto...! - aperta-a mais contra si - ... minha Scully...!"

O ritmo segue, enquanto os pares deslizam seus passos no amplo salão, sempre sob o olhar alegre e atento dos que ficam nas cadeiras que circundam a pista de danças.

Mulder aperta mais Dana contra si e sente-lhe o corpo pequeno e vibrante. Aspira o perfume que vem de seus cabelos ruivos. Sua respiração ofegante quase não contida, vai exalada sobre os ouvidos da mulher que tem em seus braços.

E Mulder sente-se acalorado. Sente seus órgãos entumecidos, a vibrarem da emoção contida.

Deseja sussurrar no ouvido dela as palavras que lhe querem sair do coração.

- E aí, Scully?
- O que?
- Está gostando?
- Huuum...!

Mulder sabe que nem deve esperar dela alguma resposta. Ali, naquele momento, com a música a ressoar em seus ouvidos, ambos sentem-se como num lugar imaginário, fictício, onde ninguém poderia estar, senão eles dois somente, num cenário encantado.

- Scully...
- Sim, Mulder.
- Eu queria...
- O que?
- Que pudéssemos... que você...
- ... o que? - interrompe.

Mulder, mais do que nunca, sabe que as palavras não lhe sairão, fluentemente, da boca. Não consegue continuar seu pensamento.

Dana deixa que seu corpo mais se achegue ao de Mulder. Entrega-se à ternura daquele calor gostoso e ameno, que provém dele.

- Mulder...
- Sim?
- Estou adorando estar aqui.

Ele aperta-a mais contra si, novamente.

- Não queria que essa ocasião acabasse, Mulder!
- É só querer.
- O que?
- Prolongá-la.

Dana não pergunta o que significam tais palavras.

Sabe e sente, como sempre, as insinuações românticas de Mulder. E não vai permitir que ele as prolongue.

Ele é, apenas, seu parceiro no trabalho. Um amigo. E só.

19.ª Parte

"É mais heróico viver dos *pesares* do que morrer deles."

A Houssane



Mulder segura Dana pelo braço. Nota-a um pouco trêmula. O semblante pálido, e choroso, mais triste do que nunca.

Ele está ao lado dela desde as primeiras horas do enterro de Emily.

O aparecimento da garota, que teria sido filha de Dana, a filha que ela nunca conseguira ter o prazer realizado de mãe em tê-la em seus braços, niná-la, aconchegá-la a si em suas necessidades, trouxera a essa Agente Federal tão forte, impávida, impulsiva e determinada a fragilidade da inexperiência, da angústia de perder a menina, enfim, tudo aquilo que a deixara mais do que abalada com a inusitada situação.

Os pensamentos de Mulder ao lado dela o levam a caminhos pesarosos.

"Por que teria que acontecer isso com Scully? Por que? Por que o descobrimento dessa filha agora e a sua conseqüente perda? É angustiante para Scully toda essa situação! Primeiro, por saber que perde a filha que deveria ter nascido de suas entranhas mas ela sendo estéril, nunca poderia esse desejo realizar, depois perder assim desse jeito a menina... Mas ao mesmo tempo há um alívio por sabermos que a menina era somente uma imagem de ser humano, já que era um híbrido alienígena.

Nunca, nunca Scully poderia tê-la como, realmente, uma garotinha normal, tranqüila, doce, traquinas, obediente ou não. Jamais ela desfrutaria de poder realizar sua ânsia de ser mãe. Pobre Scully...! E eu a quero ver feliz... e, além do mais, a menina iria ficar com a responsabilidade de uma filha... sem o pai..."

- Mulder?

A voz de Dana o interrompe em suas divagações.

- Sim, Scully?
- Minha mãe pediu-me ir para a casa dela, mas eu não estou com vontade de fazer isso.
- Eu entendo... você quer...
- ... ir pra minha casa, Mulder.
- Eu a levo.
- Obrigada. - diz, enquanto caminham na extensa e silenciosa ala de solo de pedras do cemitério.

Entram ambos no carro, a seguir. Colocam seus respectivos cintos.

Mulder a observa na sua tristeza, sentindo que precisa ampará-la em sua dor.

* * *

Scully abre a porta do apartamento e entra.

Mulder a acompanha.

- Que quer fazer?
- Pensar, Mulder.
- Isso não a leva a nada, Scully.

Ela suspira, profundamente e chega até a janela.

Ele a vê assim tão triste e sente no íntimo o desejo de ajudá-la. Só não sabe como.

Dana junta as mãos sobre o queixo e abaixa a cabeça sobre o peito, deixando que as lágrimas corram livremente.

Mulder a abraça, terno e carinhoso. Nada fala. Nem teria argumento para auxiliá-la a sair dessa frustração por ter perdido sua filha gerada por seus próprios óvulos no ventre de outra mulher.

Por vários minutos permanecem abraçados.

Mulder retira dela os cabelos na testa, cuidando-a como a uma criança.

- Há uma grande frustração dentro de mim, Mulder! - queixa-se, erguendo o olhar para ele.
- Eu sei, Scully.
- O sonho que imaginei que poderia agora realizar, desfez-se como um castelo de cartas.

Mulder afaga-lhe as costas, carinhosamente.

E ela chora, ainda, mansamente, deixando-se ficar entre os braços dele. Sempre amigo. Terno. Sincero.

20-ª Parte

"Nas comuns *desventuras* reconciliam-se
os ânimos e solidificam-se as amizades."

Miguel de Cervantes



Enquanto está abraçada a Mulder, segurando-o pelos braços e apoiando a cabeça em seu peito, como se quisesse resguardá-lo das agruras que estão sofrendo neste momento, Dana lança o olhar embaciado sobre os resquícios do calendário que está na mesa queimada do escritório que estivera em chamas. A data continua lá, marcando o dia nefasto: 17 maio 1998.

Os restos na sala, liberam ainda, lentamente, um fio tênue e branco de fumaça.

Mulder continua calado, impassível. Sua mente não consegue concatenar tamanha crueldade sobre eles, Agentes Federais que são, de vida tão correta, embora sempre obsedados pela justiça.

Ele separa-se de Dana, aproxima-se de sua mesa, onde restos queimados de pastas do arquivo estão jogados, espalhados sobre ela.

Dana leva as mãos à boca. Em seu coração ecoa um grito de angústia, que não pode deixar sair.

Mulder continua junto à mesa, fixando-a com o olhar, estático.

Dana aproxima-se.

- Venha, Mulder.
- Não! Eu preciso ver isso aqui.
- Venha. Amanhã nós veremos como isso vai ficar.
- Não.
- Venha, Mulder! - aumenta o tom da voz.
- Pára, Scully! Eu vou ficar aqui!! - ele grita.

Dana compreende que não tem mais argumento para convencê-lo a sair do escritório transformado em cinzas. Solta o seu braço, para somente observar o que ele pretende fazer naquela montoeira de lixo, fumaça e odor forte do material estorricado pelo fogo.

- Todo nosso trabalho destruído...! - lamenta Mulder - Toda a minha vida! - ele agacha-se para examinar documentos queimados no chão.

Em dado momento olha para Dana. Seus olhos verdes estão num tom acinzentado, agora. A ira já tomara conta do seu ser. Neles, Dana vê brilhar lágrimas de dor, perda e ódio.

Mulder soluça, segurando a cabeça entre as mãos e com os cotovelos apoiados nos joelhos, no amargor da sua desventura.

Dana aproxima-se dele, pesarosa. Percebe que, nela também, os olhos estão inundados de lágrimas.

Agacha-se ao lado de Mulder, ali, tão infeliz quanto ele.

Ambos choram sua frustração e grande perda.

- Todo um trabalho de seis anos, Scully! - ele soluça.

Ela acarinha seus cabelos, ternamente. É só como pode ajudá-lo neste momento.

Mas... por que seu coração tem um sentimento a mais... diferente nesta hora de desventura?

Vêm-lhe rapidamente à memória a imagem daquela mulher que lhe havia trazido algo atormentador, um sentimento terrível que lhe está corroendo o coração como se fôra um terrível monstro devorador: a Agente Fowley.

Dana não consegue tirar de seus pensamentos a cena que vira: Mulder segurando as mãos daquela mulher que havia sido sua...

"Não! Não quero mais lembrar disso! Eles eram apaixonados! E ela ainda é apaixonada por Mulder! Tenho certeza! Ah, meu Deus, não quero pensar! Me ajuda!"
Dana, com esses pensamentos, ergue-se de onde está ao lado de Mulder.

"Aquele mulher ordinária! - pensa - Mas devo sentir-me bem por algo... ela não está aqui com ele, nesta hora de amargor... mas eu estou e tenho que consolá-lo. E é de mim que ele precisa agora.!"

Pensando assim, segura Mulder por um braço, fazendo menção de levantá-lo.

- Venha, Mulder! - pede, com ternura.

Agora ele não protesta. Ergue-se e segue-a em seus passos, deixando o destruído escritório no porão do FBI.

21-ª Parte

"Uma feliz *recordação* talvez seja, sobre a terra,
mais verdadeira do que a felicidade."
Alfred de Musset



O espelho d'água ondula levemente sobre a brisa que sopra no local. O sol fraco e morno inunda o lugar, reflete seu brilho sobre a superfície da água transparente. Dana sente-se nos seus raros momentos de felicidade, neste instante, enquanto caminha de mãos dadas com Mulder.

"Como dois namorados...!" - pensa ela, quase a sorrir consigo mesma.

- Que foi, Scully?
- Que foi o que?
- Me pareceu que você estava tendo bons pensamentos...
- Por que?
- Pelo seu rosto, denotando certa paz.
- Estou em paz, Mulder. E você também deve sentir-se assim.
- É... não deixa de ser... Scully...?
- O que?
- Vamos comemorar?
- De que modo?
- Num almoço.
- Concordo, Mulder.
- Comemoraremos sua saída do perigo daquele inferno gelado, a reabertura dos Arquivos-X...
- Devo-lhe minha vida, Mulder.
- Ah, Scully...

Ela tapa-lhe a boca com os dedos.

Repentinamente, como se uma forte luz brilhasse em seu cérebro, trazendo algo cintilante como um minúsculo ponto, o qual vem chegando, chegando diante de si, aumentando sua dimensão e desfazendo-se em mil formas de fragmentos, espalhando-se no ar.

E essa visão transforma-se na cena acontecida no corredor do apartamento de Mulder. Fôra o seu último gesto antes de sofrer o mal que a levava até às garras dos monstros conspiradores, que lhe queriam sugar a vida.

E a cena permanece em sua mente.

Lembra bem os olhos de Mulder esquadrinhando os seus; neles ela via a ardência do amor sobrepujar todo e qualquer outro sentimento.

Ele pedia, implorava com o olhar, o seu amor; aquele amor que já, por longos cinco anos perdurava, colocando dentro do seu coração a certeza de que não poderia escapar. Mais dia, menos dia, estaria presa a ele, para sempre.

Suas bocas a quase se unirem, somente aguardando um toque para sentirem-se uma a outra.

Ela lembra que todo o seu ser vibrava naquele momento. Também o queria muito. Seu coração confirmava. Sua carne exigia.

Lembra que sentia a mão de Mulder lhe segurando a face, trêmula pelo desejo. Indecisa pela timidez.

Suas línguas já podiam anteciper o gosto daquele ato de amor, tão desesperadamente desejado em todo aquele passar dos anos.

Foi quando acontecera o pior: a picada da abelha, aquela maldita abelha a havia impedido de conseguir a realização de um sonho, até aquele momento, impossível de acontecer.

- Scully? - Mulder havia fixado o olhar em seu rosto, simpaticamente - Oooi!!

- Ahn?! - surpreende-se.
 - Nossa! Você estava longe daqui!
 - Ah... estava mesmo, Mulder! Nos acontecimentos passados comigo.
- Mulder aperta-lhe a mão, para lhe dar assim, mais confiança.
- Eu compreendo, Scully. Todas as coisas terríveis pelas quais passou, a abalaram demais e devem ficar, durante muito tempo em sua memória!
 - E essa que eu estava lembrando jamais se apagará, Mulder!
 - Procure não pensar mais nisso, Scully. Estou lhe pedindo... ok? - diz, compreensivo.

"Tolo! - ela pensa - Nem sequer imagina que em minha mente corre a recordação daquele quase beijo que ainda não consegui realizar...! Tolo!!"

Dana esboça um lindo sorriso para Mulder.

E, vagarosamente, recomeçam a caminhar.

22-ª Parte

"No amor há apenas o que **a imaginação** lhe dá."

Sainte-Beuve



Mulder continua olhando-a com o amor transbordante que sai de seu coração. Mas ela não o ouve mais. Afasta-se dele. Nem quer ouvir suas palavras. Não acredita ou talvez não queira acreditar na real certeza de que Mulder a ama. De verdade.

Ele, deitado no leito do hospital, sente-se diminuído e deixa que as lembranças do que acontecera horas atrás, lhe venham à mente aos borbotões. Fecha os olhos, mesmo ainda percebendo a figura pequena de Dana afastando-se e alcançando a porta, sem voltar-se para olhá-lo.

"Sim, era Scully! Eu a vi, eu a toquei! Ela estava ali... em meus braços e eu... a beijei! Claro que o tapa que levei era esperado... afinal, ela nunca me deu chance de chegar tão intimamente a ela, desvendando a doçura dos segredos de sua boca... poder sentir a quentura de seu corpo, o afogueado de sua respiração...!"

- Scully!! - chama, por fim, num brado sem forças.

A porta já se vai fechando, quando Dana escuta o apelo ansioso de Mulder.

Retorna ao leito onde ele se encontra prostrado.

- O que você quer, Mulder?

- Que fique. - pede carente.

- Ah, Mulder, eu tenho que voltar ao Bureau com o Skinner.

Ele, num gesto acanhado, fá-la entender que deseja segurar sua mão.

- É melhor não, Mulder! - recusa-se.

- Mas por que?

- Você está doente, Mulder! Precisa descansar!

- Scully, não pense que eu estou demente ou dopado! Eu vi você lá naquele navio! Noutra dimensão, mas era você!

Dana franze os lábios, na sua atitude céptica.

- Eu vou mandar aplicar-lhe um outro calmante, Mulder...

- Por favor, Scully! - puxa-a pelo braço - Eu estou mal e preciso de você aqui!

- Sei Mulder, mas...

- Scully... você ouviu o que eu lhe falei, ainda a pouco?

Ela faz um ligeiro aceno com a cabeça, afirmando.

- E então...?

- Mulder, você tem que descansar sua mente! Olhe, num caso de extremo estado de estresse, existe sempre a possibilidade do que está acontecendo com você... seu cérebro fica embotado, sua mente fica...

- Você não quer acreditar, não é? Scully, não é minha imaginação! É real!

- Han, Mulder... eu...

- **Não quer** acreditar que eu te amo...! - balbucia, tristemente.

O coração de Dana dá impulsos extras. Fica estática. Não sabe o que dizer. Não quer magoá-lo. Porém está ciente de que seu parceiro está delirando. A frase que ela ouvira minutos atrás atormentara-a, de veras.

"- *Scully, eu te amo.*" - ele lhe havia dito.

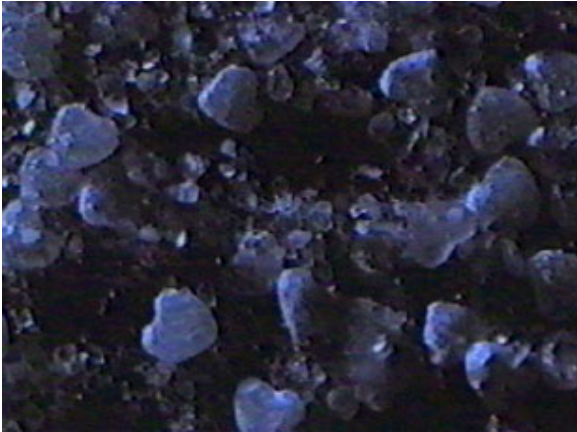
O ar de sinceridade que ele usara talvez não deixasse margem a dúvidas, se ele não estivesse sob o poder de tranquilizantes.

Aquela curta frase a deixara interiormente desarmada. Tivera o desejo intenso de abraçá-lo, como já fizera algumas vezes, mas sabe que agora, neste instante, os efeitos dos remédios o deixam sem nenhuma energia e ele, também, não poderia sofrer impacto de emoções.

Dana, com um último impulso de ternura, mas com gesto firme e decidido, em passos rápidos, sai do quarto.

23-ª Parte

"O *ciúme* não provém do amor que se experimenta,
mas daquele que se pretende experimentar."
Bellegarigue



Mulder, no avião, fecha os olhos tentando adormecer e não consegue.

"Cidade dos corações de gelo..." - ele pensa.

De vez em quando olha furtivamente para Scully ao seu lado, que parece estar muito tranquila ao lado da janela, a cabeça recostada relaxadamente ao encosto do banco, de olhos fechados.

"Talvez pensando. - imagina ele - Ela viu aquele pessoal lá da cidade pensar que éramos casados ou namorados... mas não me dá a menor chance... em compensação eu não tenho coragem de nada, sou igual ou pior que o Holman!"

Dana, por sua vez, também mantendo os olhos fechados, tenta deixar de tirar dos seus pensamentos as palavras que ouvira tanto naquela cidade, onde foram resolver o estranho caso das chuvas mágicas.

"Casados, namorados... arrgh!! Estou cansada de tantas insinuações! Verdadeiramente não sei porque, agora, a todo momento, tenho essas idéias mirabolantes de querer ver alguma reação da parte de Mulder... na realidade o homem que amo é de uma falta de iniciativa fora do comum! Eu até acredito que ele possa nutrir um certo sentimento mais forte que um simples afeto por mim, e às vezes, deixa transparecer isso, mas logo depois tudo é esquecido em sua mente...! É horrível essa situação! Não sei até quando isso pode durar! Na verdade não sei..."

- Scully...? - é Mulder tentando iniciar uma conversa.
- Sim, Mulder? - responde, sem abrir os olhos.
- Pensei que estivesse dormindo.
- Ah é...? Muito interessante você.
- Por que? - diz espantado.
- Não acha que deve preservar os minutos de isolamento dos outros?
- Como assim? Não entendi.
- Ahn... Mulder... - abre os olhos - ... você só faz o que lhe é conveniente.
- Nossa, Scully! Está aborrecida?
- Eu? Teria algum motivo?

Dana volta a encostar com força a cabeça sobre as costas do banco. Fecha os olhos. Tem vontade de nem ver Mulder, ali ao seu lado. Sente-se deprimida e frustrada com as situações que vivera nas últimas horas.

- Você ainda voltaria lá?
- Lá onde, Mulder? - suspira.
- Na cidade dos corações de gelo?
- De gelo?
- É... dizem que é a cidade de esquentar os corações, mas me contaram...
- ... o que? - interrompe, de olhos fechados.
- Que certa vez choveu corações de granizo.
- Huummm... - ela franze os lábios, no seu gesto habitual de cepticismo. Em seu pensamento, porém, põe-se a imaginar uma chuva com gotas d'água em formato de corações.

"Esse meu parceiro... não diz coisa com coisa...!" - ironiza, falando consigo mesma, somente com a voz de sua mente..

Mulder sorri, agitando a mão.

- Sei, Scully que não aceita essa hipótese... - fala bem perto do ouvido dela. -...mas é verdade mesmo! - faz uma pausa - Scully? - chama-a novamente, vendo-a

permanecer com os olhos cerrados - Holman não tinha coragem de dizer à moça que a amava.

As palavras pronunciadas por Mulder tão próximas ao seu ouvido faz com que um frêmito corra em todo o seu ser. Sente imenso prazer e, ao mesmo tempo, uma grande revolta por ele estar ali ao seu lado, falando do romance daquele casal.

- Já sei, Mulder! - fita-o agora - Nós não acabamos de vir de lá? Como não vou lembrar?
- Claro! É ... quase esqueci.
- Humpf! - resmunga ela.

Dana detesta quando ele diz frases sarcásticas.

Sente-se extremamente irritada, também, pelo fato de que a namorada de Holman havia beijado Mulder e ainda havia contado para ela:

"- *Como ele beija bem!*" - dissera a mulher, entusiasmada.

"Ah, que ódio! - pensa Dana, apertando os lábios; sente-se morta de ciúmes, mas acha que deve reiniciar o assunto com ele, mesmo com a raiva que sente - Quem sabe ele possa despertar?"

- Mulder... sabe, quando estivemos lá naquele baile, eu disse àquela moça... - tenta lembrar - aquela moça...
- ...Sheila?
- Sim, essa. Eu disse a ela que os melhores relacionamentos, os que duram, realmente, são aqueles que começam com uma amizade...
- É verdade. - ele interrompe, para confirmar.

Dana o observa, olhando-o de lado para ver sua reação e nota que agora ele tem os olhos fechados e recosta-se na poltrona do avião. Resolve continuar:

- ... e que... um dia... um dia a gente desperta e sente que é com aquela pessoa que se imagina estar todos os dias... todas as horas. - faz uma pausa para observá-lo atentamente - Está me ouvindo, Mulder?
- Estou sim, Scully. Não perdi uma só palavra.

O som da voz de um tripulante ecoa dentro da aeronave, avisando aos passageiros dos preparativos para a aterrissagem.

Dana suspira profundamente. Sente o coração pesado. Frustração. O ciúme, ainda a abalar-lhe o seu interior ansioso. Tem que dar um jeito para melhorar.

Cantarola, baixinho, a melodia que havia ficado em seus ouvidos nas últimas horas passadas na festa da pequena cidade onde estiveram horas atrás.

- *Somewhere over the rainbow...*

24-ª Parte

"A *dissimulação* é a mentira muda."

E. Fallex



Após receber, sem esperar, o travesseiro e o lençol atirados por Dana, em sua direção, Mulder levanta da cama, carregando-os embaixo do braço. Enquanto caminha para a sala, onde vai arrumar o sofá para dormir, vai falando em voz alta para que Dana o ouça:

- Scully, você não sabe, mas descobri que nesse quarto aí você não vai conseguir dormir... sozinha!

Dana o ouve, enquanto retira, cuidadosamente, o creme do rosto. Nada replica, porém. Conhece o seu parceiro há seis anos e sabe das artimanhas que ele usa para atrair sua atenção e fazê-la ver que ele... que ele... a deseja!

Ela pára, por um momento, olhando fixamente para o espelho. Os pensamentos que afloram à sua mente a perturbam, deusas.

- Scully!! - ouve-o chamar - Ouviu o que eu disse?

Ela não responde. Cessa de ficar pensando e continua sua tarefa de limpeza da pele do rosto.

- Scully!!

Dana sorri, levemente. Sabe que Mulder é insistente. Mas ela deve reagir.

"Eu conheço bem o Mulder e sei que, dentro de sua timidez ele consegue, mesmo com atitudes indecisas, me deixar acesa... eu fico mesmo muito excitada com as palavras dele ou quando sinto o toque de suas mãos. E eu posso não ter forças para resistir... vivo nessa eterna dissimulação..."

- Scully!! - a voz dele está mais próxima.

- Que é, Mulder? Falta alguma coisa pra você aí?

- Falta!

- Um momento só, tá? Espera aí.

- "O que ele está querendo? - ela pensa - Já lhe entreguei os lençóis e o travesseiro, o que ele quer mais?"

- Está precisando de mais o quê, Mulder? Está lhe faltando uma babá para niná-lo...? - pergunta em alta voz.

- Acertou.

Dana assusta-se. A voz veio de muito perto. Olha para trás.

Mulder está parado à porta do banheiro, escorando-se na esquadria.

- Mulder...! - ela começa a protestar, com o cenho franzido.

- Desculpe, Scully! - ele sai, levantando as mãos - Eu estava brincando!

Dana faz um gesto de impaciência.

"Ele não é fácil!" - pensa.

Chega até a porta do banheiro. Ele já não se encontra lá. Dana fecha a porta, trancando-a, sem fazer ruído.

Mulder vultara à sala. Passa a mão nos cabelos.

Uma idéia vem-lhe à mente. Dirige-se à cozinha. Acende o fogão e coloca uma pequena chaleira com água no fogo.

Senta-se e aguarda. Sente o silêncio incomodá-lo.

- Scully! - chama, novamente.

Ele dá uma volta e retorna à sala.

- Scully... **OPS!**

Um choque entre os dois acontece, pois Dana já havia dobrado a esquina da parede da sala e encontram-se, corpo a corpo.

- O que é, Mulder? - ela responde impaciente, tentando tirar dos seus ombros as mãos quentes que Mulder havia ali colocado ao se esbarrarem.
- Venha cá. - puxa-a pelo braço.
- Mulder, eu já vou pra cama!

Ele pára e fita-a, apertando os olhos miúdos.

- Huum, isso é bom...!

Dana não sorri da frase que ele tentara fazer engraçada.

- Isso não é hora de brincadeira, Mulder!
- Sei que não... - ele murmura, ternamente, ainda fitando-a, tentando desbravar a alma de sua parceira.

De súbito parece despertar. Sai apressado, em direção da cozinha.

- Venha, Scully. Fiz um chá pra nós.

Ela, de mal grado, aceita o convite e vai até a cozinha, acompanhando-o

Mulder serve-lhe uma xícara de fumegante chá.

- Afinal, marido e mulher têm que compartilhar os bons momentos... não é Laura?
- Já disse que agora sou Scully! - retruca firmemente.

Mulder joga sobre ela seu olhar perscrutante, espetacularmente verde transparente sob o reflexo da luz no teto.

Dana, em dois rápidos goles, bebe o chá. Coloca a xícara dentro da pia.

- Boa noite, Mulder. - fala, subitamente, saindo do recinto em rápidos passos.

Dana dirige-se ao quarto. Joga-se no leito aconchegante.

Seus pensamentos a incomodam por voltarem, de supetão, à sua mente.

"Uma cama de casal! Como se fosse para marido e mulher... e nós... e eu aqui, fugindo do homem que amo! Que loucura! O que eu faço? O que eu faço? Como posso superar esses loucos pensamentos?"

Embrulha-se totalmente com o grande lençol. Fecha os olhos.

Sabe, porém, que esta será mais uma noite de insônia por ficar imaginando-se sob o poder dos braços fortes de Mulder... seus olhos... sua boca...

Dana, bruscamente, desliga o abajur.

"Oh, meu Deus! Eu queria dormir e nada mais pensar!"

Continua acordada, com os olhos abertos e vagando na escuridão, só ouvindo o cri cri dos grilos que ecoa lá fora, nos jardins da casa.

25-ª Parte

"Aquilo que temos em *desejo* com ardor,
facilmente imaginamos em nossas mãos."

Edward Young



Nesse instante, com Dana segura entre seus braços, Mulder sente imensa compaixão dessa mulher que, já há muito percebe, é a sua própria razão de viver.

Sente o corpo frágil de Dana estremecer por causa dos soluços que brotam de sua garganta.

Ela está ferida e fragilizada pela violência de que fôra vítima.

Mulder ergue-a do chão, toma-a nos braços, cuidadoso.

Carrega-a como se fosse uma preciosidade, tamanho é o seu amor.

O rosto de Dana, banhado em lágrimas e empalidecido pela debilidade, contrasta com o vermelho do sangue encharcando sua blusa branca.

Mulder carrega-a, ainda, com carinho e cuidados. Está agitado e aflito, enquanto não chega o elevador, que, por fim, aparece no andar.

* * *

Mulder está observando, condoído, a sua parceira adormecida no leito do hospital.

Como a ama! Como se perturba ao vê-la nesse estado!

Dana movimenta, levemente, uma das mãos.

Mulder a segura, ternamente e nela deposita um suave beijo.

Dana abre os olhos, piscando várias vezes. Geme.

- Oi? - ele a saúda.

- Mulder...? - tenta movimentar-se e geme, novamente.

- Fique quietinha, Scully! Não pode erguer-se.

Ela olha para seu próprio peito, toca-o e sente, sob a camisola, o curativo.

- Mulder... eu só me lembro que...

- Não procure lembrar nada...

- Eu sei... o escritor...

- Scully, vamos... esqueça isso!

- Não posso! - leva a mão à testa - Não posso...!

- Eu sei, Scully, eu sei!

Dentro da mente de Dana um estonteante turbilhão de pensamentos que se chocam uns contra os outros. Ela agita a cabeça, movimentando-a, negativamente.

- Horrível, horrível!

- Scully, escuta, fique calma! Já passou tudo! Você está aqui a salvo! E eu estou com você!

Ela parece acalmar-se com a voz carinhosa de Mulder.

- Mulder... - estende a mão para que ele a toque.

- Diga, Scully.

- Obrigada, mais uma vez.

- Por que, Scully? - surpreende-se.

- Por ter-me protegido e tirado das garras daquele...

- Procure não lembrar; faça o que lhe peço - sorri - Daqui a pouco o médico virá vê-la.

- Ele vai me dar alta hoje?

- Acredito que não, Scully. Você vai ficar aqui uns dois dias, pelo menos; assim me disse o médico.

- Dois dias?!

" Não! Não aguento! - pensa quase em desespero - Vou ficar longe dele... desse homem que eu... como vou conseguir? Mas tenho que provar a mim mesma que sou forte, não posso me dobrar sob as maldades que a vida me impõe! Mulder... ele está

agora, neste momento, olhando pra mim, com esse olhar esquadrinhando-me a alma até. Ele vai até poder ler dentro dos meus olhos, vai perceber que eu o quero..."

- Dois dias passam rápido, Scully!

- Sim, Mulder, Claro! - confirma, mesmo a contragosto.

Ele, carinhosamente, alisa-lhe os cabelos jogados sobre o travesseiro.

"Esse toque dele... mesmo aqui assim, ferida, magoada, fragilizada, sinto que o desejo intensamente... Mulder...! Aquele escritor sabia de todo esse meu amor por Mulder! E ele... teria pressentido aquelas insinuações do Padget? Ah, meu Deus!"

- Está se sentindo melhor, Scully?

- Sim, Mulder.

"É só o que consigo dizer. Sempre friamente: sim, Mulder. Não, Mulder. Talvez, Mulder... enquanto o meu coração grita: Mulder, me leva daqui agora com você! Pra onde você quiser, Mulder...!"

- Eu preciso ir, Scully.

- Não... ahn... tá ok, Mulder. Você virá amanhã?

- Claro! Nem duvide disso. - ele abre para ela o seu sorriso de menino - Não posso ficar longe de você, Scully!

Ela sorri tristemente, com jeito amargurado. Leva a cabeça em outra direção. Fecha os olhos. Quer parar de pensar na intensidade do amor que sente por ele.

- Até amanhã, Scully. - levanta-se da cadeira.

- Até amanhã. - fala, sem voltar-se para ele.

Mulder dirige-se para a porta de saída.

Pára por segundos. Olha para Dana jogada sobre o leito. Um profundo suspiro sai de seu peito. Continua seus passos.

- Mulder! - ela o chama.

Ele volta-se para ela. Retorna até onde Dana está.

- Precisa de alguma coisa, Scully?

Os olhares de ambos se encontram, num misto de ternura e paixão.

- O que é, Scully?

- Não... - murmura - ... nada!

Ele, com a cabeça indica que entende que não há nada a ser falado.

"Mulder, por favor, não sai daqui! Não me deixa, Mulder... eu te amo!" - é o que brada o coração de Scully.

Mulder a vê em silêncio e sai. Agora em passos rápidos afasta-se e atravessa a porta, fechando-a atrás de si.

Dana, de olhos fechados, vai transformando seu rosto de tez pálida em um semblante de sofrimento.

Os soluços vêm à tona, entre os gemidos de dor no peito ferido.

26-ª Parte

"A *diversão* faz a felicidade dos que não sabem pensar."
Alexander Pope



Dana contempla por segundos o azul escuro do céu, com a lua lá no alto, parecendo espreita-la curiosa, talvez esperando ver sua reação às investidas românticas desse homem agarrado a ela. Sente as mãos dele quentes e frementes de desejo enlaçando seu corpo.

Ele fala-lhe aos ouvidos frases espirituosas e picantes, enquanto ensina-lhe a dar tacadas na bola de beisebol com o bastão.

Dana deixa seu corpo voltar sob o poder da força voluptuosa de Mulder. O que mais a incomoda é ter que dissimular aquele sentimento que, tem absoluta certeza, já está definitivamente enraizado em seu coração definitivamente apaixonado. Mas não pode liberar esse sentimento, deixar extravasar o que lhe vai, aos borbotões, da mente até o coração.

E seus lábios não tomam a decisão de abrirem-se e deixar fluir palavras de ternura e de entrega.

As quentes e aconchegantes reentrâncias e protuberâncias que provém do corpo de Mulder, preso às suas costas, enchem-na de uma vibração quase incontrolável.

- Mulder...
- Atenção, Scully! - ele a faz concentrar-se na bola.
- ... estou gostando...
- Tenho certeza de que está. - usa um tom maliciosamente convicto.

As mãos de Mulder agarram-na com mais segurança, enquanto a faz girar o corpo nas manobras incessantes do jogo.

Dana sente que o peito está oprimido pela respiração afogueada.

Os dois riem do modo desajeitado de Dana, inexperiente naquele esporte, porém, no fundo, suas risadas fluem devido a perturbação que mexe com o lado emocional de ambos neste momento.

- Scully, veja só, após tantos anos junto comigo, esta é a primeira vez que nos divertimos pra valer.
- Não...já tivemos outras... ocasiões.
- Mas não como agora... - ele fala, segurando-a mais fortemente pelos quadris.

Àquele contato, Dana só tem mesmo o desejo de voltar-se para ele e, frente a frente, entregar-se ao abraço daquele peito forte, quente e perfumado de Mulder.

Lá em cima as estrelinhas ainda piscam cintilantemente, como diamantes sobre veludo escuro.

Somente elas, talvez, são testemunhas da intimidade dos mais ocultos sentimentos de Dana, que continua ali, apertada pelos braços de Mulder, sem ter a coragem de dizer-lhe simplesmente: "Mulder, sou tua."

27-ª Parte

"No primeiro *beijo* não se beija os lábios, mas os olhos."
O K Bernhardi



Ainda envolvendo com um braço os ombros de Dana, Mulder a encaminha para deixarem o local.

Caminham lentamente até o carro. Ainda podem ouvir em algumas partes da cidade o pipocar dos fogos de artifício, demonstrando que alguém está, ainda, em plena comemoração do Ano Novo que se inicia.

Em sua retina ainda podem ver a luminosidade da tela da televisão mostrando o letreiro comemorativo indicando o ano que trará um outro milênio: 2000.

- Veja Scully! - ela a faz parar, ainda com o braço sobre os ombros dela .

Ficam a apreciar numa parte distante do céu escuro luzes dos fogos que despencam em lágrimas prateadas, desmanchando-se no espaço.

- Você quer ir comemorar em algum lugar?

- Nada disso, Mulder! Com esse braço machucado aí você tem é que ficar num canto sossegado.

- Eu não vou pra casa!

- Não vai, é? Eu é que estou no comando hoje, Mulder, e você vai fazer o que estou mandando. Pra começo de conversa, vou lhe levar pra casa.

- Não quero ir pra casa.

- Pra onde, então?

Os olhos esquadrinhadores dele brilham de esperança por uma resposta positiva à sua idéia.

- Um descanso numa outra cidade, no campo, sei lá... com os feriados do Ano Novo temos dias de folga, Scully! Onde o mundo não possa acabar pra nós...! - interroga-a com o olhar. - Você ficou pensando naquilo que eu falei?

- Que o mundo não acabou?

- É...

Dana desvia o olhar.

- Mulder, acho que há muita afinidade entre a gente...

- E isso já não é tão normal entre nós?

- Mas quero explicar... ahn... a nossa intimidade está aumentando. - dirige a ele um belo sorriso.

Mulder segura-a pelos ombros.

- Scully, isso fatalmente teria que acontecer entre nós dois ... eu já falei porque... só que você não quer ...

Dana coloca os dedos nos lábios dele:

- Não diga mais nada, Mulder. - fecha os olhos; estão falando muito perto.

- Scully, quero te sentir novamente...

- Sentir? - continua com os olhos fechados.

- Sim... te beijar, Scully.

As respirações ofegantes abrasam-lhe o peito, tornando-os cheios de ansiedade. Falam de mais perto, ainda. Os lábios quase se tocando, olhos fitos um no outro, apaixonados.

- ... de verdade. - ele conclui, por fim.

Dana permite que ele a ela se chegue e toque com a boca em seus lábios, que levemente entreabrem-se para receber o desejo de Mulder.

Provam-se. Sentem-se. Saboreiam-se.

Não há intimidade no beijo; permite apenas que sintam-se mais e faz seus sentidos entrarem em erupção, como um vulcão.

A grande paixão guardada por tantos anos, desabrocha sob a forma deste beijo puro, recatado, mas arrebatador ao mesmo tempo.

Após alguns segundos separam-se, embora continuem abraçados.

- Scully, enfim...

Ela desencosta a cabeça do peito dele para fitá-lo.

- ... está confirmando mesmo que o mundo não acabou, Scully.

- Sim... ele apenas está começando...

- Há um futuro pra nós?

- Hum, hum. - confirma, com um meneio afirmativo.

Dana, pequena, com a cabeça erguida para fitá-lo alto, esguio, diante dela.

Lentamente eles separam-se e dão as mãos.

Caminham lado a lado.

Sempre caminharão. Mas sempre numa única direção. A que seu amor lhes levará, de agora em diante.

28-ª Parte

"O *amor* é como o fogo; quanto mais
recolhido, tanto mais se conserva."

Adrien Dupuy



Na água borbulhante e com o cenário azul do aquário, os peixinhos nadam, mansamente. O ruído do motorzinho, discreto, não ultrapassa o da música suave que inunda o ambiente.

E Mulder fixa o olhar, apaixonadamente, no rosto da mulher amada, como que velando seu sono, enquanto retira os fios de cabelo caídos sobre sua testa. Ali mesmo, no sofá da sala, ela havia adormecido e, na verdade, nem sequer notara todas as palavras entusiasmadas que ele pronunciara, enfatizando a amizade, quase o amor, existente entre os dois.

Mulder fita os lábios dela por alguns segundos, no íntimo desejando unir aquela boca à sua, num ardente desejo de senti-la intimamente, como nunca havia conseguido em tantos anos de conhecimento e convívio.

Ele cobre-a com o cobertor, cuidadosamente. Levanta-se, a seguir, do sofá. Mansamente caminha, sem fazer ruído.

A música continua tocando baixinho.

Ele vai até o quarto. Ajeita os lençóis na cama um tanto desarrumada. Deita-se nela com os braços sob a nuca, fitando o teto.

Seus pensamentos volteiam desordenadamente.

Dana está ali, a poucos metros dele! Tão frágil! Tão indefesa! Tão confiante!

Jamais trairia essa confiança que ela deposita nele, o seu amigo fiel.

Mulder olha o relógio de cabeceira. Fecha os olhos. As pálpebras começam a pesar-lhe. Abre os olhos novamente. Escuta um ruído vindo do banheiro.

"Scully já levantou-se!? - pensa - E não vou conversar, para que ela volte a dormir."

Por longos minutos fica ali, deitado.

O vulto de Dana destaca-se no umbral da porta.

- Scully! Você não estava dormindo? Pensei que ia direto até de manhã!

Ela lhe dá um leve sorriso.

- Desculpe, Mulder. Eu estava morta de sono. Um simples cochilo me revigorou.

- Vem cá. - diz ele - Chega aqui. - senta-se na beira da cama, convidando-a.

- Não... vou pro sofá novamente.

Então Mulder repara: ela havia descalçado as meias e está mais à vontade, sem os sapatos.

Dana volta-se e sai em direção da sala.

Mulder a acompanha.

- Você não vai dormir agora? - ela pergunta.

- Não. Vamos conversar mais um pouco. Quer?

- Vem. Senta aqui comigo. Do que estávamos falando mesmo, naquela hora, quando adormeci?

- Sobre a vida da gente.

- Ah é...

Mulder senta-se junto dela.

- E eu tinha coberto você bem direitinho, pra lhe aquecer...!

Dana puxa o cobertor sobre seu próprio corpo.

Ele a olha com imensa ternura.

- Que foi? - ela indaga, sentindo aquele olhar intenso dele.

- Nada. - fita-a, ainda - Tem certeza de que é isso que você gostaria mesmo? Estar aqui agora comigo, Scully?

- Você duvida?

Ele encolhe os ombros.

- Vem cá. - ela o chama e, num modo discreto, aconchega-se mais para junto dele
- Ahn... Mulder, a vida da gente é um emaranhado de surpresas e situações; nunca, em tempo algum, imaginei ver novamente aquele homem, que até pensei há algum tempo atrás ter significado alguma coisa em minha vida... ahn... mas foi bom isso acontecer...
- Pra que falar nisso outra vez?
- Pra ajudar a mim mesma, confirmar aqui dentro, nos meus íntimos sentimentos, que só uma pessoa tem significado especial pra mim...

Torna-se desnecessário Dana dizer com palavras o sentido de sua frase. Os seus grandes olhos azuis detêm-se no mais profundo do olhar perscrutante de Mulder e ele, dessa maneira, pôde entender tudo que ela lhe queria dizer, do fundo do seu coração.

- Scully... - ele murmura.

Ela achega-se mais a ele e mantém-se bem encostadinha lado a lado com Mulder.

Mantém, ainda, o corpo completamente abrigado no cobertor de lã.

As mãos dele procuram as suas. Coloca os dedos entre seus cabelos ruivos, que lhe caem pela testa.

Aquele toque Scully sente necessidade de algo mais que acaba de despontar no seu íntimo. Abaixa a cabeça. Seu rosto se contrai. Sente desejo de chorar.

Chorar, sim, sentindo desvanecer-se nos seus sentimentos o desejo incrivelmente perigoso de abandonar sua capacidade de estar sempre alerta às necessidades que a vida lhe obriga a sentir, e deixar para trás sua racionalidade, sua seriedade de mulher de pulso forte e coração imune às coisas sentimentais. Mas... e a sua sempre cuidadosa insistência pelas coisas corretas?

Seria plausível de explicação o que seu corpo exige agora? Não, não há uma científica explanação ao que se passa dentro de si, neste momento! Agora, neste instante, só deseja mesmo é perder toda aquela impávida pose de mulher cientista e culta! Quer somente amar! Quer somente ser de Mulder! Inteiramente! Ele é a sua vida! E há quanto tempo o ama e o deseja! Nota que ele está arfante de desejo e ansiedade. Ela vibra com todas as fibras de seu corpo com as emoções por sentir que ele, voluptuosamente, lhe toca em suas carnes frementes de desejo.

O olhar esquadrihador de Mulder em sua direção pede, implora, "fala" com ela:

"E então, Scully? Se é assim que você pensa, por que não me ama agora? Seja minha!

Eu estou te esperando há muito tempo! "

No íntimo de Dana, indo contra esses pensamentos, há um turbilhão de temores causados pelo arrependimento de ter pronunciado aquelas palavras para ele. Era como se tivesse sido em um verdadeiro confessionário.

Mas não é isso que lhe fala o coração?

Deseja, no entanto, que um súbito toque de telefone possa interromper este momento de tanta intimidade.

Mulder toma-lhe o rosto entre as mãos.

- Scully, não sei o que se passa... não fique triste...! Olhe... estou aqui com você...
- beija-lhe a testa e abraça-a com carinho.

Ele percebe que Dana está vulnerável. Que ela não faz nenhum gesto de resistência a seus carinhos. Toca-lhe os lábios e os beija levemente, depositando toda a sua ansiedade num toque suave.

- Scully... - murmura, fitando-a firmemente, interrogando-lhe o coração.

Percebe que ela não o está afastando de si. É como se quisesse, necessitasse dos seus afagos.

Desliza os lábios pelo pescoço de Dana, achando gostosa a morna sensação a lhe fazer vibrar o corpo de desejo.

- Eu sempre te disse... - continua.

- O que? - pergunta, num sopro.

- Eu te amo, Scully!

Ela nada responde. Apenas deixa-se ficar jogada em seus braços quentes.

O cobertor desliza para o chão.

Por alguns segundos Mulder aguarda que ela retome a manta de lã para cobrir-se. Mas tal gesto ela não faz.

Ele experimenta, sutilmente, ergue-la nos braços. Ela deixa-se levar, toda entregue, envolvendo-lhe com os braços o pescoço, enquanto os olhos se fixam, magnetizados, um no outro.

Mulder a carrega para o quarto. Coloca-a gentilmente na cama.

Abraçam-se, sentindo-se mutuamente no calor vibrante de seus corpos.

Mulder volta a experimentar como Dana reagirá às suas carícias. Quer senti-la por inteiro, mas acha que há ainda um sinal de alerta a deter os seus impulsos mais afoitos.

As palavras mágicas saem da garganta de Dana, agora, num vibrar de emoções:

- Eu te amo, Mulder!

"Pronto! - ela pensa - Finalmente consegui! É isso exatamente o que eu necessitava dizer a ele, de uma vez por todas!"

Ele beija-lhe os olhos, sente o calor de seu pescoço, toca os dedos leve e gentilmente em seu decote, rodeando-lhe o feitiço, mostrando o tímido desejo que quer conhecer as suas intimidades dentro da blusa.

Dana deixa-se acariciar; permite que seu corpo sinta as delícias dos afagos do homem que ama há tanto tempo.

Ele beija várias vezes em rápidas carícias o queixo dela, as faces, e procura-lhe a boca.

Dana entreabre os lábios e sente, pela primeira vez, a intensidade da paixão que Mulder nutre por ela.

Sente ele a explorar-lhe a intimidade de sua boca, sente a maciez desejosa da língua dele transformar-se em ardor e a querer quase devorá-la.

Ela sente perder as forças. Quase desmaiar de emoção. E todo o seu ser deixa-se entregue àquela deliciosa sensação.

Dana sente que os dedos dele a querem explorar, mas estão nervosos, tateantes e, além de tudo, tímidos.

Percebe que necessita facilitar e estimular os impulsos dele. Abre os botões da blusa que veste.

Abraçados, lentamente deixam-se cair no leito.

29-ª Parte

"O homem fraco teme a *morte*;
o desgraçado a chama;
o valente a procura.
Só o sensato a espera."

Benjamin Franklin



Deitada ao lado de Mulder, na cama do hotel, Dana reflete por alguns minutos sobre o que está se passando.

Não sabe o que anda sentindo, na realidade, se é proveniente de um extremo estado de estresse ou uma prolongada ansiedade por tantas coisas que deseja ver resolvidas.

Está assim aqui, segura, ao lado do homem que ama, amparada, ajudada por ele, como em todos os momentos em que dele precisa.

Mulder continua falando-lhe ao ouvido, docemente. Há um timbre de preocupação e sobretudo dor em sua voz. Ele não quer que ela lhe acompanha nessa nova e estranha investigação para a qual Billy Miles os havia atraído, em Oregon, mas como poderia ela ficar somente vendo as coisas desenrolarem-se e delas não participar diretamente, em companhia de Mulder?

Embora seu estado de saúde apresente-se frágil, ela não quer demonstrar fraqueza. Tem que ajuda-lo em mais essa missão, sim!

Por momentos deve esquecer o seu estado de saúde abalado. Logo que for resolvida mais essa missão, irá cuidar-se, sim, sem dúvida.

Ela pega a mão de Mulder que lhe acaricia e coloca-a sob sua face. Quer sentir-lhe a mão quente, deseja.

Mulder sente as lágrimas dela molharem sua mão.

- Scully, não fique assim! Olhe... você precisa é se cuidar. Estou lhe falando sobre isso dia após dia, e você não liga! Você não anda bem, Scully!
- Eu sei, Mulder! A culpa é toda minha mesmo. Tenho que me tratar, porque afinal, tantas coisas podem estar acontecendo com a minha saúde.
- Você vai me prometer; assim que sairmos dessa missão, cuidará de providenciar seus exames.

Ela assente e tenta sorrir.

- Você melhorou do frio?
- Sim, Mulder. - agora ela vira-se na cama, abarcando o pescoço dele.
- Viu, Scully, se não fossem as próprias exigências tolas do FBI, você não precisaria ter corrido agora para este quarto. Eu já a teria aquecido...
- Eu não sei o que faria sem você.

Mulder lhe mostra um sorriso tímido.

- Por que me olha assim? - ela pergunta.
- Assim, como?
- Parece que no seu semblante há uma preocupação, uma dúvida.
- Scully! - chama-lhe a atenção - Nós prometemos não...
- ... falar mais sobre isso - completa - Desculpe, desculpe.

Mulder aperta-a com mais força. Sabe, em seu íntimo, que não pode esconder muito a preocupação em saber o perigo que correm suas vidas naquela investigação. Algo o perturba e precisa deixar de lado esse tormento. Esforça-se para agradar a mulher que ama.

- Scully, você ainda treme...!
- É... - balbucia - Mulder...?
- O que?

Aprofundam o olhar um no outro.

- Me beija.
- Te beijo. - ele toca-lhe os lábios vermelhos e sussurra-lhe nos ouvidos - Quer que eu faça passar todo o restinho do frio que está sentindo?

- Ahn, ahn,... quero. - confirma, murmurando.

Ele procura-lhe a boca, com paixão.

Dana sente a respiração ofegante dele junto a seus ouvidos. Sua carne arrepiava-se de prazer. Suas bocas unem-se, num beijo ardente, onde se podem sentir. No gosto da saliva. No gosto do amor.

Ele busca, com lábios sequiosos, o busto dela, procurando-lhe, avidamente, os róseos botões de carne.

Frêmitos de prazer inundam-lhes os corpos vibrantes e estonteados na ânsia do amor.

Afastam de si o cobertor de lã. Para que possam tocar-se. Sentirem-se. Amarem-se, enfim.

Dana segura a mão de Mulder, dirigindo-a para seus seios. Faz com que, com as pontas dos dedos, ele possa livrar as carnes do seu busto túmido, do soutien rendado.

Ele vai beijando-lhe o corpo, respirando afogueado e desejoso.

Scully o faz livrar-se de suas roupas também.

Em gestos rápidos ele retira tudo o que veste.

A boca de Mulder, desvendando cada centímetro do corpo de Dana o deixa agitado.

Ama-a demais! Com verdadeira paixão. Mas não o sentimento excessivo, capaz de perturbar a sua conduta, não uma paixão superficial ou maligna, que possa até causar-lhe algum dano moral ou psicológico, mas uma paixão sadia. Um amor ardente. Puro. O mais puro e arraigado sentimento.

- Scully...! - ele murmura, enquanto a possui.

E ela, frágil corpo feminino, entregue às carícias do homem que ama, delira de prazer.

Entregara o seu corpo e sua alma a esse homem que a está dominando neste momento.

As contrações que lhe advém pelos seus músculos nos movimentos deste ato de amor, liberam, enfim, toda aquela tensão emocional que sofrera há algumas horas atrás.

Ali estão eles. Colados. Molhados. Túmidos. Afogueados.

- Mulder! - ela também murmura com extremo e infinito prazer o nome dele.

Ele é o seu amor.

Que lhe dá esse prazer total.

Que a enche da mais completa paixão.

Um longo, profundo mas discreto gemido, saído lá de bem fundo do âmago do seu ser, a domina agora. Todo o seu ser vibra. E o desfalecimento vem, por fim.

A cabeça do homem amado desaba sobre seu peito frágil de mulher forte. Também ele perdera as forças e deixara-se jogar, cansado, extenuado mesmo, sobre o leito.

Dana acaricia-lhe os cabelos escuros.

Afinal, verdadeiramente, a mulher, considerada o sexo frágil, é, sem dúvida, a parte mais forte do ser humano.

E ela sente-se assim, pois ali está o seu amado aninhado em seus braços, como um menino desprotegido, ansiando por um carinho, pequeno e fraquinho, entregue à sua fortaleza protetora de mulher.

Ali está o seu Mulder, o seu querido Mulder, amando-a e fazendo-a amá-lo demais!

Mulder, agora, sai de sobre o corpo dela e deita-se, relaxadamente, puxando-a para que repouse a cabeça em seu peito forte.

É assim, dessa maneira, que ele adora senti-la, até chegar a dormência do sono a lhes embalar a mente e os sentidos.

* * *

Nas horas subsequentes, veio com a espera, um dia de terrível e absoluta dor.

Para Dana Scully, a absurda e quase inacreditável notícia que lhe chegara sobre o desaparecimento de Mulder, além de a ter deixado em estado de desespero, a pusera num torpor angustiado, a lentidão intelectual, quase bloqueio da consciência. Como se a tivessem dopado. Pela dor aguda. Pelo sofrimento de um fato tão cruel. Agora, no leito do hospital onde fôra trazida e medicada, Dana reflete sobre todos os acontecimentos ocorridos. Quanto sofrimento!

* *

Dana havia chegado do Bureau. Cansada. Extenuada.

Havia passado mal com seus enjôos durante a correria do trabalho. Precisa agora descansar. Dirige-se à cozinha.

Pára diante da pia. Fecha os olhos.

- Mulder! - murmura, chorosa.

É a primeira imagem que lhe vem ao pensamento. Toma sempre todo o espaço de sua mente. E do seu coração. Não tem jeito.

Tanto haviam tentado encontrá-lo! Ela e uma equipe de agentes federais, juntamente com aquele novo agente que faz parte da equipe, agora, John Doggett.

- Mulder! - mais uma vez murmura.

Coloca a mão sobre o ventre, acariciando-o, docemente.

O seu filhinho!

Uma grande onda de náusea se apodera dela, que corre em direção do banheiro. Alguns minutos se passam, até começar a aliviar o estômago dos enjôos e tonteiras.

Retira, lentamente, a roupa. Coloca-se diante do espelho.

Com o olhar triste, examina os menores detalhes do seu corpo.

Devia ter prestado atenção! Na verdade já havia notado que seus seios haviam aumentado, as linhas esguias do seu pescoço haviam engrossado, o ventre já traz um pequeno e quase despercebido arredondado, a cintura havia perdido um pouco a forma em alguns milímetros, a região do seu útero tornara-se um tanto endurecida, uma linha escura desenhara-se visivelmente do umbigo até abaixo do seu ventre.

"E eu não havia percebido tão pequenos, mas visíveis detalhes! Aliás, havia percebido, mas não queria acreditar! Não **podia**! Esta é a verdade! Eu... uma mulher estéril!... como pude engravidar?! E Mulder me disse naquele dia: *"Nunca desista de um milagre...!"*

Ela suspira, profundamente, fechando os olhos, engolindo em seco.

- Mulder...! - geme.

Os olhos enchem-se de lágrimas. Recosta-se à mesa da cozinha, para divagar seus pensamentos mais um pouco.

"Mulder desaparecido... ou talvez m... não! Não quero pensar nessa hipótese! - chora - Mulder... e o meu bebê...? O nosso bebê?"

Mulder desaparecido. Abduzido, segundo o próprio Skinner presenciara naquela fatídica noite.

Mas por que fôra acontecer-lhes essa fatalidade?

E agora, que ela carrega em seu ventre o que mais desejara em toda a sua vida? Uma criança! Um filho. De Mulder! O seu amor!

"Deus, nada pode separar-nos agora, se nossas vidas estão unidas por esse laço insolúvel de um filho gerado pelo nosso amor! Mulder! O fruto do nosso amor está aqui e nós dois precisamos de você, Mulder! Volta!" - os pensamentos bailam em sua mente atormentada.

E as lágrimas rolam, livremente, em sua face no pranto silencioso.

A mente recordando o semblante espantado e incrédulo de Skinner ao ouvir a sua revelação de que está grávida. Nem ela própria pudera acreditar de pronto. A maior e mais maravilhosa surpresa recebida no momento mais crucial de sua vida.

Vem à sua mente, como em turbilhão depois, o desespero da confirmação da morte de Mulder. Lá, no alto do céu, a nave alienígena carregando a esperança de vida de Mulder, o retorno dele a este mundo... mas os gritos dela a ecoarem na amplidão da escuridão. Ela nem sentia o ardor da aspereza da terra sob seus joelhos dobrados no chão duro. Só sentia o terror, o horror, o desespero da dor por perder daquele modo a oportunidade de salvar o seu amado.

E o seu clamor continuava ressoando na pretidão da noite.

E Dana Scully, de joelhos, deixou o corpo alquebrado vergar-se ao peso de sua dor. E de seu pranto.

Como num filme as cenas continuam a passar por sua mente.

Depois o encontro do corpo de Mulder... a morte... o fim.

O corpo de Mulder sendo levado ao túmulo.

Seu próprio alento, seu último suspiro fôra ali junto àquele esquife com o corpo do amado.

E suas lágrimas silenciosas eram a demonstração do sofrimento sem par que lhe dilacerava a alma. Depois, meses de agonia, dor e saudade. Maior que os anteriores, porque a desesperança, a certeza da morte agora era o sentimento que tomara conta do seu coração tão despedaçado

Dana Katherine Scully, a forte e destemida agente do FBI, então era apenas um ser frágil, quebradiço. Só queria viver por um só motivo que lhe dava forças agora: seu filho.

30-ª Parte

"A *vida* é um constante processo, uma contínua transformação, um
nascer, morrer e renascer."

Keyserling



Dana coloca sua mente para pensar em tudo que lhe ocorrera nesses meses de sofrimento atroz.

Haviam sido meses de tormento, sim, pela saudade, pela falta de Mulder.

Mas agora... agora ambos estão felizes e em paz.

Dana e Fox William Mulder.

Mulder... o seu amado, a sua vida, a sua alma gêmea, que lhe inspira um amor que transcende até a mais profunda das verdades.

O seu Mulder está de volta. À vida. Ao mundo. Ao seu coração. Aos seus braços ansiosos.

Cinco longos meses de sofrimento total!

E com o retorno dele veio a verdade. A verdade que nunca deveria ter sido encoberta, por mais complicada e inverossímil que fosse. A verdade que esteve sempre dentro de seus corações. A verdade do real sentimento que ambos tentaram esconder ou desprezar por longos anos, na sua jornada juntos pela agitada e perigosa vida da qual sempre compartilhavam, até este ano de 2001.

E essa verdade veio à tona, finalmente. No momento certo, com seu filho, o fruto do seu verdadeiro sentimento.

Neste momento, no entanto, dentro de uma casa estranha, embora agora mais ou menos limpa e arrumada pela sua dedicada colega Agente Reyes, que mesmo sem ter acesso a água encanada no interior da habitação, fôra até o poço apanhar o precioso líquido para a limpeza, Dana, com o seu corpo pesado, mente cansada, abatida, reflete sobre os todos esses acontecimentos.

E enquanto encontra-se nesse desconfortável lugar, longe de sua casa ou de um hospital, sua mente divaga pelas lembranças do acontecido.

Quanta louca correria passara com Mulder fugindo, fugindo... sempre fugindo ou então sempre perseguindo o perigo para suas vidas.

A cada minuto percebe o quanto é preciosa a vida; muitas vezes até já havia deixado de aperceber-se disso.

E Mulder... o seu Mulder, quanto esforço para livrá-la das garras de seus perseguidores!

E até quando poderá lutar contra isso? Sempre o fazia em situações normais, por achar que aquilo era parte de seu trabalho, mas agora, com essa nova vida dentro de si, sua alma clama por paz, segurança e principalmente sossego.

Muitos fatos que haviam se passado a deixara apreensiva, como havia confessado à Maggie, sua mãe. Porque alguma coisa havia que deixara a ela e Mulder preocupados com o nascimento de seu filho.

Está refletindo neste instante no que poderia ter-lhe causado se qualquer coisa negativa ocorresse para prejudicar o nascimento de seu bebê.

“O meu bebê amado...!” - pensa.

Sente que uma leve dor manifesta-se em seu útero tenso e enrijecido.

Sente que, aos poucos, conforme passam-se os minutos, a dor vai aumentando de intensidade.

Uma dor cansada, que lhe enfraquece as pernas e lhe faz pesar o baixo ventre.

E sente receio. Um receio imenso.

- Mulder! - chama em voz baixa, só para si.

Ela está certa de que o momento esperado durante nove meses é, enfim, chegado.

- Mulder! - repete.

Sente escorrer pelas pernas o líquido morno da bolsa em que se encontra seu bebê e que acabara de se romper neste instante.

Imediatamente passa por sua mente a idéia de que há a necessidade premente de ser levada para um hospital.

“O cordão umbilical... o bebê corre o risco de que o cordão o envolva e ele... meu Deus! Preciso ter o máximo cuidado... não posso movimentar-me bruscamente... meu Deus, preciso de ajuda! Estou sentindo que a hora é chegada. Meu bebê já está vindo! E se ele for... e se ele...” - sacode a cabeça, tentando arrancar os maus pensamentos - ... ele já está pra nascer... assim como eu, Mulder também está apreensivo, ambos sabemos... meu Deus, me socorre! Preciso ter o meu bebê sem riscos, longe da maldade, que nos persegue a mim e ao pai dele...”

Cambaleante, ela apoia-se para ir até ao banheiro. Sabe que a hora é chegada.

Já sente em seus pés a quentura do líquido que continua escorrendo por suas pernas. Só não sabe daqui para frente quanto tempo poderá levar até a exata hora do nascimento da criança.

Seu instinto percebe a necessidade de algo mais seguro.

Estar neste lugar... sem nada que a socorra... sente extrema necessidade de ser levada a um hospital. Precisa. Necessita.

Mas como? Não pode! É uma fugitiva! Está lutando pelas vidas sua e de seu precioso filho! Os alienígenas... os malditos alienígenas querem pegá-lo!

E Dana aflixe-se.

Seu corpo pena. Sua alma sofre. Seu coração esfaqueia-se na dor.

* * *

Dana, arfante, aflita, não quer deixar a Agente Reyes em pânico, mas estando há já algum tempo nessa situação, tem que avisá-la de que está prestes a dar a luz.

- Mulder! – exclama baixinho, olhos fechados, esgotada em suas forças, arfante – Por que não pôde estar agora comigo aqui, neste lugar estranho, longe de tudo e de todos, desconhecido... ? Mulder!! - grita agora, como se o estivesse vendo ali próximo.

Dana vê o vulto da Agente Reyes aproximando-se rápida, no ambiente lúgubre, escuro, iluminado apenas pelas chamas serenas das velas acesas.

- O que houve, Dana?

- N... não... nada! Eu pensei ter...

A Agente Reyes chega para falar bem próximo.

- Nós vamos conseguir sair daqui bem com seu bebê, tenha certeza.

- Eu preciso ter... mas essa louca correria, essa tensão pela qual eu e Mulder passamos nas últimas horas fugindo da maldade contra nós, está me deixando sem forças, Monica. Não aguento mais! Estou me sentindo fraca!

- Não... Dana, nada disso! Você sempre foi forte, nunca deixou-se levar pelas dificuldades da vida, como já me contou, então não há porque temer!

- Eu e o Mulder estamos sendo muito castigados, Monica! - exclama chorando, com as mãos sobre o rosto.

- Eu sei... eu sei.

- E agora estou aqui nessa situação, neste lugar, sabendo que ele também está em perigo!

A Agente Reyes baixa os olhos, pensativa.

Como poderia negar à colega esse fato, se a sua própria vida também estava correndo risco? Sente-se até um pouco infeliz por nada poder fazer, a não ser contar com a sorte.

- Monica! - chama arfante.

- Sim, Dana.

- Estou sentindo que já está na hora.... estou sentindo... as contrações.

* * *

Frohike, Langly e Byers, os fiéis amigos, contemplam embevecidos a obra primorosa da natureza nos braços de Dana.

A criancinha emite como um pequeno gemido um leve chôro.

- Scully... ele está... - começa Frohike.

- ... querendo ir... - interrompe Langly.

- ... pro berço? - conclui Byers.

Dana sorri meigamente, afagando o rostinho do seu bebê.

- É claro que não, rapazes! Um bebezinho só deseja mesmo é estar nos braços quentes da mãe.

Byers adianta-se:

- É verdade, Scully... eu já até quase me havia esquecido do tempo em que... - pára, repentinamente, ao lembrar seu passado e a família que já possuíra tempos atrás.

Dana fita-o, percebendo o drama que envolve os pensamentos do fiel amigo neste instante.

- Bem... bem, Scully, precisamos ir agora... e Scully, nós... - recomeça Frohike.

- ... nós estamos... - interrompe Langly, agitando sua vasta cabeleira loura.

- ... muito felizes por você. - conclui Byers, circunspecto.

Ela agradece com um meneio e um leve e amável sorriso.

Os três homens deixam o quarto, levando em seus rostos a felicidade pela vinda do bebê que havia chegado para encher de prazer o coração de todos.

O filho que Dana Scully tanto havia desejado.

Dana olha o filhinho em seus braços. Pega-lhe as diminutas mãozinhas perfeitas, os pezinhos aquecidos dentro dos sapatinhos de lã. Afaga-lhe a cabecinha quase desprovida de fios de cabelo. Tão pequenino ser! Tão frágil!

O seu filhinho amado. Carne de sua carne. Sangue do seu sangue.

Aguarda ansiosa a chegada de Mulder para vê-lo.

O pai de seu bebê! O seu amado!

O prazer que a vinda desse filho lhe trouxera é tão forte, que, embora Dana esteja lutando contra o cansaço, o desânimo, o mal-estar provocado pelo parto atribulado e cheio de riscos que sofrera, seu desejo é de propagar aos quatro ventos sua felicidade. A felicidade pelo prazer de uma vinda aguardada com ansiedade e muito amor.

Sente-se ditosa, feliz, neste momento, apesar da tribulação pela qual tivera que passar nos momentos do nascimento de seu filho e que havia forçado Mulder a separar-se dela e da criança prestes a nascer.

“Por que temos que sempre sofrer perseguições? Seríamos mais felizes se pudéssemos ser pessoas comuns...” – pensa com tristeza.

Um profundo suspiro de alívio sai de dentro de seu peito. Havia ido embora o medo, o desespero pela tensão pela qual passara. Tudo está bem. Ela e o bebê.

Após tanto sofrimento ela pode, então, desfrutar momentos de paz e segurança.

Mulder entra no quarto.

Os olhos azuis de Dana parecem faiscantes de puro encantamento e amor.

Ali está, diante de si, o homem responsável por essa pequena vida que acaba de vir conhecer o mundo. Esse mundo difícil, frio, atormentado e cruel.

Mas a sua criança está ali e seus pais cheios de regozijo por sua presença.

Neste momento vendo Mulder, parece a Dana sentir estar entrando junto com ele, de braços dados, a felicidade e a paz com que Deus os havia presenteado.

- Mulder! - ela murmura em êxtase.

E seu reencontro foi de murmúrios e olhares de ternura, sentindo todo o amor que emana de seus apaixonados corações.

Dana coloca nos braços jeitosos de Mulder, o seu filhinho.

O ambiente leve, acolhedor e amoroso os faz sentirem-se extasiados pela paixão.

Trocam frases cheias de ternura.

Mulder procura os lábios de Dana e em sua boca coloca o que os seus próprios lábios não precisam pronunciar.

Beijam-se ternamente.

Suas bocas unidas, sentindo o recíproco gosto, a tontura do desejo, o prazer da ternura, o calor das carnes, a felicidade de estarem ali juntos, desfrutando de toda e plena ventura do seu sofrido amor.

Mulder, com a criancinha nos braços, continua sentindo a quentura dos dois corpos junto ao seu: a do seu filho, pequenino ser amado, recém-chegado aos seus braços e ao seu amor de pai e o de sua mulher, a forte e determinada Scully, agora assim tão frágil e pequena, mas na qual havia sido gerado um ser vivente.

Que crescerá e ficará forte, determinado, céptico, honesto, puro e fiel como sua mãe ou então herdará do seu pai a credulidade às coisas mais intrigantes deste mundo, sendo impetuoso, porem sensível.

- Scully... é tão lindo ele...! - ele continua com o bebê em seus braços.

- Não é maravilhoso estarmos com o fruto do nosso amor aqui nos nossos braços?

- Sem dúvida, lindinha! - olha a fisionomia pequenina e perfeita do seu filhinho.

Dana envolve-o com os dois braços com mais calor.

- Ai que felicidade sentir vocês dois assim... juntinho de mim... sabe Mulder...?

- O que?

- Eu queria que esse momento mágico não terminasse nunca!

Ele sorri. Procura os lábios dela mais uma vez.

Sorvem-se. Degustam-se. Prazerosos.

É muita felicidade. Nem acreditam.

O bebê faz um trejeito, movendo as pernas e braços, inquieto. Enquanto choraminga baixinho.

Desprendem os lábios.

- O que ele tem, Scully?

- Uma coisa importante para os bebês.

- O que?

- Fome, Mulder.

Mulder coloca a criancinha nos braços de Dana.

- Toma ele. Mas deixa o resto comigo.

- O resto...?

- Sim... deixa.

Mulder abre o decote do robe de Dana, fazendo aparecer o seio farto dela.

Ela acompanha ternamente os gestos do jeitoso pai.

- Pronto. Sirva-se, filhinho. - diz ele, encostando o rostinho da criança ao seio dela.

Dana sorri meigamente:

- Ah, Mulder, você nem parece um pai! Tem que ajudar o bebê assim! – toma o bico do seio e o coloca na diminuta boca de seu filho.
- É... realmente sou um marinheiro de primeira viagem...

E enquanto o seu filhinho alimenta-se com apetite, Mulder desliza, levemente, os dedos na cabecinha dele.

Aperta Dana contra si. Sente-se feliz. Os dois são um pedaço de sua própria vida.

Apertada entre os braços mornos de Mulder, Dana sente-se no céu. Aspira com prazer o perfume da loção de barba no queixo que ela adora dar pequenas mordidas, com paixão.

Permanecem quietos, apenas sentindo-se, carne contra carne, sabendo que nem as dificuldades e os perigos passados há horas atrás, haviam conseguido tira-los dos seus sonhadores pensamentos.

- Obrigado, Scully. – ele fala, repentinamente.
- De que, Mulder?
- Por ter-me dado esse filho, Scully. Eu te adoro. E a ele também Adoro vocês! Olhe, Scully, a verdade sobre como aconteceu em você poder conceber essa criança, nós não sabemos, mas a verdade sobre como nós quisemos nosso filho e nós o fizemos, somente nós dois conhecemos, como eu já lhe disse, e como foi sempre nosso desejo, para completar nossa felicidade. E pode o mundo acabar, pode até algo nos separar, nunca, no entanto, estaremos definitivamente desunidos, pois mesmo que nossos corpos se separem, nossos espíritos estarão juntos para sempre.

Dana enche seu coração de regozijo pelas palavras de Mulder.

Ele sussurra-lhe nos ouvidos.

- Vocês são as coisas mais especiais que tenho na vida!
- Coisas...? - ela sussurra, zombeteira.
- Sim, minha coisa lindinha e amada...!

Corre-lhe com os lábios por sobre a testa, deslizando até o queixo de Dana, ardoroso.

- Nunca duvide das minhas palavras de amor, Dana! - replica, com semblante sério.
- É mesmo somente num dia especial como este pra me chamar por meu nome! - ela admira-se.
- Espera... - mete a mão no bolso do casaco, dele retirando um objeto embrulhado. Tem preso um pequeno cartão dourado.
- Um presente? - ela pergunta e lê:

*À minha Dana
com o amor do seu
Mulder
Julho/2001*

- Abre. - ele sugere.
- Espera... ahn... Mulder... - senta-se na beira da cama, ajeitando-se - ... parece um...um CD! - exclama, admirada.

- É. Gostou?

Ela tenta ler o nome na capa:

- Não consigo é ler este idioma, Mulder! Português?

- Sim. Um amigo o trouxe do Brasil.

Ela novamente tenta soletrar o título do CD.

- *Pro Nenê Naná - Canções de Ninar.* - O que significa? Só sei que é algo infantil.

- Exatamente, Scully. - senta-se ao seu lado - É uma seleção de canções para ninar os bebês.

- Aaaah, Mulder! Que lindinho!

- Não, Scully. Você é que é lindinha! - beija-a nos lábios, suavemente - Gostou da capinha do CD?

Ela a examina com atenção.

Uma pequenina janela, em cujo vidro aparece uma estrelinha amarela, é o que simboliza ser o quarto de um ursinho bebê estilizado, dormindo pacificamente em sua confortável caminha.

- Pra você não ter que assustar o bebê com a sua desafinada voz, foi que lhe trouxe este CD. É só colocar e deixar o nosso filhinho ouvir.

- Obrigada pelo elogio...!

- Não é um elogio! Eu procuro sempre usar a sinceridade!

- **Muldeeer!!** - ela reclama em alta voz e aperta-se nos braços dele, o que faz com que seu filhinho tremule os pequenos punhos fechados, incomodado - Mulder...?

- O que é? - diz, falando com a boca entre os cabelos ruivos dela.

- Por que temos que sempre passar por tão terríveis sofrimentos?

- Pra podermos ver que após a tempestade sempre vem a bonança... e Scully...?

- O que?

- A ajuda da Agente Reyes foi importante, não?

Os olhares trocados falam toda a paixão que existe nos seus corações.

- É lógico que foi! Ajuda preciosa! E Mulder...

- ... sim?

- ... foi a mão de Deus a me proteger naquele lugar sem nenhum amparo, escuro, sem conforto, sem nenhum auxílio da medicina... eu... eu... não quero mais nem pensar nisso...a dor pela vida do meu filho... a perseguição terrível que sofremos... tudo me deixou horivelmente angustiada e sofrida. Quero tirar isso tudo do meu pensamento... não quero mais pensar...!

- E não deve! Agora você está aqui, sã e salva e feliz com seu filho.

- Mulder... eu tenho a certeza de que... de que Deus procura nos mostrar sempre que, apesar de tormentos e amarguras, nunca estamos sozinhos... a mão Dele está sempre a nos proteger, mesmo que estejamos até caídos num abismo de problemas...

“Deus fez abismos para que o homem compreendesse as montanhas.”

FIM

DEVANEIO... IMAGINAÇÃO... FANTASIA.... SONHO... QUIMERA...
CAPÍTULO EXTRA X

TADINHO...!!

Aaaaah... tadinho!
Quebrou do pé o dedinho!
Está sem andar o lindinho
e só a fazer beicinho
naquela boquinha sinuosa
que a gente acha perigosa
porque atraí as fãs de montão
e dá nelas a maior sensação!
E se só o dedinho e a boca
causam “frisson” e põe louca
a galera shipper que o conhece,
imagine o restante, o que de mais acontece!

Tadinho do David mancando,
mas mesmo assim enfrentando
seu dia-a-dia trabalhoso!
Logo estará vitorioso
saindo então desse acidente,
erguendo-se e indo em frente.
Mas, finalmente, o que queremos
é a sua volta ao A-X e assim torcemos.
Estamos te esperando David, de coração
o seu Mulder aparecer com emoção
e nos deixar como a Scully sempre diz:
numa racional e plausível vida feliz.

DEVANEIO... IMAGINAÇÃO... FANTASIA.... SONHO... QUIMERA...

CAPÍTULO EXTRA XI

E COMO FAZ FALTA...!

Eu acho que, lá no fundo, bem no íntimo do seu coração, o David Duchovny sente algo como uma falta, uma melancolia, não se encontrar mais na equipe de atores do Arquivo-X.

E isso é lógico! Racional!

Não é com um simples "click" que ele pode ter-se desligado do seu personagem no Seriado mais famoso no mundo inteiro. Isso é uma coisa que fica arraigada no mais íntimo do seu ser. Quer queira, quer não!

Naturalmente que isso é, simplesmente, um trabalho, uma profissão!

Mas eu quero ver quem é que, não se sentiria orgulhoso, feliz e realizado em saber que milhões de pessoas o considerariam maravilhoso, gostoso, lindo, etc etc etc e muito mais adjetivos. E a vaidade? Cadê? Não existe?

É claro que ela existe! Lá no pedacinho mais ínfimo do seu coração e mente. Mas ela existe.

E esta o faz ver o quanto ele é, realmente, querido, amado.

No entanto o David procura dissimular esse sentimento, fingindo "não estar nem aí" para a Série que o projetou na fama, para os fãs.

Sente-se desejoso de explorar outras áreas. Expor seu talento em outros empreendimentos. Está certo! Certíssimo!

Talvez seja, realmente, cansativo desempenhar o mesmo papel durante anos a fio!

Talvez seja decepcionante cada vez que é visto por um fã, ser tratado como o seu personagem e não como a sua real personalidade.

Ganhou dinheiro, fama, ensinamentos durante oito anos seguidos protagonizando uma série que, sem a sua presença agora torna-se falha, vazia...!

E ele podia pensar um pouquinho, só um pouquinho na gente! Nós, seus fãs, que por ele torceram, choraram comovidos, deliciaram-se, dedicaram-se inteiramente a vê-lo sempre nos emocionantes episódios do magnífico e inconfundível, maior e mais bem feito Seriado dos últimos tempos.

Agora existe uma lacuna. Pela sua ausência.

Mas fazerem o que, os frustrados fãs?

Apenas engolirem sua frustração e curtirem uma saudade ingrata dos bons tempos em que ainda podiam assistir seu ator preferido desempenhando com perfeição e maestria o seu carismático e expressivo Agente Especial Fox Mulder.

Enfim... somos apenas fãs...! Vivemos, apenas, como sempre, em eternos Devaneios...

Wan

DEVANEIO... IMAGINAÇÃO... FANTASIA.... SONHO... QUIMERA...
CAPÍTULO EXTRA XII

BELEZA EM POESIA

Este Devaneio é uma homenagem.

Novamente páro um pouco em meus escritos para prestar atenção no que aparece à minha volta, literariamente falando.

Venho comentar sobre o poema Feedback – Pensamentos de Mulder para Scully, escrito por minha amiga **Jennifer Fearnssaille**.

Não é de meu feitio tecer elogios pelo que não me agrada ao coração ou aos olhos, podem estar certos disso. Sou muito autêntica e tenho prazer nisso! Acho que a hipocrisia é um sentimento extremamente prejudicial e este não faz parte do meu ser.

Bem, mas como eu ia falando, devo tecer comentários sobre o citado poema, que me chegou às mãos, e assim que bati meus olhos naquelas estrofes tão repletas de sensibilidade, senti-me na obrigação de enviar, verdadeiramente, o meu feedback à minha amiga, representado numa homenagem sincera.

FeedBack
Pensamentos de Mulder para Scully

Eu não preciso de ar
O teu perfume penetrando meus pulmões
Através do vento deslocado à tua volta
Enquanto te movimentas,
Sim
São teus suspiros que eu respiro
Eu respiro tua presença, teus mistérios, teus pensamentos.

[Quanta poesia, quanta beleza
Nesta estrofe o amor resplandece de sensibilidade!
E nos demonstra ter em si uma grande verdade.]

**Eu não preciso comer
O alimento que a terra dá
Eu como nossos abraços sinceros
Devoro teu sorriso terno
Me nutre tua presença, teu toque, teu olhar.**

*[Como o amor faz acontecer assim, dessa maneira,
Na realidade sempre o mais puro sentimento,
Porque é certo, quando amamos, ele é um doce acontecimento.]*

**Eu não bebo água
Bebo a saliva que sonho em tua boca encontrar
Tão doce e necessária para minha sede aplacar
Eu bebo tuas palavras, teu mistério, teu olhar.**

*[Quem, quando ama não sente transbordar de afeto
E muito mais essa doce sensação
E sentir através disso inundar-lhe com fervor o coração?]*

**Não é o chão que me sustenta
Ou o peso das minhas dores
É a esperança que me apoia
Em noites claras
Iluminadas por tua presença
É essa espera
Que por um fim anseia
Em dias escuros,
Nublados, pela tua ausência.**

*[Triste pesar a ausência traz, com toques de amargura ,enfim,
A mais dura, infinita e carrasca solidão
A gente sente sempre assim lá dentro, no pungente coração.]*

**Eu não escuto palavras, não ouço sons
Só registro teus ruídos, teu pulsar, teu coração.
Tua voz é minha fala; teu silêncio meu grito interior
Meu ouvido é teu sorriso, tua face, tua cor.**

[Maravilhas de palavras, inundando de encanto uma vida só

*E fazendo sentir, assim, o bem que às vezes satisfaz
Vivendo a paixão, a loucura, que esse sentimento traz.]*

**Eu não vivo nesse mundo
‘Estranho’ podes me achar
mas se queres me encontrar
eu resido em teu afeto
teu amor vai me buscar.**

*[Notemos quanta verdade existe, então
Quando temos a alma voltada para o amor
É duro, doloroso, triste, mas é um doce alimento, mesmo com dor.]*

**Tua confiança habito
Sem ti não posso ficar
Me situo em tuas dores, teus calores, teu olhar.**

*[É demais esta estrofe, o quanto que o Mulder diz
Ele vive, se alimenta, se conforta e vive para com ela ficar
Num dia, numa hora, num segundo em qualquer lugar.]*

**Feedback
Nossa relação pode explicar
Tua me alimentas, me guardas,
Me fazes retornar
Às tuas costas eternamente vou estar
“Walking after you”, my love
Feedbacking teus mistérios, pensamentos,
Teu olhar.**

Jennifer Fearnssaille

*[Lindo, lindo, tudo isso não é mesmo?
Quanta emoção a Autora quis de fato nos passar
E nos dar a sensação de nos pensamentos de Mulder podermos estar!]*

DEVANEIO... IMAGINAÇÃO... FANTASIA.... SONHO... QUIMERA...
CAPÍTULO EXTRA XIII

Uma Prosa Com
Segundas Intenções

Árvores verdes, brilhantes, iluminadas em festa
Piscando num modo incessante suas lâmpadas
A cidade busca a alegria,

A animação
De uma data que comemora o nascer
Do filho de Deus trazendo a paz
Em cada coração.

Música, harpa, cores, sons,
Que trazem a felicidade de um dia pelo menos.
Um dia assim
Pois há, na verdade, em muitos lares
A intranquilidade, o desassossego,
Muitos males, enfim...

Por que não poderia ser tudo muito diferente?
Com realizações, com amor, coisas que dão uma
Sensação fremente?
Mas não! A vida é difícil, dura, pouco liga
Para o sofrimento, a dor, a tristeza no coração
De muita gente...

E eu gostaria tanto que o Papai Noel trouxesse
Para aqueles dois seres que se amam
O presente ideal
Sem mais esperar, sem nunca mais deixar
Que a angústia lhes tolde o olhar e sim
A felicidade total.

Eu queria mesmo é que neste Natal
Pudesse os dois estar a sós, sorrindo
Loucos de paixão, somente
o amor dividindo
E não assim longe um do outro
Fingindo negar de seu par a existência...
Se deprimindo.

Mulder e Scully, por que não poderiam
Agora nos brindar com a felicidade total,
Enfim?
Ficariamos nós felizes, contentes, realizados,
Acompanhando o desenrolar desse amor único,
Por fim.

Mas não!! O destino não quis, não quer,
Não aprova e não deixa
Sequer
Que prossigam lado a lado nesse encanto.
Têm que ficar sempre separados e que seja
como a vida assim
lhes dispuser

E em mais um Natal não podemos ver
Os dois lindinhos contentes, num só
Desejo
E daí ficamos nós na saudade
De tê-los felizes, mas lá no fundo
Do nosso coração, queremos vê-los juntinhos
No primeiro ensejo

Mostrando ao mundo que o sentimento vencedor
É sempre, em qualquer tempo, o verdadeiro amor.

DEVANEIO... IMAGINAÇÃO... FANTASIA.... SONHO... QUIMERA...
CAPÍTULO EXTRA XIV

SONHOS DE UMA NOITE DE NATAL

O NATAL DA GILLIAN

Primeira Parte

Autora: Audrey

Um chalé num lugar muito frio e com neve..

Por fora ele é todo feito de tijolo vermelho e madeira..

Por dentro é grande, estendido sobre o piso um tapete de pele de urso e com a lareira acesa o tempo todo para espantar o frio..

Uma longa mesa rústica, forrada com uma toalha vermelha, cheia de comida natalina naturalmente "engordativa"..

Sua família não é muito grande, porém muitos amigos a todos se juntaram para comemorar o Natal.

Algumas crianças correm em torno da sala em perseguição a um pobre cachorrinho, entre elas a Piper, a qual a Gillian somente observa com um sorriso suave no rosto, sentada no sofá.

Depois de algum tempo, batem na porta e ela se levanta, indo atende-la..

Entram por ela o David, com um sorriso lindo para ela, lhe estendendo duas garrafas de vinho tinto e algumas sacolas grandes de presentes, a filhinha dele e a Téa.

Gillian pega as garrafas, ao mesmo tempo que a filhinha de David que a abraça com muito carinho, e pede-lhe colocar os presentes embaixo da árvore que fica perto da lareira, grande e decorada de cores douradas e prateadas.

Todos entram e se juntam ao clima natalino com bom humor, menos Téa, que permanece fria e distante, demonstrando o seu desconforto de estar presente ali.

Algum tempo depois, todas as crianças se juntam num protesto unido, dizendo que querem ir brincar na neve.

Depois de um certo empurra-empurra de quem seria o responsável por olha-las lá fora, Gillian e David saem com toda a turma de crianças, enquanto Téa resolve ficar do lado de dentro, porque está frio demais e isso pode prejudicar a sua pele.

Esse comentário não foge aos ouvidos da Gillian, que responde fazendo uma expressão engraçada, imitando a Téa em toda a sua futilidade, o que faz com que todas as crianças caiam na gargalhada.

Já, então, do lado de fora, Gillian e David conversam calmamente, até que David é acertado por uma bola de neve perdida lançada por Piper, e Gillian dá muitas risadas, divertida com a cena.

Fingindo-se revoltado, David forma uma bola de neve e atira na Gillian, começando uma guerra invertida entre os dois, e que dura por um bom tempo, até que eles, após uma estratégia mal planejada de David, acabam rolando juntos pelo chão.

Por alguns segundos David acaricia levemente a face de Gillian sorrindo, até que diz: - Gillian Anderson... oito anos se passaram e o seu rosto não mudou nada.. Deveria vender sua fórmula de beleza! Aposto que a Téa pagaria uma fortuna para ser como você.

- Hum.. é bem simples.. só é necessário ter felicidade, um homem lindo e inteligente e um pouco de ousadia.. - após dizer isso, Gillian puxa o rosto de David lhe dando um beijo profundo que é correspondido a altura...

Fim da Primeira Parte

Segunda Parte

Autora: Cida

Gillian acordou naquela manhã de vinte e quatro de dezembro bem à vontade... levantou-se e foi tomar um banho. Logo que voltou ao quarto, teve uma grata surpresa: sua cama, seus móveis, tudo estava repleto de lindas rosas de todas as cores e tamanhos... e ao pé de sua cama, lhe aguardando ansiosa, estava sua menininha linda. Piper, seu maior e mais precioso tesouro, lhe trazia o café da manhã... e um abraço tão gostoso quanto a vida!

"Esse será um dia muito especial...!" foi a única coisa que a Gillian conseguiu pensar, antes de cair em cima da cama com Piper nos braços.

Durante o dia, Gillian se preocupou com cada detalhe da ceia natalina que seria servida naquela noite a familiares e amigos bem íntimos... tudo tinha que estar perfeito, assim como estava sendo sua manhã.

Depois do almoço, Gillian e Piper saíram juntas, só as duas... mãe e filha e foram se divertir como a meses não o faziam... foram ao parque e a Gillian empurrava Piper em um balanço feito de cordas e um pneu de carro... correram livres como duas pessoas comuns, sem medo de serem reconhecidas e abordadas por estranhos (que embora sejam seus fãs, ainda são completos estranhos...)

O dia passou rápido e a tarde já caía, quando elas se sentaram em frente a um lago e viram o sol se pôr. Já estava frio e resolveram voltar para o aconchego do lar.

Gillian nunca havia visto a filha tão feliz e nunca havia, por sua vez, se sentido tão bem, livre, completa, como naquele dia.

Noite... os convidados começaram a chegar; a festa estava bem animada. Já havia passado das vinte e três horas quando Gillian pegou Piper nos braços e a levou para a cama. Tadinha, esta estava exausta, corra e divertira-se muito durante todo o dia... mas Gillian estava exuberante em seu vestido azul, que realçava ainda mais sua pele branca e seus brilhantes olhos azuis, que se emocionaram ao colocar Piper na cama e olhá-la dormir.

"É como um Anjo..." - pensou Gillian, ainda olhando para a filha com os olhos já marejados de lágrimas, mas lágrimas de felicidade!

Ela pôs ao pé da cama da filha todos os presentes que havia comprado para ela e, com um sorriso entre lágrimas, beijou a testa da filha e se despediu com um carinho.

"Boa noite, meu anjinho...!!!"

Foi uma noite realmente especial. Todos os seus familiares presentes, seus amigos mais queridos, sua filha dormindo protegida e cercada de tanto amor... o que mais ela poderia pedir a Deus nesse dia? Estava feliz como nunca antes estivera. Era o centro dos olhares e, como sempre, estava ainda mais radiante que de costume... tudo perfeito... tudo era como um sonho!

Ao soar o sino todos se cumprimentaram e se desejaram felicidades... trocaram presentes e se reuniram em torno da mesa, onde a ceia já estava posta. Foi um momento mágico.

Gillian olhava em sua volta e nada lhe parecia poder lhe fazer mal por tudo que havia acontecido em sua vida até aquela maravilhosa noite e ela pensou dentro de si mesma: "Não me arrependo de nada que fiz até aqui, pois foram meus atos e feitos que me trouxeram aqui neste momento! "

E ela sorriu, enquanto sua mãe a abraçava e depois seus irmãos, pai e amigos.

Todos haviam ido embora. Já era Natal, já passavam das quatro horas da manhã e era como se ela não precisasse descansar. Ainda estava alegre, radiante e totalmente sóbria na sua alegria.

Desejou boa noite aos seus pais e irmãos e se retirou, mas não para o seu quarto. Foi para o quarto de Piper.

Mal podia esperar para ver a carinha da filha, sua alegria ao desembulhar cada presente. Só de imaginar, Gillian já sorria...

Deitou-se ao lado da filha, abraçando-a pelas costas e fazendo com que a menina ficasse em posição fetal... e ela a abraçava como se quisesse sentir novamente a filha dentro de si... e assim adormeceu.

Manhã do dia vinte e cinco de dezembro.

Piper acordou com sua mãe ainda lhe abraçando. Ela sorriu ao ver o rosto da mãe tão perto do seu... sentiu o amor que a cercava e a proteção que possuía... olhou maravilhada para todo os cantos de seu quarto e só o que viu foram os pacotes e mais pacotes de presentes por todo o quarto.

A menina sorriu, como que hipnotizada, com as cores e formas tão diferentes de cada embrulho. Ela voltou-se para a mãe e a beijou com força o que fez Gillian despertar de seu sono tranquilo... então sorriu ao ver o brilho dos olhos de sua filha.

E ali, naquele momento, ajudando a filha a descobrir cada presente, cada novidade, ela se perguntava:

"Haverá maior felicidade que esta?"

E olhando curiosa e atenta a bela e agitada menina desembulhando os presentes, ela sorriu e seu coração se inundou de uma emoção única... AMOR!

Fim da Segunda Parte

Terceira Parte

Autora: Marina

Ela acordou com os raios do sol lhe banhando o rosto. Sentiu uma paz enorme. Olhou para o seu lado, observando Piper dormir. Sorriu.

Aquele Natal seria perfeito. Nada em excesso, nada que pudesse atrapalhar. Haviam passado a noite viajando, para chegar a essa casa muito distante da civilização. As coisas já estavam semi-preparadas para aquela noite especial. Tudo era tão mágico...! Não poderia explicar quão impossível era bom estar feliz do jeito que estava. Ela tinha ali tudo o que precisava... bem, quase tudo.

Gillian sabia que não poderia ter tudo. Havia um detalhe pequeno, mas não com menos importância. Ela sentia saudades daquelas conversas, das gargalhadas, daqueles joguinhos que só eles sabiam jogar. Ela sabia que, se fechasse os olhos e respirasse fundo, podia sentir aquele gosto levemente adocicado se misturando em sua boca e aquelas mãos grandes lhe afagando os cabelos ruivos. Sorriu novamente, após abrir os olhos.

Piper estava a observá-la, sorrindo. O sorriso mais iluminado que uma criança poderia dar. Perguntou o que Gillian estava a pensar, e ela respondeu apenas "momentos bons".

* _ * _ * _ * _ *

A noite se aproximava e a mesa já estava decorada. Piper estava linda, num vestido branco com detalhes prateados e Gillian estava com um vestido azul celeste, bem leve, mas que demarcava suas curvas. De repente, um som ecoou pela sala toda. É a campainha. Gillian faz uma careta e caminhou lentamente até a porta e, logo em seguida, sua face se modificou. Um misto de alegria e surpresa.

David lhe sorriu, meio embaraçado. Gillian perguntou como ele a havia achado, mas ele não respondeu ao certo. Ela o convidou para entrar e Piper logo foi até ele, com um grande sorriso. Ele lhe entregou um pacote que estava em suas mãos e ela agradeceu, sentando-se no meio da sala, entretida com seu presente novo.

David e Gillian conversaram um pouco, algumas gargalhadas foram soltas, o que a fez lembrar dos velhos tempos.

Ele lhe disse que tinha que ir embora, pois estava ficando tarde, mas ela insistia para que ele ficasse, pois há muito não conversavam e que... ela estava com saudades dele. Ele levantou-se, dizendo que realmente precisava ir, embora não o quisesse.

Ambos foram até a porta e ela o acompanhou até su carro. Porém lá fora fazia bastante frio, diferente da casa, que estava bem aquecida.

David lhe cedeu seu casaco e a abraçou, a fim de esquentá-la. Ela sentia aquele perfume forte e aqueles braços que ela, secretamente, desejava sentir.

Ele a fitou, dizendo que já havia feito muitas coisas das quais havia se arrependido. Mas nenhuma se comparava a seu casamento. Sentia um enorme carinho por sua esposa, mas sbia bem quem queria ao seu lado.

Suas respirações estavam mais densas e eles mais próximos. Ele continuou dizendo que tentou fugir da realidade e não ver a quem ele amava. Mas agora era hora de agir com maturidade e encarar que... que ele a amava mais do que conseguia. Que isso o sufocava e o sufocava ainda mais saber que haviam tantas barreiras os impedindo.

Ela escutava calada, segurando as lágrimas.

Então ele segurou seu rosto delicado em suas mãos e encostou os lábios nos dela; era um beijo que haviam desejado tanto, durante tanto tempo, que parecia irreal.

O beijo estava mais profundo e suas mãos se encontraram e se entrelaçaram.

David e Gillian se separaram sorrindo.

Ela falou que era um ótimo presente de Natal. O melhor presente que poderia receber.

Ele perguntou quando se encontrariam novamente.

Ela não respondeu; só falou que não poderia ser desse jeito.

Ele afirmou, falando que tudo seria resolvido. Terminou sua frase com um "te amo" e ela retribuiu.

Gillian voltou para casa ainda sentindo o beijo quente dele e seus braços em torno dos dela. Entrou em casa. Era quase meia noite.

Sorriu e foi cear com Piper.

Fim da Terceira Parte

Quarta parte

Autora: Rosa

O Natal da Gillian

Mesmo que uma ausência se fizesse mais forte naquele dia, mesmo que uma saudade batesse lá no fundo da alma, mesmo que uma vontade de ouvir uma certa voz se fizesse urgente; mesmo assim, eu acredito que ela tenha passado um grande dia, cercada de carinho...

São oito horas da manhã e um final de sonho é interrompido pelo toque do telefone. Gillian abre os olhos de repente, mas imediatamente os fecha, ofuscada pela luz do dia que entrava pela janela do quarto. Permanece quieta, já em vigília, mas o barulho do telefone já havia perturbado um sonho do qual agora, só lhe restavam algumas impressões tênues. Lembrou-se que estava vestida de branco e cercada por inúmeras pessoas, cujos rostos conhecidos lhe era impossível, agora, determinar. A sensação agradável foi desaparecendo enquanto a realidade fazia ela esticar o braço para alcançar o aparelho de telefone que novamente insistia em tocar.

- Alô, disse ela num tom rouco. Oi, eu acabei de acordar... não, não tem importância, tenho mesmo que levantar, afinal hoje é Natal! Está bem, estarei te esperando à tardinha.

Gillian colocou o fone de volta no lugar e por uns momentos refletiu sobre a amiga que acabara de ligar; as duas eram muito íntimas e próximas e ela sentia o fato dela estar passando por uma crise num casamento de quinze anos que a estava abalando profundamente.

Num gesto rápido, ela se livrou das cobertas e caminhou lentamente até a janela aberta. Os risos e gritinhos entusiasmados de Piper chegavam até seu quarto. Gillian a observou por alguns instantes e sorriu feliz por ter por perto alguém com quem dividir suas alegrias e tristezas. Piper era filha e amiga de qualquer hora em que elas pudessem estar juntas e mesmo ainda menina, ela acompanhava os sentimentos da mãe com carinho.

Naquele dia especial para tantas pessoas, nada era diferente para Gillian. Sua simplicidade era tão espontânea que seria difícil ela passar o Natal sozinha. Ela sentia prazer em organizar tudo para a ceia de Natal e ajuda não lhe faltava.

Logo, logo, a amiga que a despertou cedo, chegava a sua casa com presentes nos braços. A sua chegada provocou uma corrida de Piper até ela, na ansiedade de abrir todos os pacotes. Os mesmos foram colocados sob a árvore de Natal e a amiga e Gillian seguiram para o jardim onde mais tarde, a anfitriã receberia seus convidados.

- Estou te achando calada, hoje. O que houve? – perguntou a amiga.

- Nada. Acho que não é nada. Apenas estava pensando porque o Natal me deixa triste?

– respondeu Gillian com um sorriso discreto nos lábios, antevendo uma resposta conhecida.

Mas a amiga limitou-se a olhá-la, séria, e continuando a ocupar-se com os preparativos, arriscou:

- Você ainda não o esqueceu, não é?

- O quê? - respondeu Gillian, de uma forma irônica – não comece novamente com isso! Sabe muito bem que não gosto de me prender ao passado.

- Sim. – interrompeu a amiga – mas talvez o passado ainda te traga tantas lembranças que fica impossível se desligar dele. Não precisa fingir comigo, Gillian, sei o quanto o amou...

Neste momento, Piper passou correndo entre as duas levando junto a toalha rendada que cobria a mesa ainda desarrumada. Gillian fez um gesto com os braços, ignorando se a causa da sua impaciência era a brincadeira da filha ou os comentários da amiga; ou ainda, o incômodo desconfortável dos sentimentos que embora mornos, se recusavam a desaparecer de seu coração. Suas reflexões foram interrompidas pela voz suave da amiga que a observava e que carinhosamente colocara seu braço nos ombros de Gillian.

- O David ainda é muito importante pra você. Não é mesmo?

Gillian se afastou dela e acrescentou.

- Vamos acabar com esta conversa porque temos ainda muita coisa a fazer! Vamos, vamos!

A noite estava fria mas ainda assim agradável, quando começaram a chegar os convidados. Gillian estava com um vestido branco, que brilhava a cada movimento de seu corpo esguio e miúdo. Apenas um colar de pedras transparentes ornava seu colo e seus cabelos esvoaçavam teimosamente sobre seu rosto levemente maquiado. Seu sorriso chegava antes dela e junto com Piper, com um vestido rosa pálido, ela recebia seus amigos com a simpatia habitual e cada brincadeira, ela coroaava com sua gargalhada contagiante.

A noite de Natal estava apenas começando mas prometia ser perfeita.

Após a ceia, as crianças correram ansiosas para procurarem seus presentes e a algazarra foi geral.

No momento em que todos brindavam com champanhe, uma copeira da casa veio avisar Gillian de que havia um homem no portão da casa, com as mãos ocupadas com um buquê de flores, e que o mesmo não queria entrar.

Por um momento, Gillian sentiu suas mãos frias e resolveu atender ela própria a tão inesperada visita. Do local do jardim em que estava, não lhe era visível a entrada da casa e o caminho até o portão parecia não terminar nunca. Por um segundo ela desejou que David estivesse lá, mas quando lá chegou, sentiu-se um tanto boba por ter pensado tal coisa.

"É apenas um entregador de flores." – pensou ela, como se o fato não fosse estranho àquela hora da noite, mesmo uma noite especial.

Gillian agradeceu ao homem e buscou um cartão no meio das rosas vermelhas. No envelope ela leu o seu nome e ao abrir, ela recebeu o seu presente:

"Gillian, minha doce parceira, como eu gostaria de lhe dar um beijo especial nesta noite!

Nossos caminhos, um dia tão próximos, se afastaram.

Não guarde mágoa de mim. O tempo que passamos juntos foi maravilhoso! Serei sempre, mesmo de longe, um amigo incondicional e se outra vez nossos destinos se unirem, não perderei a oportunidade de te amar novamente...

Este pensamento me atormentou um pouco toda a noite. E mesmo achando que não deveria, eu resolvi audaciosamente enviá-lo junto com essas flores.

É muito menos do que você merece... E muito mais do que eu deveria estar fazendo...

Feliz Natal, Gillian." David

fim da quarta parte

Quinta Parte

Autora: Wan

A reunião e comemoração da data cristã com os familiares e amigos e sua amada filha Piper, a haviam deixado imensamente feliz. Agora, porém, está longe de todos, do burburinho, das luzes, dos papéis brilhantes dos presentes, da árvore de Natal colorida, iluminada e imensa ao canto da espaçosa sala.

Havia passado a correria alegre das crianças, o reboliço que haviam causado com sua euforia.

E então suspira agora, sozinha, em seu quarto.

"A minha pequena filha amada. O doce fruto de uma paixão. E aquele que ajudou-me a gerar esse fruto? Onde estará neste momento?" - suspira e coloca-se diante da janela, olhando o escuro céu da noite gelada.

A neve havia parado de cair, deixando sua brancura por toda parte. Os alvos pedacinhos sobre o parapeito da janela brilham ainda à luz do lustre aceso no ambiente silencioso.

Ela afasta-se da janela, olha pensativamente para algumas taças colocadas sobre uma pequena mesa em seu luxuoso quarto de dormir. Toma uma garrafa e, lentamente, vai colocando numa das taças uma borbulhante e dourada bebida. Toma um gole, saboreando-lhe com prazer.

Seu pensamento voa para longe, lá onde somente o coração pode desvendar o caminho.

E ela o vê. O homem amado. Vê o jeito dele, seu andar balançado, o cabelo castanho um pouco despenteado, aquele rosto que a fascina e o olhar que a intriga. Aquele olhar que deseja sempre aprofundar-se no mais íntimo do seu ser. Ele. A sua paixão. Mas também o seu algoz.

Ela passa, lentamente, os dedos por sobre a beira da taça. Olha para ela, como que, desejando ver, ali dentro daquelas borbulhas, algo que lhe traga uma alegria diferente daquela que tivera no decorrer do dia e da noite.

Nesta madrugada solitária, só quer agora é pensar, poder deixar correr solta a imaginação e voltar a sentir aqueles braços quentes e cheios de vibração daquele homem que tanto ama!

Num ímpeto, sem mais pensar, leva aos lábios todo o conteúdo da taça.

Fita-a, com os olhos brilhantes, onde as lágrimas já avisam que vão chegar. Seus lábios movimentam-se, distendendo-se num gesto de choro. Ela sente que de lá do âmago do seu coração, vem o pranto. Pelo amado muitas vezes já havia chorado. Desde a sua mocidade. E não tem idéia de quantas vezes ainda o fará.

Continua fitando a taça ... vazia. Vazio também está o seu coração.

Vai até a garrafa e novamente enche a taça. Levanta-a até o alcance do olhar para apreciar, através da finura transparente do cristal, as pequeninas bolhas estourarem.

Em cada uma delas pode ver o rosto e o sorriso do seu amado.

Lembra do aconchego junto a ele nas horas em que se encontravam. Relembra aqueles beijos quentes, ardentes e ansiosos dele em momentos de suas vidas. Recorda, com um suspiro, o corpo desejoso dele a lhe procurar.

Ela segura a taça, olhando atentamente para o líquido dourado dentro dela e toma um gole, dois, três, quatro... sorve com sofreguidão o restante na taça.

Um soluço tímido quer sair de seu peito. Está triste. As risadas ou até as gargalhadas que lhe haviam saído horas atrás, facilmente pela garganta, são somente uma simulação. Um engano.

Agora, neste momento, tão sozinha, só quer parar. Tentar lembrar mais. Ou esquecer. Tantos anos de convivência que os haviam tornado um só ser. Tem certeza disso. Só que o destino é cruel. Ele é um verdugo. Que maltrata. Que fere... que faz sofrer.

Numa última tentativa de esvaziar da mente os pensamentos, enche novamente a taça de luzíδια transparência.

Depõe a garrafa na mesa. Olha-a, atentamente. Seu olhar é severo para o recipiente, como se estivesse recriminando-o por fazê-la beber o seu conteúdo líquido embriagante.

Com a taça na mão vai até a janela. Abre-a Em fração de segundos atira todo o conteúdo da taça no ar.

O líquido atirado, como um raio desfaz-se em brilho sob o escuro da noite.

E ela, a mulher vivida, com garra, perseverante, atenta, batalhadora, sente-se desvanecer. Seus membros fraquejam, aquecem-se-lhe as carnes.

Ele coloca a taça na beirada da janela.

Dirige-se à cama.

Joga-se nela como está. Quer somente dormir, agora. Quem dorme, esquece. Ou talvez... possa até sonhar...!

Boa noite, Gillian!

Fim

DEVANEIOS...IMAGINAÇÃO...FANTASIA...SONHO...QUIMERA

CAPÍTULO EXTRA XV

ANIVERSÁRIO FELIZ...??

O céu pontilhado de estrelas que tremeluzem cintilantemente na noite quente.

A lua, como a boca do céu sorridente, com sua luz prateada, convida a sonhar momentos românticos, doces.

O silêncio, somente cortado pela imensidão do ruído dos grilos nos arvoredos, incita a imaginação relembrar cenas de outros tempos.

Dana Scully, com o rosto voltado para esse cenário, com os olhos fechados no entanto, leva os dedos ao pescoço, sentindo angústia nesse momento.

O seu peito parece querer explodir, vindo lá de seu interior o peso imenso da dor. E sai, por fim, num soluçar angustiado.

Saudade. Falta. Ausência.

"E ele não está aqui, ao meu lado.

Quisera até que o tempo retornasse para tê-lo junto de mim.

Foi numa noite como esta que ele me deu um presente... é... um presente...um simples chaveiro, mas que me foi entregue por sua mão quente... acariciadora... da qual eu não havia ainda conhecido o poder que me faz vibrar, fascinada, com seu toque.

Foi através dos lábios dele que ouvi sua voz que me atrai, me suga a alma, dizendo que lembrava do meu aniversário... num dia 23 de fevereiro, como este... e hoje estou aqui... necessitada de vê-lo, senti-lo...!

Mulder... a ausência dói, a saudade maltrata, a falta castiga... Mulder, quisera poder prender os meus olhos na tua figura querida diante de mim."

- Mulder...!

Os olhos azuis inundam-se de lágrimas abundantes.

Ela leva a mão ao peito dolorido pelo peso da tristeza.

- Mulder...!

Novamente ela murmura em voz chorosa, em golfadas de pranto angustiado.

"Por que o destino te trouxe de volta e o levou embora Mulder, tão rapidamente?

Eu estou triste, Mulder... sinto tua falta... falta da tua voz... das tuas carícias, tua ternura, Mulder! Eu me sinto tão só... tão desamparada...! Embora tentando dar no trabalho tudo de mim... me faço de forte, imbatível, mas o meu coração e a minha alma estão em pedaços e você é um dos pedaços que está faltando na minha vida...!"

Dana soluça.

Deixa livremente fluir seu pranto queimante no peito frágil de mulher sofredora. Baixa a cabeça e permite que seus soluços saiam livremente.

Sabe que lhe é concedido nesse instante deixar liberar o seu sofrimento.

Sua criança, seu bebê, nada pode entender. No seu berço de inocente, ainda não tem a capacidade para discernir a dor da alegria.

Dana aproxima-se do berço de seu filho. Retira-o dali e aperta-o nos braços.

A mãozinha tateante do bebê desliza pela sua face molhada pelas lágrimas. O olhar inocente da criança fita a bela face da mãe sofrida. E não entende.

O riso inocente dele entenece o coração de sua mãe. Ela também sorri entre as lágrimas por alguns segundos, quando, em seguida os soluços afloram em sua garganta, num novo espocar de dor.

Dana aperta seu filho de encontro ao peito. Ali está um pedacinho do seu amor. Um pedacinho de Mulder.

Aos poucos, sentindo o pulsar do coraçãozinho do bebê, que parece aplacar o seu sofrimento, vai, lentamente, acalmando seu coração angustiado. Os soluços cessam. As lágrimas não correm mais. Um grande e dorido suspiro entrecortado ela deixa liberar do fundo do peito.

Fita com amor sua criança. Está calma. Serena, agora.

Caminha alguns passos em direção à janela.

Olha a noite e o céu estrelado.

Dirige o olhar para o bebê em seu colo. Fala, em voz entrecortada:

- Filhinho, diz pra mamãe: feliz aniversário!

DEVANEIOS...IMAGINAÇÃO...FANTASIA...SONHO...QUIMERA

CAPÍTULO EXTRA XVI

DESCRIÇÃO

Dele é o porte alto, ainda esguio... beleza pura
Dela o corpo pequeno, na sua frágil figura
Dele são as pernas e braços sedutores
Dela os bem torneados membros inferiores.

Dele é a boca sensual, desenhada... sem igual
Dela os lábios róseos em flor... sedução total
Dele são os cabelos castanhos quase sempre em desalinho, jogados
Dela os ruivos fios, arrumados sempre em maiores cuidados.

Dele é o olhar visivelmente intenso, esquadrinhador
Dela os olhos de um azul imponente, deveras indagador
Dele é o sorriso de menino fazendo alguma traquina ação
Dela os lábios se entreabrem discretos, cheios de circunspeção.

Dele é o corpo de andar forte, pesado, balançante
Dela o caminhar firme, seguro, nunca insinuante
Dele as palavras saem num diferente modo de ser
Dela a voz doce, mas enérgica, sempre... para se proteger.

Dele são os braços fortes, no tórax que é uma tentação...
Dela o busto farto no peito, em indisfarçável ostentação
Dele em geral o jeito brusco, mas às vezes um tanto delicado
Dela maneiras certas, femininas, em carinho insinuado.

Será necessário citar nomes pra dizer quem eles são?
Será preciso falar que são maravilhosos personagens
que amamos com afeição?
Acho que todo eXcer que se preza já sabe com o coração
São os lindinhos Mulder e Scully a quem sempre devotamos
nossa shipper atenção.

Wanilda
02.03.02

Epílogo

Este é o meu quarto livro Devaneios.

Às vezes fico pensando como consegui elaborar até aqui narrativas contando a vida desses dois Agentes, Mulder e Scully. Me ponho a pensar como pude criar tantas situações para esses dois. Mas é o tal caso; vai-se conhecendo mais e mais os personagens e mais e mais se vai tomando amor por eles.

E é exatamente esse amor que me fez passar tantas horas da minha existência em prol de criar pequenas estorinhas para esses dois, que são o bem querer de milhões de fãs no mundo inteiro.

É muito lindo poder sentir que não estou só, isto é, não somente eu aprecio e tenho verdadeiro prazer em realizar tal trabalho.

Posso dizer que existem milhões que fazem o mesmo que eu faço; dedicam uma parte de sua vida para preenche-la fazendo fanfics, desenhos, colagens, quadrinhos, cliques, gifs animados e tudo o mais que nos faça lembrar de que o Seriado Arquivo-X ficará para sempre nas nossas lembranças, no nosso coração.

Está se anunciando agora o final do Seriado. Triste notícia. Acabou. Fim. Mas para a TV, porque para nós, seus fãs, irá permanecer para sempre o amor pela série e seus personagens.

E o que dizer das amizades que fizemos com o decorrer dessas temporadas do Arquivo-X? Esses amigos permanecerão em nosso convívio, porque eles deverão fazer parte de nossa vida. Sempre. Os amigos que nos incentivam a escrever mais, que elogiam ou criticam de modo construtivo, para que possamos mais aprender no desenvolvimento de nossos trabalhos.

Devo dizer que neste livro, no Capítulo 100, eu conto, conforme a minha imaginação me ajuda, toda a trajetória do grande amor que sempre existiu entre Mulder e Scully, desde o momento em que se conheceram, até o maravilhoso instante em que nasceu o fruto desse amor: seu filho.

É lógico que, durante a série, houve muitas passagens em que os dois tiveram aborrecimentos, desavenças, mas no momento em que sentiam que a solidão os atormentava, percebiam a necessidade de estar um junto do outro. A presença de cada um era o suficiente para encher-lhes de paz o coração.

O nosso bem-amado Chris Carter, o criador dessa fabulosa série nunca permitiu aos que a assistiam, ver mais que pequenos flashes dos

rompantes de romance insinuado entre os dois Agentes. O Carter sempre escondeu o que pudesse haver, de verdade, entre os dois que se amavam. Mas eu, porém, contei, à minha maneira, é claro, como aconteceu em cada cena que acontecia no Arquivo-X.

Pois é isso, amigos leitores, com mais este livro Devaneios que faz parte do meu Folhetim na Internet, ponho para fora minhas fantasias, a minha imaginação, os meus próprios devaneios...

Wanilda Vale

Rio de Janeiro

28.02.2002

E-mail wanshipper@yahoo.com.br

Site wan.shipper.nom.br